

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Frondizi foi deposto pelas Forças Armadas

BUENOS AIRES, 29 — O presidente Frondizi, da Argentina, foi hoje deposto pelas Forças Armadas. O general Raul Poggi, comandante-chefe do Exército e substituto do ministro do Exército, que ontem se demitiu, enviou a todas as guarnições militares a seguinte mensagem: «O presidente foi deposto. Esta situação é definitiva».

Os três comandantes-chefes das Forças Armadas tomaram conta do Poder, tendo publicado uma longa declaração em que justificam o golpe de Estado.

Foi para preservar a Constituição e os princípios democráticos que os militares derrubaram o presidente Frondizi — afirma-se na declaração dos três chefes das Forças Armadas publicada esta manhã com a assinatura do general Raul Poggi, do general da Aeronáutica Antonio Cayo Alsina e do contra-almirante Augustin Penas.

A proclamação dos militares argentinos recorda os acontecimentos actuais e a acção das Forças Armadas quando do acesso ao poder de Frondizi, em 1958. Justifica, por último, as repetidas crises político-militares com o dever que cumpre ao Exército de se conservar vigilante.

A DECISÃO DO PRESIDENTE DE NÃO SE DEMITIR FOI MANTIDA ATÉ AO FIM

As forças armadas haviam marcado a Frondizi a madrugada de hoje como prazo para aceitarem a sua demissão.

Durante a noite e o princípio da madrugada houvera grande actividade política.

Os chefes das três armas avistaram-se durante meia hora com Frondizi, pela última vez, já depois da meia-noite, na sua residência de Olivos. E o presidente repetiu o que horas antes declarara: não se demitia. Horas depois era anunciada a sua deposição.

O PRESIDENTE DO SENADO RECUSOU SUCEDER A FRONDIZI

Houve também duas reuniões dos chefes militares com o presidente provisório do Senado, José María Guido, que, segundo a Constituição, substitui o presidente. Caso Guido acedesse a assumir a presidência, evitar-se-ia a instalação de uma junta militar. Mas o presidente do Senado recusou suceder a Frondizi.

Sabe-se, no entanto, que os dirigentes militares tencionam consultar os elementos que se seguem a Guido na sucessão — o presidente da Câmara dos Deputados, Federico Fernandez de Monjardin, e o

Os militares internaram o presidente numa ilha-prisão.

(Notícia na pág. 16)

presidente do Supremo Tribunal, Benjamin Villegas Basavilbaso.

Só no caso de falharem todas essas possibilidades é que será instituída uma junta militar.

Continuam ocupados pelas tropas

os edifícios principais de Buenos Aires: a Casa Rosada, o palácio do Governo, o Congresso, as estações de Rádio e de Televisão, Correios e outros. Os militares impõem uma censura de facto. — (A.N.I. e F.P.)

CARNE ARTIFICIAL

ESTÁ A SER USADA EM CIRURGIA PLÁSTICA

NOVA YORK, 29 — «Carne artificial» destinada a cirurgia estética acaba de ser produzida pela firma General Electric, Co.

Trata-se de uma borracha de silicone destinada a substituir os tecidos lesados em consequência de operações cirúrgicas.

Segundo o dr. Jack J. Rose, membro da equipa médica da firma, essa substância deu já interessantes resultados no decorrer de experiências, nomeadamente em dois casos de cirurgia plástica consecutivos a cânceres na face. Uma dessas operações traduziu-se pela ablação do maxilar superior esquerdo e da região ocular. A prótese foi moldada de forma a reproduzir exactamente as partes do rosto desaparecidas e a cor da «carne» confundiu-se perfeitamente com a da pele. — (F. P.)

PROCURA-SE

noiva «adequada»
para um príncipe

TOQUIO, 29 — Funcionários da casa imperial japonesa estão a procurar uma noiva «adequada e de família decente» para o príncipe Yoshi, de 26 anos, filho mais novo do imperador Hirohito. — (R.)

Catorze bombas explodiram em Paris durante a noite passada

PARIS, 29 — Catorze bombas de plástico explodiram ontem à noite em Paris em 90 minutos. Uma das explosões feriu uma porteira.

Esta manhã, estourou uma carga de plástico no Oitavo Bairro, em frente do «atelier» do arquitecto Bernard Zehrhuus, conhecido pelas suas opiniões liberais. Os danos materiais são bastante grandes, mas não houve feridos.

No Décimo Quarto Bairro, uma explosão, também esta manhã, causou sérios danos em três andares de um prédio. Tratava-se possivelmente de uma carga de plástico. No prédio habita um membro do «Movimento da Paz».

Em Lille, a deflagração de uma bomba causou prejuízos consideráveis na sede local do Partido Comunista. A acção é atribuída a O. A. S.

Prosseguem as prisões de simpatizantes da Organização do Exército Secreto.

FARÊS SEGUIU PARA ARGEL

O Governo francês completou ontem os seus preparativos para a

(Continua na 10.ª página)

VISADO PELA CENSURA



ARTURO FRONDIZI

Um vasto plano de povoamento de Angola

—apresentado pelo governador-geral

LUANDA, 29 — Perante as mais altas individualidades, o governador-geral, expôs a política actual do povoamento em Angola a realizar desde já em 4 zonas distintas: Cabinda, Congo, Bailundo e Caconda. Apresentou as bases do grandioso plano, que é um empreendimento de vastíssimas proporções e que transfigurará por completo a físi-

(Continua na página central)

PORTUGAL E O MERCADO COMUM — 6

pelo PROF. DANIEL BARBOSA

Posta de lado, por impossibilidade de adaptação nas circunstâncias actuais, a hipótese de haver vantagem numa posição de isolamento em relação ao Mercado Comum, res-

ta-nos ver o que uma adesão a ele porventura nos traz de dificuldades e de benefícios, e o modo como se poderá obter a favor destes um saldo francamente positivo.

E' certo que tal pressuposto impõe, como se disse já em artigo anterior, a aceitação dum sacrifício, em certo grau, dum princípio de autonomia económica que não é fácil sustentar no mundo de hoje; mas o que interesse, ao caminhar-se eventualmente em tal sentido, é manter-se sem mácula o conceito de soberania que está naturalmente na base de todo e qualquer Estado nacional e, no caso particular que nos respeita, fazê-lo em reforço duma unidade político-territorial que tem de ser condicionante de toda e qualquer adesão.

E' igualmente certo que a termos de suprimir, mesmo a longo prazo, certas formas de protecção à produção nacional de bens e de serviços que presentemente mantemos como meios indispensáveis de dele-

(Continua na 7.ª página)

ERA ALÉRGICO

A... ESPOSA

LONDRES, 29 — «The Family Doctor», uma revista britânica de Medicina, cita hoje o caso de um doente de asma, que se restabeleceu completamente logo que morreu a esposa.

O dr. Michael O'Donnell, comunicando o caso, declara: «O asmático era alérgico à esposa — uma senhora tirana e formidável...». — (R.)

HOJE 24
PÁGINAS

nas quais se inclui
«VIDA LITERÁRIA
E ARTÍSTICA»



A chegada a Paris do embaixador da França em Moscovo, Maurice Dejean, que foi chamado ao seu país, depois de a Rússia ter reconhecido «de jure» o governo argelino

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

OS LEITORES DA BIBLIOTECA

Elementos de cultura como outros não há, as bibliotecas são essenciais a uma população que não queira permanecer sistematicamente atrasada. Nas universidades, as bibliotecas constituem o principal elemento do progresso espiritual de alunos e professores. E' que se nem toda a ciência vem nos livros, não há progresso intelectual sem leitura cuidada. Mas as bibliotecas, tanto universitárias como outras, exigem instalações condignas e cómodas para atrair os leitores. Desde que essas bibliotecas tenham os livros que convêm aos estudantes e aquele mínimo de conforto a quem lê e investiga, os leitores aparecem. Haja em vista o que se verificou agora com a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Bastou melhorar as suas instalações para logo aumentar o numero de leitores. A média de leitores diários na primeira semana computa-se á roda dos quatrocentos e cinquenta, com cerca de quinhentas obras consultadas, sendo se horas um terço dos consulentes. A leitura nocturna — outro grande beneficio da Biblioteca Geral da Universidade, pois essa leitura estende-se desde as 17 e 30 ás 19 horas e das 20 e 30 ás 23 — também apresenta numeros dignos de verdadeira admiração, dado que a frequência foi de cerca de cem leitores, que requisitaram uma média de cento e oitenta livros. Motivos deste aumento? Em primeiro lugar, as óptimas condições das salas, de ambiente agradável, aquecidas, mesas amplas, etc., e também motivos técnicos, pois os leitores têm livre acesso aos catálogos, aos livros de referência que estão na sala de leitura. Além disso, a rapidez, na comunicação da espécie bibliográfica, é extraordinária, pois ela é quase simultânea com a chegada do leitor ao seu lugar, na respectiva sala.

PALACIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu, em audiência, no palácio de Belém, os srs. tenente-coronel Lopes dos Santos, governador de Macau; comandante José Soares de Oliveira, dr. Oscar Firmino Carmona e Costa e José Seisal.

NOVOS ACADEMICOS

Na reunião de ontem da Academia Portuguesa da História, foram eleitos novos académicos de numero para as vagas dos dres. António Balaço, Manuel Murias e Mendes Correia. Foram eleitos os srs. António Machado de Faria de Pina Cabral, Frazão de Vasconcelos e mons. José de Castro. Foi eleito sócio correspondente o rev. António Joaquim Dias Dinis.

DOZE FILHOS

Em Eiras, Santo Adrião, da Vizela, a sr. Menilde da Conceição, casada com o jornalista sr. Manuel Carneiro, deu á luz três gémeos: dois rapazes e uma menina. Estão de perfeita saúde os pimpolhos. Os pais, pobres como os mais pobres, vêem assim aumentado o rancho de seus filhos para doze. São doze bocas numa casa pobre de Eiras.

O AGICATE DO CIUME

E' uma verdadeira praga o ciume, pior que vórbora a roer o interior da sua vítima. O trabalhador sr. Fernando Fernandes, de 49 anos, era casado com a sr. Beatriz Caldeira, de 42 anos. Residião no lugar da Atalaia, Montijo. A sr. Beatriz saíra, há uns 15 dias, de casa e fora viver com uma sua prima. Pois

LEGALMENTE MORTO

O sr. Luís Pereira Nicolau, ferroviário, que trabalha no Entroncamento, precisou de tirar o bilhete de identidade. A certidão de identidade, porém, que deveria ser passada pela Conservatória de Torres Vedras, onde o sr. Nicolau nasceu, não o foi. E' que ele... morrera há 21 anos. E agora anda o cidadão, a dar voltas e mais voltas, para desfazer a asneira de um funcionário publico. Está morto legalmente e está farto de correr repartições para provar que... está vivo e são, de facto.

LAGAR DE AZEITE

O concelho de Mirandela é dos grandes produtores de azeite do País. Os proprietários de olivais têm a sua Cooperativa de Oleicultores, mas não dispõem de um lagar cooperativo. Ora, para tratar desse problema se reuniram ontem no ginásio-sede da linda vila que o Tua banha e a Senhora do Amparo protege com seu manto. Ficou resolvido na reunião pedir á Federação que edifique, com urgência, os armazéns para azeite. Foi constituída uma comissão para tratar do caso do lagar cooperativo.

ontem o sr. Fernandes dirigiu-se lá e com uma podoa vibrou muitos golpes. Aos gritos acudiram vizinhos e conhecidos e o sr. Fernando Fernandes abalou do local, desvalado, e atirou-se a um poço, de onde foi retirado morto. A vibora do ciume o matara.

Para evitar abusos a Câmara de Évora vai proceder ao cadastro dos caminhos municipais

EVORA, 29 — Com uma regularidade digna de nota, voltou a reunir-se a Câmara Municipal desta cidade, da presidência do sr. dr. João Luís Vieira da Silva, tomando parte nos trabalhos da reunião o vice-presidente, sr. Carlos Garcia Fialho, e os vereadores srs. Joaquim Maria Torres Vaz Freire, Custódio Alves Alfacinha, Francisco José Gutierrez Caeiro e dr. Luís da Costa Marçal.

Depois de aprovados os balanços municipais, que acusaram os saldos de, para a Câmara 3 525 007\$30, e para o Turismo, de 133 321\$10, a edilidade discutiu e solucionou vários assuntos de marcado interesse cidadão.

Merecem realce especial as seguintes deliberações: adquirir ao preço de 10\$00 por metro quadrado, todo o denominado Ferragial da Estrada, com a área de dois hectares, propriedade do sr. José Inocêncio Páscoa, situada próximo do Alto de S. Bento, onde a Câmara

projecta instalar o futuro parque de recreio da cidade, que beneficiará de um grupo de três piscinas, a explorar em regime de municipalização, já superiormente aprovado; adquirir, á Santa Casa da Misericórdia de Évora e, em princípio, pelo preço-base de 20\$00 o metro quadrado, o denominado Ferragial da Nora, situado junto á Central Eléctrica e com a área de 22 800 metros quadrados, destinado a ser parcelado para casas de habitação; des afectar do uso publico, por já ser inutil, a antiga Azinhaga de Montemuro, que passa pela E. N. 114, S. José de Peramancica e Santo Antonio. A propósito desta resolução, tendo-se verificado alguns abusos de expropriação indevida de antigos caminhos e azinhagas, o Município resolveu proceder, com urgência, á elaboração do cadastro de todos os caminhos publicos do concelho, julgando poder assim evitar a continuidade da prática de tais abusos.

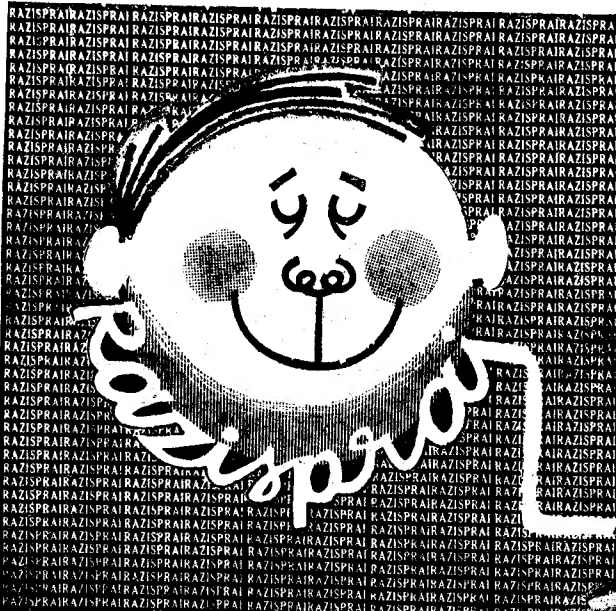
Companhias Reunidas Gás e Electricidade AVISO

Prevenimos os nossos Consumidores de que durante os meses de Abril a Setembro, os escritórios desta Sociedade estarão encerrados aos sábados.

Para assuntos urgentes ligar pelo telefone 320011.

Agora toda a gente pode fazer a barba em sua casa como um barbetto profissional com...

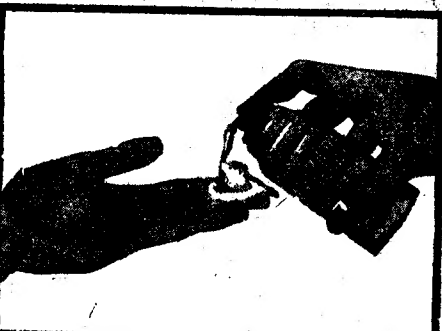
RAZISPRAI



RAZISPRAI:

- Não irrita a pele!
- Dispensa pincel!
- Conjugue a sensação de leveza e de frescura com a eficiência própria das barbearias.
- Renova e prepara a sua pele para uma nova barba, graças ao seu elevada teor de lanolina puríssima.
- Sempre pronta a utilizar!
- Dê-lhe outra personalidade!

RAZISPRAI — Um prazer novo para a sua face.



- 1 — Lavar muito bem a face de preferência com água quente e sabão, deixando a pele molhada.
- 2 — Agitar bem.
- 3 — Premir a válvula do nebulizador, deixando na mão uma pequena quantidade de RAZISPRAI.
- 4 — Aplicar directamente a espuma sobre a face molhada, com os dedos.
- 5 — Fazer a barba, molhando de vez em quando a navalha ou a máquina de barbear.

Diário da Outra Banda

Cinemas

ALMADA — *Incrível Almadense* — A's 21 e 15: «Cheyene, o rei do Oeste» e «Luta sem tréguas» (12 anos) — *Academia* — A's 21 e 15: «As duas mulheres» (17 anos).

AMORA — *Cine-Teatro* — A's 20 e 45: «A última aventura» e «O delírio» (17 anos).

COVA DA PIEDADE — *Clube Recreativo* — A's 21 e 15: «De vento em popa» (12 anos).

SETUBAL — *Luís Todi* — A's 21: «Serviço a domicílio» e «O rei da pradaria» (12 anos) — *Casino* — A's 16 e 21: «Ele, elas... e os espíões» e «Férias em Ischia» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 034137).

ALMADA — Nuno Alvares — Av. Nuno Alvares Pereira, 39-C (Tel. 070504).

BARREIRO — Santa Maria — R. do Lavradio, 76.

COVA DA PIEDADE — *Cerqueira Afonso* — P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 070254).

MOITA — *União Moitense* — Av. Dr. Teófilo Braga, 1 (Tel. 039025).

MONTIJO — *Giraldes* — R. Almirante Reis, 45 (Tel. 030008).

SESIMBRA — *Lopes* — R. Candido dos Reis, 67 (Tel. 029028).

SETUBAL — *Higiene* — R. Frei Agostinho da Cruz, 5 (Tel. 22408).

— Portugal — P. do Quebedo, 6 (Tel. 23743).

PENHORES

ALMADA

Cruzamento D. Nuno-O. Salazar
PARAGENS: PANCAO E AQUARIO



Nacional Rádio, Lda., de Lisboa e Soc. de Rep. Santos, Guimarães & Oliveira, S. A. R. L., do Porto, representantes exclusivos em Portugal das Fábricas GRUNDIG VERKAUFS G. M. B. H. de FURTH/BAYERN, Alemanha Ocidental, têm o prazer de informar que o concurso relativo ao mês de Fevereiro, será transmitido hoje cerca das 22,35 horas, pela Radiotelevsão Portuguesa.

ARTUR AGOSTINHO

Apresentará

a vedeta da canção francesa
PERELLE (Prémio Edith Piaf)

Acompanhada pelo conjunto de
JORGE MACHADO

Realização de Herlander Peyroteo
Produção Musical de Melo Pereira

A escola italiana de hoje

— numa conferência na Faculdade de Letras

A CIDADADE

Espectáculos de ópera Quem perdeu?

para crianças promovidos pela C. M. L.

No próximo sábado, às 17 e 30, no salão de instrução e recreio do bloco social da Manutenção Militar, a C. M. L. promove o primeiro espectáculo de um ciclo no qual estão incluídas várias representações musicais especialmente dedicadas a auditórios infantis.

Neste primeiro espectáculo será apresentada a ópera «Uma aventura na Turquia», com um prólogo e dois actos, original de Elsa Penchi Levy e D. Joaquim Castelo Branco. Colaboram no desempenho as crianças da Casa de Protecção e Amparo de Santo António e do curso particular daquela cantora, que também dirigirá a representação.

Os lugares foram totalmente distribuídos aos alunos das escolas primárias n.º 40 e 145, respectivamente, da Picheleira e Vale Escuro. Também as secções masculina e feminina do bloco do Vale Fundão e profissional D. Maria Pia (Madre de Deus), receberam bilhetes.

Pelos hospitais

ACESSO DE LOUCURA — Devido a um acesso de loucura, Maria Elisa Silva, de 40 anos, natural de Óbidos, que se encontrava internada no hospital daquela vila, atirou-se de uma das janelas, sofrendo graves ferimentos na cabeça e fractura de ambas as pernas. Deu entrada, em estado grave, na sala de observações do Hospital de S. José.

COLHIDA POR UM AUTOMÓVEL — Recolheu à sala de observações do Hospital de S. José, muito contusa no corpo e na cabeça, a menor de 6 anos, Maria Manuela Silva, residente em Bogalhos, concelho de Rio Maior, que foi colhida por um automóvel.

Cafés d'A Mariazinha

MORTE SÚBITA de um tripulante do arrastão «Socorena»

Arribou esta madrugada, ao largo de Cascais, quando andava na faina da pesca, o arrastão «Socorena», de bordo do qual foi desembarcado o cadáver de um tripulante que falecera subitamente.

Trata-se do motorista daquele barco, de nome Bernardino Vicente, de 54 anos, casado, natural de Rio de Mouro, Sintra, e que residia no Seixal.

A bordo, compareceu o subdelegado de Saúde de Cascais, que ordenou a remoção do cadáver para o Instituto de Medicina Legal, a fim de ser autopsiado.

O «FUNCHAL» partiu para a Madeira

Com destino aos portos do arquipélago da Madeira, largou esta manhã do Tejo o paquete «Funchal», da Empresa Insulana de Navegação, com 165 passageiros entre eles conta-se o deputado dr. Alberto Henriques de Araujo.

EM 3 LINHAS

Foi aberto um crédito especial de 200 contos em adicional á tabela de despesa ordinária do orçamento geral de Moçambique.

O governador-geral de Moçambique foi autorizado a prorrogar o prazo das importações temporárias de sacaria.

Um despacho ministerial determina que seja desdobrado, em dois subgrupos o 1.º grupo de disciplina das Faculdades de Medicina, a que se refere o artigo 1.º do decreto 43 052.

Por uma portaria do ministro da Marinha, o comando do navio hidrográfico «João Lisboa» pode ser exercido, indistintamente, por capitães-de-fragata ou por capitães-tenentes.

Linha de SINTRA

Cinemas

AMADORA — *Recreios Desportivos* — A's 15 e 21 e 15: «Bonecas de carne» (17 anos).

QUELUZ — *Queluz-Cine* — A's 21 e 15: «Rocco e os seus irmãos» (17 anos).

MEM MARTINS — *Cine-Chaby* — A's 21 e 30: «Totó e a doce vida» (17 anos).

SINTRA — *Cine-Teatro* — A's 21 e 30: «O facho e a flecha» (12 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — *Cavaca* — R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); *Flama* — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); *Confiança* — Av. Nuno Alvares Pereira, 15-A (Tel. 931149).

QUELUZ — *André* — Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043).

SINTRA — *Marrazes* — L. Afonso de Albuquerque-Estefania (Tel. 980058).

S. PEDRO DE SINTRA — *Valentim* — (Tel. 980456).

BURACA — *Vaz Martins* — Rua António Ferro, M. A. D. (Telefone 931690).

DAMAIA — *Confiança* — Estrada Militar, Lote D (Tel. 934023).

Foram reconduzidos os presidente e vice-presidente do Município de Tabuaço, respectivamente, srs. Abel de Castro da Silva Barradas e António Gomes da Costa.

Foi fixada a zona de protecção à Siderurgia Nacional, no concelho do Seixal, e dentro dela a área vedada à construção, de harmonia com a planta publicada na folha oficial.

Foi aberto um crédito especial de 665 contos, «inscrito na tabela de despesas extraordinárias do orçamento geral de Angola de 1961».

Foram abertos créditos a favor dos Ministérios das Finanças, do Exército e da Saúde e Assistência, destinados a reforçar verbas insuficientemente dotadas e a prover despesas não previstas no Orçamento Geral do Estado, na totalidade de 5 375 400\$00.

O dr. Freitas de Sousa foi aprovado por unanimidade para professor catedrático de Medicina Veterinária

Terminaram esta manhã, na Escola Superior de Medicina, Veterinária, as provas para professor catedrático do 7.º Grupo de Disciplinas prestadas pelo sr. dr. Jaime Freitas de Sousa.

O candidato apresentou um ultimo trabalho denominado «Ritmo e regulação fisiológica», tendo como arguente o sr. dr. Oliveira e Silva, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

O júri, presidido pelo sr. dr. Belard da Fonseca, vice-reitor da Universidade Técnica de Lisboa, aprovou o sr. dr. Freitas de Sousa por unanimidade.

Posse da direcção da Sociedade de Geografia

A direcção da Sociedade de Geografia, recentemente eleita em assembleia geral, toma hoje, á tarde, posse dos respectivos cargos numa cerimónia presidida pelo sr. prof. dr. Rui Ulrich.

OMO LAVA MAIS BRANCO ... logo!

Orgulhe-se do aspecto impecável da sua roupa

Omo, o melhor amigo da sua roupa, produz espuma abundante e activa que lava suave e eficazmente. Lavada com Omo a sua roupa dura mais e ganha verdadeira brancura — a brancura Omo! A acção altamente detergente de Omo liberta totalmente a sua roupa de toda a sujidade sem o fatigante trabalho de esfregar que estraga rapidamente. Não use mais processos antiquados para lavar a sua roupa. Use Omo, o moderno processo de lavagem, mais rápido, mais económico e mais eficiente. Dê à sua roupa a famosa e deslumbrante brancura Omo.



TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

- Contrariamente ao que chegou a noticiar-se, a actriz Leonia Mendes continuará como contratada da empresa do Teatro ABC até ao fim da carreira da revista «Saude e Totobola».
- O programa de variedades a produzir por Henrique Mendes para a R. T. P. tem o título provisório de «Chamada para as Estrelas» e será realizado por Fernando Frazão. O primeiro programa incluirá um «show» filmado de Brigitte Bardot.
- Parece poder confirmar-se a vinda da jovem vedeta espanhola Gelu. Como se sabe a artista con-

quistou expressivo êxito nos espectáculos que realizou entre nós, o último dos quais foi transmitido directamente pela R. T. P. Prosseguem activamente os trabalhos de montagem da revista a subir à cena no Avenida. A direcção de montagem do espectáculo é dos cenógrafos Hernani e Rui Martins, e os figurinos, de Pinto de Campos e Mário Alberto.

Antes de ingressar no elenco da companhia de revistas que José Miguel vai levar às províncias ultramarinas de Angola e Moçambique, a actriz Berta Loran deslocar-se-á ao Brasil.

No S. Carlos

Apresenta-se amanhã
Floriana Cavalli

pela primeira vez em Portugal

Amanhã, em S. Carlos, canta-se mais uma vez a «Tosca» de Puccini, na qual se apresentará, pela primeira vez em Portugal, a cantora Floriana Cavalli.

Na interpretação participam, ainda, os artistas Ruggero Bondino, Tito Gobbi, Mariano Caruso, Alvaro Malta, Luís França, Manuel Leitão, e Honorato Rosa.

O coro e a orquestra são dirigidos por Carlo Felice Cillário.

No Variedades

«Aqui há fantasmas!...»
mantem-se em cena

A farsa de Jorge de Sousa, «Aqui há fantasmas!...», continua em cena no Variedades, constituindo um grande êxito, consagrado pelo público. Espectáculo com situações de irresistível comicidade, é interpretado por um elenco de excepcional classe: Ribeirinho, António Silva, Costinha, Henrique Santana, Luísa Durão, Carmen Mendes, Lili Neves, Luís de Campos, Henrique Santos, Carlos Alves e Henrique Viana.

As sessões realizam-se todos os dias, às 21 e 45.

No Monumental

O «Jazz Ballet Rodney»
apresenta-se em mais cinco espectáculos

O famoso «Jazz Ballet Rodney», um dos grupos coreográficos de maior categoria internacional, apresenta-se no Monumental, em mais cinco espectáculos. Constituído por belas e habilidosas bailarinas, é um dos conjuntos mais apreciados na Europa.

Neste programa colaboram artistas da Rádio e Televisão, entre os

quais Luís Guilherme, Simone de Oliveira, Alice Amaro, António Calvário, Maria Fernanda Soares, Artur Garcia e Marina Neves, que são acompanhados pela orquestra de José de Magalhães. Haverá sessões às 20 e 45 e às 23 horas.

«Humilhados e ofendidos» entusiasma o público lisboeta

Encenada magistralmente por Fernando Gusmão, a peça de André Charkap, «Humilhados e Ofendidos», adaptada do célebre romance de Dostoiévsky, continua a entusiasmar o público lisboeta, repre-

(Continua na página seguinte)



5 ÚNICOS DIAS

EM 2 SESSÕES

às 20.45 e 23 h.

Adultos M/ 17 anos

A PARTIR DE AMANHÃ

O JÁ FAMOSO

JAZZ BALLET RODNEY

as mais encantadoras mulheres da EUROPA num desfile de rara beleza e ainda

OS MELHORES DA RÁDIO
TELEVISÃO PORTUGUESAS

SABADO ÀS 16 H.
TARDE POPULAR
ESTUDANTES 10\$00 e 7\$50

CASINO

APRESENTA

A Princesa das ilhas Fidji

IVY RODAN

a mais bela voz dos mares do Sul de novo em Portugal após triunfal «tournée» pelas principais capitais europeias

FILIFE DE BRITO

o virtuoso do «acordeão»

HIND MOURHABI

escultural e tremente bailarina em exóticas danças do Próximo-Oriente

(Maiores de 17 anos)



TRINDADE

Subsidiado pelo Fundo de Teatro
SEMANA DO TRABALHADOR
AS 21.45 H. ADULTOS

O PAI

obra-prima de STRINDBERG
DESCONTOS ESPECIAIS PARA
ESTUDANTES E SÓCIOS DA
F. N. A. T.

SABADO ÀS 17 H.
ULTIMA REPRESENTAÇÃO
TIRÉSIAS
e A PRIMEIRA FAMÍLIA
— Bilhetes á venda —

COLISEU

Emp. Ricardo Covões Herds.
Telef. 31997

HOJE, ÀS 21.30 — (M/ de 12)

A superprodução em Totalscope e Eastmancolor

UMA ESPADA NA SOMBRA

AVENTURA!
EMOÇÃO!
SUSPENSE!

TODOS OS DIAS
A TARDE
A NOITE

O «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na AMADORA na Papelaria e Tipografia BARROS.

TIVOLI

NOS DIAS 31 DE MARÇO E 2 DE ABRIL, ÀS 18.30

ESTRELAS DA ÓPERA DE PARIS

DOIS EXCEPCIONAIS PROGRAMAS DIFERENTES

BILHETES Á VENDA

Maiores de 6 anos

ABC

JOSÉ

MIGUEL

Apresenta

As 20.45

e 23 horas

A

GRANDE

E

POPULAR

REVISTA



Barroso Lopes

SAÚDE

E

TOTOBOLA!

com JOSÉ VIANA, LEONIA MENDES, HELENA TAVARES, VÍTOR LIMA, MARIA DA NAZARÉ e BARROSO LOPES (ADULTOS)

TEATRO NACIONAL DE BONA MARIA II

HOJE, ÀS 21.45 (17 ANOS)

BLUSÕES NEGROS

DE
JOÃO OSÓRIO DE CASTRO
COM UM GRANDE ELENCO
MONTAGEM MODERNA

SABADO: ÀS 16 H.
AS ÁRVORES MORREM DE PÉ

EXCLUSIVO
DE
ÉPOCA

a
SEMANA

106.274 PESSOAS

JÁ VIRAM ESTA MAGNIFICA
OBRA-PRIMA!

4 SEMANAS — TIVOLI

4 SEMANAS — POLITEAMA = 8

GREGORY

DAVID

ANTHONY

PECK

* NIVEN

* QUINN

NA PRODUÇÃO DE CARL FOREMAN

OS CANHÕES DE NAVARONE

Realização de J. LEE THOMPSON
COLOR E CINEMASCOPE

SÓ ASSIM SE PODE CLASSIFICAR
UM VERDADEIRO TRIUNFO

TIVOLI e POLITEAMA

M/ 17 ANOS



CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIA DE HOJE — O FIO DE MEADA — SÃO JORGE

IMPERIO
A's 15.15 e 21.30 (Adultos)
A comédia romântica de William Dieterle
CONFISSÃO DE CARNAVAL
em Eastmancolor
com Gitti Daruga e Christian Wolff

SÃO LUIZ
A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30 (M. 17 anos)
Um filme de suspense versado num caso autêntico que apaixonou o Mundo!

O MAIOR ROUBO DA HISTÓRIA
com J. Pat O'Malley — Jay Barney — Tom Duggan

ROMA
A's 15.30 e 21.45 (M. 12 anos)
Um filme empolgante
2.ª SEMANA

O CONDE DE MONTE CRISTO
Um filme prodigioso de inexcusável grandiosidade
Com Louis Jourdan — Yvonne Furneaux — Pierre Mondy

ODEON
15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30
4.ª SEMANA!
SEMPRE LOTA-
ÇÕES ESGOTA-
DAS!
UM ÊXITO QUE NÃO PODE SER MAIOR!

A NOIVA
com Elsa Daniel e António Prieto
Um filme inspirado na mais famosa canção do ano: «A NOIVA».

AVIS
A's 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
3.ª SEMANA
As grandezas e misérias de uma grande civilização
A AMÉRICA VISTA POR UM EUROPEU
Alguma coisa de novo na história do espectáculo cinematográfico.

CONDES
A's 14.45, 18.15 (p. red.) e 21.45 (M. 12 anos)
2.ª SEMANA
da mais emocionante história de todos os tempos
Em Dyaliscope e Eastmancolor
O CONDE DE MONTE CRISTO
Louis Jourdan — Yvonne Furneaux — Pierre Mondy

ALVALADE
A's 15.45 (p. red.) e 21.45
O MAIOR ROUBO DA HISTÓRIA
Seis homens que se debatem entre a necessidade de ficarem unidos até ao fim e as suas irremediáveis paixões!
com J. Pat O'Malley — Jay Barney — Tom Duggan

ROYAL
A's 21 horas (M. 17 anos)
A 3.ª CHAVE
O TERROR DO TEXAS

CASINO ESTORIL
A's 21.30 (M. 17 anos)
AQUI SÓ CABEM OS BRAVOS
com Keith Andes — Susan Cabot — Pavaluman

VOZ DO OPERÁRIO
A's 21 horas (M. 17 anos)
TODOS FORAM CULPADOS
e A SÉRIE PERIGOSA
Sábado — HERANÇA SELVAGEM (M. 12 anos)

IMPERIO
A's 18.30 (Adultos)
O novo e grande êxito artístico do
TEATRO MODERNO DE LISBOA
HUMILHADOS E OFENDIDOS
Segundo o romance de DOSTOIEWSKI

TIVOLI
A's 3 da tarde (a p. r.) e 9.30 da noite (M. 17 anos)
4.ª SEMANA
O maior êxito do ano e do Mundo
OS CANHÕES DE NAVARONE
Em Cinemascope e Eastmancolor
c/ Gregory Peck, David Niven e Anthony Quinn

SÃO JORGE
A's 21.30 ESTREIA (M. 12 anos)
BALCÃO 54154 A caricatura de um crime
PLATEIA 54153
O FIO DA MEADA (Colorido)
A's 18.15 Última — (M. 12 anos)
PEQUENO HOMEM, GRANDE NORMAN

EDEN
A's 15.30, 18.30 e 21.45 (M. 17 anos)
O filme excepcional
EM 2.ª SEMANA
CARNE DA MINHA CARNE
com Troy Donahue e Connie Stevens
Um filme que todos discutem pelo arrojado do seu tema.

MONUMENTAL
A's 15.15 e 21.30 (M. 12 anos)
TOTÓ-FABRIZI e os meninos de hoje
Os meninos: Ela é loira e bonita; Ele tímido e bom rapaz, os pais dos meninos, dois pontos!
Com Christine Kaufmann, Franca Marzi, e Rina Morelli

POLITEAMA
HOJE, às 21.30
EM 4.ª SEMANA
O FILME DE MAIOR ÊXITO DO ANO EM TODO O MUNDO!
OS CANHÕES DE NAVARONE
com Gregory Peck, David Niven, Anthony Quinn, Gia Scala e Irene Papas
CINEMASCOPE TECNICOLOR
(Maiores de 17 anos)
Hoje, às 18.15: CINEMA E VARIEDADES — (Maiores 12 anos).

CAPITOL
A's 15.30, 18 e 21.30 (M. 17 anos)
Uma extraordinária produção de FRITZ LANG
CORRUPÇÃO
com Glean Ford e Gloria Grahame

RESTELO
A's 21.15 (M. 12 anos)
ADA
com Susan Hayward e Dean Martin

CINEMA IDEAL
A's 21 horas (M. 17 anos)
OS TURBULENTOS LISBOA

LIZ
A's 21 horas (M. 17 anos)
AS SUECAS ZENÓBIA, E O GLADIADOR

GERRASSO
A's 21 (M. 17 anos)
BONECA DE LUXO OS CAMINHOS DA AMBICÃO

SUNWAY
MARCA REGISTRADA
Um Estore de concepção ultramoderna

PRÁTICO! DECORATIVO! EFICIENTE!
LISBOA — TELEF. 83 54 35
AGENTES NO PAÍS

NA SEVERA
TODA A GENTE CANTA

SÃO JORGE
TELEF. B. 54154 P. 54153

- 1 Quem matou o intruso?
- 2 Quem fez desaparecer o corpo?
- 3 Quem telefonou à Scotland Yard?
- 4 Qual era o mobil do crime?



NÃO REVELE AOS SEUS AMIGOS O FINAL. ELES NÃO O ACREDITARIAM COM CERTEZA!

TECHNICOLOR

com GLYNIS JOHNS • JOHN JUSTIN
e JACK HULBERT • CICELY COURTNEIDGE • RONALD HOWARD
DAVID NIXON • WENDY TURNER • ARGENT • ALBERT G. MILLER
ELDON HOWARD • REALIZ. DE GODFREY GRAYSON
PROD. DE EDWARD J. DANZIGER
HARRY LEE DANZIGER
UM FILME DA UNITED ARTISTS MAIORES DE 12 ANOS

HOJE AS 21.30 ESTREIA

A MAIS INTRIGANTE NOVELA POLICIAL DE AGATHA CHRISTIE

Quem matou o intruso...

O FIO DA MEADA

TUDO SE PASSA NUM SÓ DIA E NUMA BELA E RICA MANSÃO MEDIEVAL...
AGATHA CHRISTIE LIMITOU A ACÇÃO NO TEMPO, E NO ESPAÇO, PROCURANDO TIRAR DAI O MÁXIMO DE EMOÇÃO.

No Programa: O SENSACIONAL DOCUMENTÁRIO DA SCOTLAND YARD

“UM ROUBO NA CIDADE”



MAIS UM CASO AR-RANCADO AOS ARQUI-VOS DA FAMOSA POLÍCIA



FILMES CASTELLO LOPES TEM O LEGÍTIMO ORGULHO DE APRESENTAR



A MAIS AMBICIOSA SUPERPRODUÇÃO FRANCESA DOS ÚLTIMOS ANOS!

AMORES CÉLEBRES

(AMOURS, CÉLEBRES)

UM ESPECTÁCULO ÚNICO COM UM ELENCO FABULOSO!

BRIGITTE BARDOT
ALAIN DELON
DANY ROBIN
JEAN-PAUL BELMONDO
ANNIE GIRARDOT
EDWIGE FEUILLERE
PIERRE BRASSEUR
SIMONE SIGNORET
E MUITOS OUTROS GRANDES ARTISTAS

ESPLENDOROSA REALIZAÇÃO DE
MICHEL BOISROND
DIÁLOGOS DE
MARCEL ACHARD



FAUSTO ESPECTACULOSIDADE E GRANDEZA COMO O CINEMA NUNCA NOS DEU MELHOR!

ADULTOS (M/17anos)

DYALISCOPE EASTMANCOLOR

AMANHÃ

SÃO LUIZ ALVALADE

UMA ESTREIA MEMORÁVEL!

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da página anterior)

sentando mais um estrondoso êxito do Teatro Moderno de Lisboa.

Além do tema e encenação, «Humilhados e Ofendidos» impõe-se, ainda, por uma representação magistral, em que brilham Carmen Dolores, Rogério Paulo, Rui de Carvalho, Moraes e Castro, Costa Ferreira, Clara Joana e Armando Caldas.

Os cenários são de Octávio Clérigo e o guarda-roupa é de Anahory.

No D. Maria II

A carreira de «Blusões Negros»

Os problemas da juventude actual, que têm merecido a atenção de psicólogos, escritores e educadores, foram também transportados para o palco. Entre nós, esse trabalho foi realizado por João Osório de Castro, que desenvolve aquele tema difícil na segunda peça que apresenta no palco do Nacional. As suas personagens movem-se num ambiente dramático, violento e incisivo.

«Blusões Negros», representado no D. Maria II com uma excelente montagem, constitui um trabalho digno de assinalar, com um elenco em que se destacam Josefina Silva, Luís Filipe, José de Castro, Ana Paula, Catarina Avelar, Canto e Castro, Pedro Lemos, Fernando Curado Ribeiro, Pedro Santos, Varela Silva e Carlos Avilez.

No Trindade

«O rei», de Strindberg, representa-se todas as noites

A Companhia Nacional de Teatro mantém em cena a obra-prima de Strindberg, «O Rei», que tem tido um entusiástico acolhimento por parte do público. Brinde Júdice e Alves da Costa, à frente de um valioso elenco, têm duas criações magníficas, contribuindo para o êxito da peça.

Este espectáculo realiza-se todas as noites, às 21 e 45. A C. N. T. resolveu estabelecer o preço único de dez escudos para todos os sócios da F. N. A. T.

Teatro Infantil

pelo Teatro do Gerifalto

É já amanhã, às 13 horas, que começam a ser distribuídos, nas bilheteiras do Teatro da Trindade, os bilhetes gratuitos para os espectáculos de teatro infantil dos próximos sábado e domingo, dedicados pela C. M. L. às crianças da capital.

Serão apresentadas as peças «Primeiro... a palavra» e «Príncipe sapo».

Alguns dos lugares foram reservados para as Escolas Primárias n.º 19, 93, 95 e 120, Escola Técnica Elemental Francisco de Arruda, igreja de Nossa Senhora da Penha de França, Clube Juvenil da Ajuda, Casa Pia de Lisboa e M. P.

Retrospectiva

do cinema francês

Hoje, à tarde e à noite, efectua-se a quarta sessão da Retrospectiva do Cinema Francês organizada pela Cinemateca Francesa e apresentada no salão de projecções do Palácio Foz, pela Cinemateca Nacional. Serão projectados os filmes «Nick Carter», de Victorin Jasset (1909), e «L'Enfant de Paris», de Leonce Perret (1918).

Amanhã, o programa é constituído pelos filmes: «La Folie du Docteur Tube» (1915), de Abel Gance; «La Fête Espagnole» (1919), de Germaine Dulac; «Fievre» (1921), de Louis Delluc; «La Route» (1922), de Abel Gance; «La Souriante Madame Bendet» (1923), de Germaine Dulac; «Retour à la Raison» (1923), de Man Ray, e «Arabesques» (1929), de Germaine Dulac.

Primeiras exhibições

«Confissão de Carnaval», no Império

Baseada num «best-seller», de Carl Zuckmaier, a película «Confissão de Carnaval», realizada por William Dieterle, que já deu uma série de filmes notáveis a medida da sua capacidade artística e técnica, resultou um espectáculo interessante que o público do Império, habituado a ver naquela sala obras seleccionadas, seguiu com visível agrado.

A emoção que o filme provoca, resulta da investigação policial acerca de um crime de morte praticado em circunstâncias estranhas, no sábado de Carnaval. As diligências decorrem entre a alegria esfuziante provocada pelo Entrudo na tu-

OS PIORES

actores do ano

CAMBRIDGE (Estados Unidos), 29. — Richard Beymer e Susan Hayward, foram ontem designados os piores actores do ano pela revista «Lampoon», da Universidade de Harvard.

A revista concedeu o prémio «Kirk Douglas para o pior actor do ano» a «Beymer pela sua interpretação em «West Side Story» e Susan Hayward obteve o prémio da pior actriz pelas suas interpretações em «Ada» e «Back Street».

Os filmes «Rei dos Reis» e «Parrish» ficaram empatados no primeiro lugar entre as dez piores produções do ano. — (A.N.I.).

No Politeama

Mais um programa de cinema e variedades

Hoje, às 18 e 15, realiza-se, no Politeama, mais um programa da série «Os grandes romances de amor». Na tela, é exibido o filme «100 homens e uma rapariga», uma comédia com a azougada Sabine Singer, Pieter Borsche e Paul Hörbiger. É um filme humano e enternecedor, tendo a valorizá-lo a Orquestra Filarmónica de Berlim e o consagrado violinista Yehudi Menuhin.

No palco, será apresentado um acto de variedades, em que colaboram Maria Passos, Paulo Alexandre, Mimi Gaspar e Tomé de Barros Queirós, Alvaro Pereira e Artur Agostinho.

Serão distribuídos valiosos prémios às senhoras presentes nesta magnífica «matinée».

ABC Cineclube

de Lisboa

O ABC Cineclube exhibe amanhã, às 18 e 40, no Cinema Condes, o filme de Joseph Losey, «Tempo impiedoso» (Time without pity), no qual se debate o problema da pena de morte. Este filme integra-se no Ciclo de Cinema Inglês.

Imagem do dia

«OS CANHÕES DE NAVARONE» entram hoje, no Tivoli, na sua 4.ª SEMANA de exhibições — êxito que excede tudo o que se viu até hoje, pois o cinema da Avenida exhibe-o juntamente com o Politeama. Trata-se de uma aventura assombrosa, com uma interpretação fora do vulgar, confiada a um grupo de grandes artistas em que se destacam os nomes de GREGORY PECK, DAVID NIVEN e ANTHONY QUINN.

Assembleias gerais

Companhia Nacional de Electricidade

O presidente da assembleia geral da Companhia Nacional de Electricidade, sr. André Velasco, representante da Companhia Eléctrica das Beiras, convocou para hoje, às 17 horas, na Avenida Casal Ribeiro, 50, a assembleia geral ordinária da primeira daquelas sociedades, para discutir o relatório e as contas do conselho de administração — a que preside o coronel Arnaldo Schulz — e o parecer do conselho fiscal e eleger a mesa da assembleia geral, dois administradores e dois membros do conselho fiscal.

No relatório, acentua-se que a evolução dos consumos do País continua a processar-se em ritmo muito satisfatório, pois «na rede do R. N. C. (que representa 94 por cento das produções e consumos do País) verificou-se um acréscimo de produção de 11,4 por cento em relação a 1960, índice este que representa a evolução global dos consumos (considerados com perdas)» e que «a produção térmica não teve qualquer significado de apoio energético, pois proveio, na sua quase totalidade, de novo período de ensaios da central da Tapada do Outeiro.

A conta de «Lucros e perdas» fechou com o saldo de 36 806 contos, o qual adicionado ao do exercício de 1960, perfaz o total de 36 852 contos, para o qual se propõe a seguinte aplicação: 2100 para o Fundo de Reserva Legal; 34 500 para dividendo ao capital, cativo de impostos; e 252 para saldo a conta nova.

Siderurgia Nacional

Sob a presidência do professor Fernando Olavo Corrêa d'Azevedo, efectua-se hoje, às 17 horas, na sede da Siderurgia Nacional, na Rua Braamcamp, 7, 6.ª, a sua assembleia geral ordinária, para discutir, aprovar ou modificar o balanço e o relatório do conselho de administração e o parecer do conselho fiscal referentes ao exercício de 1961.

Amoníaco Português

Na sede, em Lisboa, da sociedade anónima Amoníaco Português, na Rua de Silva Carvalho, 234, 3.ª, efectua-se hoje, sob a presidência do sr. Artur de Meneses Correia de Sá, vice-governador do Banco Nacional Ultramarino, a sua assembleia geral ordinária, que aprovou o relatório e as contas do conselho de administração e o parecer do conselho fiscal, referentes ao exercício de 1961.

Mútua dos Navios Bacalhoeiros

Na sede da Mútua dos Navios Bacalhoeiros, na Rua do Ferragial de Baixo, 33, 1.ª, efectua-se hoje, sob a presidência do sr. Carlos Lino Gaspar, a sua assembleia geral ordinária, que aprovou o relatório do conselho de administração e o parecer do conselho fiscal, referentes

ao exercício de 1961, apreciou a posição da Sociedade relativamente à situação de uma empresa associada, e resolveu sobre o pedido de uma verba para o Fundo de Previdência Social, criado pelo decreto-lei n.º 26 106.

Nitratos de Portugal

Efectuou-se a assembleia geral ordinária de Nitratos de Portugal, S. A. R. L. Presidiu o accionista D. Manuel de Bragança, sendo aprovado um voto de pesar pelo falecimento do sr. Joaquim Oliveira da Silva, administrador da Sacor, bem como daqueles que tombaram em defesa de Portugal.

Prestaram esclarecimentos sobre o relatório e as contas os presidentes do conselho de administração, dr. Augusto Marchante, e da comissão executiva, eng. Duarte Ferreira.

Usou ainda da palavra, em nome da accionista Sacor, o prof. Costa Leite (Lumbrals), que teve palavras enaltecedoras a boa marcha e o futuro da sociedade.

Foram seguidamente aprovadas as contas, bem como as conclusões do relatório do conselho fiscal.

Sociedade Portuguesa de Escritores

Realiza-se no próximo sábado, às 21 horas, a assembleia geral ordinária da Sociedade Portuguesa de Escritores, na sua sede, Rua da Escola Politécnica, 20, 1.ª. A ordem dos trabalhos: apresentação, discussão e votação do relatório e contas referentes a 1961 e do respectivo parecer do conselho fiscal; problema relacionado com o regulamento dos grémios.

Casa da Imprensa

Reune-se amanhã, às 17 horas, em segunda convocação, a assembleia geral da Caixa de Previdência de Profissionais da Imprensa de Lisboa (Casa da Imprensa), para apreciação e votação do relatório e contas da gerência de 1961.

Companhia Portuguesa de Pesca

Na Feira Internacional de Lisboa, na Avenida da Índia, efectua-se hoje, sob a presidência do prof. Inocência Galvão Teles, a assembleia geral ordinária da Companhia Portuguesa de Pesca, que aprovou o relatório e as contas do conselho de administração e o parecer do conselho fiscal e elegeu um vogal para o conselho de administração e outro para o conselho fiscal.

Sociedade da Nau S. Vicente

Na sede da Sociedade da Nau S. Vicente, sob a presidência do sr. Jacinto Flaeshen Pereira de Mendonça, efectua-se hoje, às 17 horas, a sua assembleia geral ordinária, com a seguinte ordem de trabalhos: discussão das contas e do relatório do conselho de administração e do parecer do conselho fiscal, e eleição dos membros dos conselhos de administração e fiscal e da comissão de fixação de remunerações.

Sociedade Industrial Aliança

Sob a presidência do dr. Fernando Cruz, efectua-se esta tarde, na sede da Sociedade Industrial Aliança, na Travessa da Praia (à Junqueira), a sua assembleia geral ordinária, que aprovou o relatório e as contas do conselho de administração, referentes ao exercício do ano passado, bem como o parecer do conselho fiscal.

Companhia da Ilha do Príncipe

Sob a presidência do dr. António Julio de Castro Fernandes, como administrador do Banco Nacional Ultramarino, efectua-se hoje a assembleia geral ordinária da Companhia da Ilha do Príncipe, na sua sede, na Rua dos Fanqueiros, 15, 2.ª, esq., que aprovou o relatório e as contas do conselho de administração — a que preside o dr. Jorge da Silva José de Melo —, referentes ao exercício findo, e o parecer do conselho fiscal.

Hidro-Eléctrica do Douro

PORTO, 29 — Sob a presidência do sr. António de Oliveira Calem, efectua-se esta tarde, na Rua do Bolhão, 36, uma assembleia geral extraordinária da Hidro-Eléctrica do Douro, que resolveu conferir poderes ao conselho de administração que o habilitem a poder celebrar os actos e acordos necessários à transferência, para a sociedade, da concessão do aproveitamento hidroeléctrico do rio Távora, bem como de todos os direitos e obrigações que se integrem naquela concessão, ou que com ela se relacionem.

O PORTO pelo telefone

Construção de uma unidade fabril

PORTO, 29 — Vai construir-se, na periferia desta cidade, uma grande fábrica de cerveja para exportação, cujo edifício deve importar em cerca de 200 mil contos.

Para início desse empreendimento, desloca-se depois de amanhã a esta cidade, o ministro da Economia que presidirá à cerimónia do lançamento da primeira pedra da grande unidade fabril, que ocupará uma área de 120 mil metros quadrados, junto à via Norte.

Homenagem ao coronel Óscar de Freitas

Num hotel desta cidade, efectua-se ao começo da tarde um almoço de homenagem ao coronel Óscar de Freitas.

A iniciativa partiu dos funcionários da delegação da Inspeção-Geral dos Espectáculos, que funcionam junto do S. N. I., tendo-se associado à homenagem dirigentes de teatros e cinemas desta cidade.

Trânsito interrompido devido a um desastre

Na estrada dos Carvalhos, próximo do lugar de Laborim, em Gaia, uma camioneta de carga, conduzida por António Neto de Oliveira,

foi embater com outra de passageiros, da Empresa de Transportes dos Carvalhos, guiada por Alfredo Moutinho. Do acidente resultou ficar ligeiramente ferido o sr. Marcolino Pereira Lopes, de 35 anos, casado, residente naquela localidade.

Motivado pelo desastre, o trânsito de veículos teve de ser desviado para a estrada de S. Caetano, por aquele local ter ficado obstruído.

Bombeiros Voluntários Portuenses

Reunem-se amanhã pelas 21 horas os sócios da Associação de Bombeiros Voluntários Portuenses, para apreciarem as contas da gerência que finda agora a sua actividade.

Tauromaquia

Em Coruche

Em Coruche efectua-se no próximo domingo, 1, às 16 horas, um festival taurino em que tomam parte os cavaleiros Alberto Luís Lopes e David Ribeiro Teles, e os novilheiros Marcelo Acosta, Joaquim Barroca, Oscar Romano e José Carlos Falcão. Os forçados são os do Grupo de Amadores de Montemor-o-Novo.

de e elegerem os seus futuros dirigentes.

Espectáculos de amanhã

SA DA BANDEIRA — As 21 e 45:

A revista «Bate o pé». (17 anos).

TEATRO DE BOLSÓ — As 21 e 45:

«Conhece a Via Láctea?», pelo T. E. P. (17 anos).

COLISEU — As 21 e 30: «Aventura em Marselha» (17 anos).

RIVOLI — As 15 e 30 e às 21 e 30:

Ratoeira humana» (17 anos).

BATALHA — As 15 e 30 e às 21 e 30:

«Esplendor na relva» (17 anos).

NUNO ALVARES — A's 21 e 30:

«Rochedos humanos» (12 anos).

JULIO DINIS — A's 21 e 30:

«O homem tranquilo» (12 anos).

SÃO JOÃO — As 15 e 30 e às 21 e 30:

«Tira daí o sentido» (12 anos).

TRINDADE — A's 15 e 30 e 21 e 30:

«Diálogo das Carmelitas» (12 anos).

ODEON CINE — A's 21 e 30:

«Gendarme desconhecido» (12 anos).

OLIMPIA — As 15 e 30 e às 21 e 30:

«Todos contra mim» (12 anos).

AGUIA DE OURO — As 15 e 30 e às 21 e 30:

«Os canhões de Navarone» (17 anos).

VALE FORMOSO — A's 21 e 30:

«Gigantes da floresta» (12 anos).

CARLOS ALBERTO — A's 15 e 15 e às 21 e 15:

«Paraíso proibido» e «Fuga ao sol» (17 anos).

PORTUGAL E O MERCADO COMUM

(Continuação da 1.ª página)

sa para a nossa economia, as repercussões poderiam ser gravíssimas se, por uma prévia reestruturação de todo o nosso sistema económico, a não tivéssemos valorizado de forma a poder suportar a concorrência que o Mercado Comum procura estabelecer.

De facto, o baixo nível de vida que se verifica, ainda, em Portugal agrava de forma particularmente sensível as consequências que são inerentes a um mercado de consumo já de si restrito.

Com um escasso poder de compra — se não, tanta vez, até, com uma carência tormentosa do que é indispensável para viver com um mínimo de bem-estar, decência e dignidade — a maioria do povo português não poderia pretender manter-se dentro daqueles níveis médios de consumos que, no mundo civilizado, se mostram «tu cá, tu lá» com as menores aspirações de cada um. Só isso, de resto, justificaria a apelação oficial de «supérfluos ou de luxo» dada a tantos artigos que, por essa Europa fora, se consideram correntes — se não até indispensáveis — na vida familiar dos mais modestos.

Em tais circunstâncias, fácil é compreender a situação que se cria perante o paradoxo tremendo com que a produção do nosso País se defronta: quanto mais barato se lhe impõe vender, para encontrar quem compre em quantidades relativamente razoáveis, estas não conseguem atingir, sequer, aqueles «níveis» que se tornam indispensáveis para se poderem conseguir custos de produção competitivos.

Sendo assim, caminha-se num verdadeiro círculo vicioso que tem por natural contrapartida um apelo constante ao poder do Estado, para tomar medidas salvadoras de quem quase sempre não está em condições de suportar a concorrência dos preços mundiais e, muitas vezes também, de utilizar a capacidade plena das suas próprias instalações.

Com casos de excepção verdadeiramente demonstrativos do que uma boa organização operacional, administrativa e técnica permite conseguir, o certo é que chegamos a um momento decisivo para a economia portuguesa, com uma agricultura desgastada e empobrecida, com uma indústria em que uma pulverização excessiva de unidades se dá frequentemente o braço com um obsoletismo espantoso de maquinaria e de processos.

E, assim, se criam situações penosas e difíceis no campo económico, social e político.

E' claro que a desaparecerem as medidas que se traduzem por protecções aduaneiras, por impedimentos à liberdade de exodo de mão-de-obra e dos capitais, por contingências na produção e no comércio, por restrições de artigos importados, por subsídios à exportação, por direitos dum exclusivo ou duma defesa à base dum regime em uso de condicionamento industrial, etc., isto é: a quebrarem-se todos os artificialismos dentro dos quais a nossa economia se conseguiu manter — e, há que reconhecê-lo, evolu-

uir em certos casos para melhor — fácil seriam de prever as consequências.

As mercadorias produzidas numa Comunidade, como é a do Mercado Comum, passariam a circular livremente em Portugal; e como as nossas dimensões de produção industrial, encarecida em relação à estrangeira, não têm peso suficiente para influenciarem os preços, ficaríamos frequentemente numa situação similar àquela em que fica um comprador, ou um vendedor, isolado num autêntico mercado de livre concorrência. Isto é: sem qualquer possibilidade de, pelo facto de revolver não comprar ou não vender, obrigar os preços a baixar ou a subir.

Não seria fácil, nem lógico, pretender-se, então, que a adaptação a um preço de concorrência originado num mercado que, em relação ao nosso, se mostra altamente industrializado e com margens de consumo francamente superiores — a relação de 1 para 40 poderá referir uma proporção demográfica, com capitais muito mais altas a favor dos últimos — seria possível sem maiores sacrifícios, ainda, para os diversos factores de produção que tão mal remunerados são entre nós.

Mas como pagar mais baixo, conservando-a, a mão-de-obra, se esta já mal paga como está tem indiscutível direito à «preocupação» de que a pague melhor? Como evitar que ela emigrasse, tanto mais quanto é certo que o gosto por «emigrar» é uma característica temperamental da nossa gente, que desde séculos a tem acompanhado pela sua vida fora? Como evitar, portanto, uma oferta cada vez mais retrainda dela — e, consequentemente, um interesse cada vez maior na sua procura — quando exactamente o seu custo precisava baixar para que a produção, agrícola ou industrial, pudesse já se não diz prosperar, mas, pelo menos, subsistir?

Como tentar impedir, por outro lado, que os modestos capitais portugueses eventualmente disponíveis, ou facilmente recuperáveis na sua actual aplicação, procurassem aproveitar-se da liberdade de circulação que se lhes permitia para efeito de buscarem aplicação mais rentável e segura do que aquela que o «meio nacional» lhes consentia?

Como obstar por outro lado, também, afastadas as restrições capazes de impedir que certas matérias-primas nacionais pudessem cruzar livremente fronteiras, a que estas procurassem mercado que mais vantagens lhes oferecessem quer pelo que respeita a preços, quer até pelo que toca à obtenção de facilidades de investimentos para fomento da sua própria exploração?

Crê-se que a exemplificação não teria fim, na certeza de que a contrapartida de uma mais fácil colocação, no território da Comunidade, de alguns dos nossos produtos — bem poucos, aliás! — que aos outros não fosse fácil produzir, nem de longe nos traria a necessária compensação para os prejuízos que tal situação nos causava.

Dentro da estrutura actual do nosso Comércio Externo, talvez que os vinhos Moscatéis, do Porto, da Madeira, ou do Pico, beneficiassem das

circunstâncias desde logo; mas como «concorrer» utilizando as cortiças, por exemplo, que os «plásticos» em grande parte desbancaram numa posição de supremacia indiscutível que outrora tiveram? Como dominar no mercado das «conservas de peixe», se o certo é que outros países — até de lá do Atlântico — concorrem vitoriosamente connosco não só no que toca aos preços mas, sobretudo, na garantia da sua estabilidade no decorrer de largos prazos?

Que dizer de todo o resto — agrícola ou industrial — quando a realidade é que, apesar das protecções fomentadoras de uma reorganização para efeito de concorrência, temos de concluir tantas vezes por um resultado infrutífero quanto ao desiderato que elas procuravam atingir?

Porque eram mal concebidas? Porque são insuficientes? A verdade é, de um modo geral, só uma, para além de eventuais insuficiências que a prática permitirá corrigir: não passavam de medidas restritivas, temporárias ou acidentais, que constituíam o meio preconizável de dar tempo a que aqueles que, por via delas, se encontravam momentaneamente protegidos, pudessem utilizá-las para efeito de se «prepararem» conforme o interesse do País impunha.

Isto é: de se reapetrecharem quando já existentes, ou de se montarem como deviam ser, sem o perigo de que uma concorrência subita ou acrescida — mas, sobretudo, incontrolável — os impedisse de conseguirem aquilo que perante o País constituía, para eles, uma insofismável obrigação.

Simplemente, o sistema tornou-se cómodo para a maioria, e assim, por falta de decisão superior, tomou foros de permanência, permitindo que a má organização subsistisse e impedindo que a Nação prosperasse como seria mister. Em consequência sacrifícios que deveriam ser igualmente temporários, e que o baixo poder de compra não poderia deixar de ocasionar em parte, tomaram foros de permanência também; não se retribuindo devidamente os factores da produção, nem se criando riqueza que permitisse ao Estado avolumar as suas receitas, a grande massa populacional do País — operários, funcionários, empregados de escritório, etc. — continua a viver dentro de orçamentos demasiado restritos para as necessidades que, de facto, têm.

E o reflexo desta situação, no campo da produção industrial ou agrícola, não pode deixar de ser negativo no que toca à sua prosperidade, também.

A única forma, portanto, de evitar que, em consequência de uma adesão ao Mercado Comum, se venha a dar, para fora do País, uma fuga prejudicialíssima de Capitais, de mão-de-obra, de meios de produção, é interessá-los na «produção nacional»; impõe-se, consequentemente, reorganizá-la e estruturá-la de tal forma que, sem prejuízo de baixar os custos para o nível que a concorrência da Comunidade Económica Europeia marcará, se possa conseguir uma «retribuição» que os

desinteressem de se deslocarem.

Sob este aspecto se poderia pretender que, afinal, tropeçáramos no mesmo imperativo, embora por razões opostas: se aderimos, temos de reestruturar a nossa Economia, se nos isolamos, temos de a reestruturar igualmente. É verdade, simplesmente ao procurar qual dos dois caminhos nos facilitará o processo, e qual deles nos permitirá obter mais satisfatórios resultados, somos levados a optar pelo da adesão ao Mercado Comum.

De facto, ao passo que na hipótese de isolamento topávamos com uma restrição dos mercados que têm lugar de particular preponderância no Comércio Externo português, na hipótese de uma adesão é um mercado em potencial da ordem dos 300 milhões de habitantes, que se nos virá a oferecer, sem reservas nem barreiras, a colocação dos produtos que sejamos capazes de exportar.

E então toda a nossa previsão de instalações passa, automaticamente, de uma escala em que se raciocinava em termos nacionais para outra em que é já lícito raciocinar em termos europeus. Quer dizer: não teremos mais de ponderar que espécie de medidas proteccionistas se imporá adoptar para que, em consequência das restritas dimensões de um «mercado interno», possamos lançar determinada produção; o problema será outro: procurar, em face dos preços praticados na Comunidade — consequentes de custos em que o «peso» da mão-de-obra e dos impostos, por exemplo, será ainda durante largo tempo muito mais sensível do que entre nós — qual o tipo de produção que nos convém prever, na certeza de que, a pouco e pouco, se nos irá abrindo um mercado de momento demograficamente quase tão vasto, já, como os mercados consumidores russo ou norte-americano actuais.

Ao passo, também, que na hipótese de um isolamento não se criariam, decerto, condições de interesse para a chamada de capitais estrangeiros, na hipótese de uma adesão é o inverso que se verifica.

Todos sabemos, na realidade, como certas indústrias da Comunidade dos Seis desejam ampliar a sua produção, mas de forma a conseguir, por novas instalações, uma espécie de «volante» regularizador para os seus custos médios; organizadas já, da maneira mais perfeita e mais actualizada, buscam com o maior interesse possibilidades de novos investimentos, subordinando-os à obtenção de menores custos.

É evidente que, em tais circunstâncias, um país como Portugal aderindo, ou mostrando-se disposto a aderir a essa Comunidade — tal como aconteceu com a Itália, e já acontece com a Grécia e, de um certo modo, com a Espanha — se oferece com particulares condições de interesse para tal desiderato.

E o certo é que, de igual modo, «Capitais», «Técnicos» e «interesses industriais», de fora da Comunidade, tenderão a procurar introduzir-nalizando num dos países que a integram, no fito de poderem, nacionalmente, os seus produtos, concorrer livremente nela, e não ficarem su-

jeitos ao «cinturão aduaneiro» que, sob uma tarifa comum, a defenderá da concorrência exterior.

É, consequentemente, evidente que um país como Portugal, com as condições particulares que nele todos conhecemos, pode constituir uma «solução ideal» no sentido referido; e como «nacionalizar» implica uma incorporação de valor nacional sobremaneira sensível, tal solução implicará um desenvolvimento em cadeia do progresso industrial da Nação.

Simplemente, não é só Portugal o país na Europa que, na hipótese de uma adesão ao Mercado Comum, se revestirá de interesse para tal efeito; se outros — como, por exemplo, a Espanha e a Grécia — chegarem primeiro, primeiro facilitarão a solução. E, então, «adeus viola que perdi meu canto».

Acresce ainda que na hipótese de uma adesão ao Mercado Comum, a reestruturação da nossa economia se pode fazer com o interesse daqueles países que ocupam lugar de particular destaque no nosso movimento económico.

Quer dizer: ao passo que, isolado dele, todo o esforço de reestruturação e de crescimento económicos se fariam, na melhor das hipóteses, na sua total e plena indiferença, aderindo a essa Comunidade passaremos a constituir uma parcela a mais de um todo que o todo pretenderá valorizar.

Demonstram-no muito mais do que a graduação temporal aceite para a transformação aduaneira, ou de eventuais medidas de excepção preconizadas no Tratado de Roma para evitar inconvenientes locais da sua aplicação, a forma como a posição de certos países foi salvaguardada no momento da sua adesão ao Mercado Comum.

Vejam-se os protocolos relativos à Itália, por exemplo, e ao do Grão-Ducado de Luxemburgo, em que exactamente se procurou — para o primeiro vinculando-lhe, inclusivamente e desde logo, recursos do «Banco de Investimento» e do «Fundo Social» — instituir uma política de fomento, de correcção de desequilíbrios e de defesa de valores da produção que, no segundo dos países, respeita particularmente a agricultura.

Não seria fácil para Portugal a reestruturação que se lhe impõe no campo material e dos processos sem um período longo, mesmo muito longo, de adaptação. Se estivermos fora do Mercado Comum, não podemos ter qualquer influência, pelo menos directa, nas medidas e nos prazos por ele adoptados em relação aos países do «exterior» de que, então, faremos parte; teríamos, consequentemente, de ajustar o «nosso prazo» à estrita conveniência dos outros.

Se ao contrário, porém, estivermos associados, ou integrados com ele, tal período de adaptação não poderá deixar de ser determinado pelas necessidades que, de facto, temos e pelos meios de que, na realidade, dispomos para as podermos resolver.

É o caso que foi posto pela Espanha e, até, o já verificado em rela-

(Continua na 10.ª página)

A PARTIR DE 1de ABRIL

A Lufthansa oferece-lhe novamente

um serviço diário

para a Alemanha

(via Madrid). Ligação

para Madrid

com a TAP e IBERIA



LUFTHANSA

LINHAS AÉREAS ALEMÃS
Av. da Liberdade 70 TEL. 369191 LISBOA

O plano de povoamento da província de Angola

(Continuação da 1.ª página)

nomia económica e social de Angola, fomentando a justa promoção das nossas populações rurais e assegurando-lhes condições de vida mais desafogadas.

Quanto á integração das massas rurais na sociedade pluri-racial, o sr. general Deslandes disse:

«Nós analisámos as massas populacionais que dantes estavam sujeitas ao estatuto do indigenato e podemos verificar que há essencialmente três agrupamentos: um a que nós podemos chamar urbano, de populações já em estado bastante elevado em evolução e por consequência que pode ser rapidamente absorvido pela população mais evoluída; outro, uma população que podemos chamar sobre-urbana, constituída por aquele fenómeno que se passa em todas as regiões e em todos os países do Mundo, essas massas que envolvem os centros populacionais mais importantes, população que eliminados os estatutos dos indígenas, tem de ser absorvida ou no sentido da integração o mais rapidamente possível, ou então conduzi-la no retorno aos campos que abandonou; e por fim, há uma população rural, sem dúvida a população menos evoluída».

A divisão em zonas rurais

O general Deslandes acentuou que a primeira ideia que presidirá á realização do plano é seccionar, dividir o território em zonas, dentro das quais possa existir um método de acção comum, não propriamente com base na divisão administrativa, mas precisamente com base numa uniformidade étnica, que defina costumes e hábitos idênticos e numa área agricolamente uniforme.

Por consequência, a primeira acção a desenvolver será a criação de zonas rurais, de reordenamento.

Inicialmente serão estabelecidas as de Cabinda; Congo, Bailundo e Caconda, constituindo estas a espinha dorsal da província. São zonas piloto de onde irradiarão para Leste e Oeste os benefícios da acção. Cada área de reordenamento será dividida em áreas de influência do elemento evoluído: com base na população existente e possibilidades agrícolas.

Cada sub-área gira á volta de um

núcleo civilizado — pequena cidade ao nível concelhio — subdividindo-se em freguesias — com vila e sede de freguesia funcionando também como núcleo de influência — e estas em regedorias constituídas pela massa menos evoluída.

A regedoria e a freguesia

A regedoria incluirá cerca de 3000 almas. Cada regedoria terá um núcleo urbano com sede e regedoria, habitação, sala do conselho da regedoria; posto policial; escola; posto de socorros e enfermaria; capela com centro social anexo; cooperativa — não se julgue que se trata de uma cooperativa como as habituais: esta funcionará simultaneamente como loja de retalho, como armazém agrícola e como depósito de produtos agrícolas; oficinas para artífices e artesãos.

Quanto á freguesia a sua área deve ser tal que possa efectivamente ter uma influência marcada sobre a regedoria sem o que a acção e evolução se perderá. Segundo a natureza do terreno e a facilidade de comunicações a freguesia não deve ficar a mais de 20 quilómetros das regedorias. A sede da freguesia disporá de órgãos próprios: sede da administração; sala do conselho dos regedores; uma secção policial rural; centro escolar com escola primária para os habitantes da vila, escolas práticas e agrícolas e escolas de artes e ofícios onde se ministrem conhecimentos complementares aos das regedorias que demonstrarem mais aptidões, seleccionando-se assim os melhores.

A freguesia dispõe também de máquinas, depósito de combustíveis e lubrificantes, além da parte urbana propriamente dita. A área agrícola da freguesia deve inicialmente possibilitar uma exploração agrícola mecânica individual. E deve conter espaço para posteriormente os agricultores mais progressivos alargarem a sua actividade em regime de propriedade privada.

O plano será apresentado no Conselho Legislativo em 4 de Abril

O governador-geral de Angola anunciou depois a base organica para a execução deste plano que será apresentado sob a forma de diploma legislativo na próxima reunião do Conselho Legislativo — em 4 de Abril.

Respondendo depois a perguntas, o governador-geral acentuou: Antes de termos dinheiro impunha-se esquematizar um plano. Aliás os preparativos estão já em plena execução. Exemplo: foi posto de pé o sistema de ensino que julgo original com métodos especiais segundo os quais os monitores saberão o que ensinar em cada dia.

O Estado suporta uma grande parte dos encargos deste plano. Mas a população beneficiada terá de fazer um esforço para que a execução do mesmo seja comportável pela comunidade. — (L.).

VOTO DE PESAR

do Grémio da Imprensa Diária pelo falecimento de João Pereira da Rosa

Sob a presidência de mons. Avelino Gonçalves, efectuou-se a assembleia geral ordinária do Grémio Nacional da Imprensa Diária.

O presidente da direcção, dr. Adolfo Andrade, propôs um voto de pesar pelo falecimento do sócio e fundador do Grémio sr. João Pereira da Rosa, cujo perfil traçou com o elogio das suas qualidades de inteligência e de trabalho. Propôs um minuto de silêncio, que a assembleia observou respeitosamente.

Entrando-se na ordem do dia, foram aprovados o relatório e as contas apresentados pela direcção.

CAFÉ RESTAURANTE EXPRESSO TERMINUS

Rua Primeiro Dezembro, 67-69
Telefone 324597

Amanhã: Sexta-feira

Lampreia á Moda do Minho
Bacalhau á Terminus
Arroz de Frango á Portuguesa
Frango Grelhado no Espeto com Piripiri

AS VOSSAS JOIAS
podem ser modernizadas. Uma sugestão sem compromisso pode V. Ex. obter na

OURIVESARIA PIMENTA

Rua Augusta, 253 * Telef. 24564

QUINTA-FEIRA, 29 DE MARÇO DE 1962



O ministro da Saúde, ladeado pelo director-geral da Assistência, ao dar posse á comissão encarregada da revisão da legislação termal

A COMISSÃO QUE VAI REVER A LEGISLAÇÃO TERMAL TOMOU HOJE POSSE

O sr. dr. Martins de Carvalho, ministro da Saúde e Assistência, deu esta manhã posse, no seu gabinete, á comissão encarregada da revisão da legislação termal.

A comissão é presidida pelo sr. eng. Castro e Sola, director-geral de Minas e Serviços Geológicos, e dela fazem parte, como vogais, os srs. eng. Herculano de Carvalho, director do Instituto de Hidrologia de Lisboa; dr. Marques da Mata, inspector de Aguas Medicinais da Direcção-Geral de Saúde; dr. Cid de Oliveira, representante da Ordem dos Médicos; dr. Bernardo Mendes de Almeida (conde de Caria), presidente da secção de Aguas Minerais da Associação Industrial Portuguesa; e dr. Amaro de Almeida, da Sociedade Portuguesa de Hidrologia Médica.

Leu o auto de posse o director-geral da Assistência, dr. Agostinho Pires, na qualidade de secretário-geral do Ministério. Prestado o compromisso, o sr. dr. Martins de Carvalho proferiu algumas palavras, para manifestar a sua confiança no completo êxito da missão daquela comissão.

Em resposta, o sr. eng. Castro e

ESTÁ Á VENDA

o «Trás-os-Montes»
O velho ferry-boat «Trás-os-Montes», encontra-se á venda, como material de sucata. Trata-se de uma das mais antigas embarcações que a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses utilizava na travessia do Tejo, entre Lisboa e o Barreiro.

CAPITALISTAS

«A CONFIDENTE», com sede na cidade de Lisboa e filial no Porto, comunica a todos os capitalistas que coloca dinheiro sobre 1.ª hipotecas, em propriedades, ao juro de 8% e pagos adiantadamente aos anos, sendo da sua inteira responsabilidade a eficiência da transacção.

Tratamos de toda a documentação, registos, etc. Nada cobramos de comissão aos capitalistas.

A CONFIDENTE

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAIS
FUNDADA HÁ 28 ANOS

LISBOA

Rossio, 3, 2.º andar
Telefones 369344/5/6

PORTO

Rua Passos Manuel, 14, 1.º
Telefones 20344/5/6

O futuro económico e social do tratado numa Corporação da

Reuniu-se esta tarde o conselho da Corporação da Indústria, que aprovou o relatório e as contas do ano de 1961. A sessão foi muito concorrida, vindo-se entre os presentes alguns dos presidentes dos organismos de coordenação económica. Antes da apreciação do relatório e contas, o presidente da corporação, sr. Fernando de Carvalho Seixas, pronunciou um importante discurso, que foi escutado com o maior interesse pela assembleia. O orador começou por comunicar ao conselho o desejo que a direcção da Corporação tem, de fomentar a organização corporativa do seu sector e as principais razões que a levaram a essa iniciativa. Disse considerar, porém, que a organização corporativa, mais do que aumentada, precisava de ser fortalecida, pelo que a direcção tencionava aproveitar a reforma da comissão de coordenação económica para solicitar ao Governo, um estudo comum e conjunto que defina quais as novas atribuições que devem ser concedidas ás corporações.

Mais adiante, disse: «A organização corporativa, como representante da iniciativa privada e do trabalho, tem de possuir os meios necessários para corresponder ás exigências do momento em que vivemos».

Depois de algumas das direcções das nos pro- citar a col- sindicatos, das secções de refe- Portugal n- dendo no m- do que se- noutros, a- bre este m- futuro eco- tervenham- sentativos, panha de e- Imprensa, O sr. Fe- xas anunc- da direcçã- do neste t- tanto, pe- atentasse- problemas- Lembrou- urgência d- zar segun- produtivi- futuro nã- mos estar- sas que d- tico sem- enfrentar- se resigna- (Com-)



Sevilha vista do alto da Giralda

Primavera em

SEVILHA, 28—Após um Inverno em que duas vezes sofreu terríveis inundações, Sevilha ressurgiu para mais uma Primavera triunfal. Muitas casas foram destruídas, muitos lares ficaram sem pão nem lume, mas outras moradias se improvisaram, e o Sol andaluz a todos alimenta e aquece.

O culpado foi um ribeiro, o Tamarguilho, que saltou a trincheira como toureiro assustado, sem parar nem atentar nos que estavam lá dentro. Acabou-se, o que lá vai lá vai, e não é caso para dar importância ao Tamarguilho, um insignificante. Ainda se fosse o Guadalquivir! — diria aquele cura de Triana a quem foram pedir o pálio para o toureiro da outra margem. Para os que sofreram, está á porta a Semana Santa com o consolo das imagens da sua devoção, e para todos a alegria da Feira, que este ano começa mais tarde, que tarde é sempre para os que a esperam. Sete corridas de touros, além da de Páscoa e de duas novilhadas, e Jerez á porta, e a correr nas «casetas», a saltar na graça do baile das sevillanas.

O Parque de Maria Luísa já floresce, ainda que esteja triste o roseiral dedicado a «Doña Sol» que, castiga como as duquesas da casa de Alba, vestiu jaqueta e montou a cavalo em quase um século da Feira que não voltará, mas onde não esquece o nome. Voltarão as tristes andarinhas que de países distantes buscam o Sol de Sevilha na Primavera, e aves de Hollywood, que fil-

«Vemos, pela nuar limita- mas, mas- tência para- Só assim, a- poderá ser- novação so- impõe pro- antes».

O nosso

Depois d- gumas das- da direcçã- las nos pr- citar a col- sindicatos, das secções- ração refe- Portugal n- dendo no m- do que se- noutros, a- bre este m- futuro eco- tervenham- sentativos, panha de e- Imprensa, O sr. Fe- xas anunc- da direcçã- do neste t- tanto, pe- atentasse- problemas- Lembrou- urgência d- zar segun- produtivi- futuro nã- mos estar- sas que d- tico sem- enfrentar- se resigna- (Com-)

HOM- ao pr- A Socie- diologia e- ve depois- uma sessã- á memóri- brasileiro- qual se re- Hospital d- tência do- Negócios- O pres- Manuel C- palavras- o dr. Juli- «A abreu- doenças to- prof. Aire- bre «Man- métodos».

me não há- Feira. Art- a fotogén- mas a fot- rou, e abur- ma que p- As prim- lhana fora- oportunidade- que vieme- colegas- por amáv- de Viacão- com a Cas- da combi-

(Cont-)

Decr- trata- pesso- qual- a as- ção- auto-

Portugal e o Mercado Comum

A reunião do conselho da Corporação da Indústria

(Continuação da 1.ª página)

ção ao da Grécia, cujo Acordo de adesão prevê para certo número de produtos da sua importação, um período de desmobilização em vinte e dois anos, sob condição, ainda, de nos primeiros sete anos e meio não se ir além de quatro reduções sucessivas de 5 % cada uma.

No fito de poder proteger ainda mais as suas indústrias nascentes, a Grécia dispõe, no decorrer dos doze primeiros anos do Tratado, da faculdade de introduzir direitos, ou de aumentar direitos já existentes, sob obrigação de os suprimir, ou reduzir ao nível anterior, decorridos nove anos de aplicação.

E porque, pelo menos nos primeiros tempos, a Grécia não seria possível equilibrar as importações mais facilitadas dos países da Comunidade dos Seis senão com a exportação dos seus produtos agrícolas, garantiu-se-lhe no Acordo de adesão uma redução acelerada dos direitos aduaneiros que esses mesmos países opunham à introdução, nos seus mercados, do tabaco e das uvas secas que dela recebiam.

É um exemplo que colhe pela demonstração da existência de uma preocupação de ajuda individual, para um fim que é de todos, a subordinar a adesão de um país economicamente mais fraco à Comunidade do Mercado Comum; é a base dela que a França e a Itália se comprometeram a comprar tabaco à Grécia, e que ainda há poucos dias, por exemplo, a Alemanha concedeu à Espanha — cuja candidatura à Comunidade Económica Europeia patrocina activamente — um empréstimo para obras de hidráulica agrícola de cerca de um milhão e quinhentos mil contos, ao juro de 3,5 %, e ao prazo de vinte anos.

É evidente que quando se compara o Anexo G que, na Convenção da E. F. T. A., atende à situação particular de Portugal, com os textos que, em relação ao Tratado de Roma, salvaguardam a possibilidade de expansão económica de vários países que a ele já aderiram, se fica com a dolorosa sensação — que, aliás, a experiência comprovou nalguns casos — de que ingenuamente consideramos como processo de defesa algo que pouco mais foi do que um meio de encobrir o egoísmo com que alguns países aceitaram a nossa proposta de adesão.

No interesse de uma real valorização da Comunidade é que reside a melhor garantia da valorização das parcelas que a compõem; por isso mesmo, cada país europeu que deseja aderir a ela, não pode deixar de o fazer dentro de uma expectativa confiante quanto à aceitação de uma intransigência na defesa dos seus interesses próprios que, sem prejuízo dessa valorização, se enquadram no interesse geral da Europa.

Em contrapartida, o que a Comunidade lhe poderá exigir é a certeza de um esforço consciente e devotado na utilização quer dos meios próprios, quer daqueles que a própria Comunidade possa pôr à sua disposição, para efeito de uma reestruturação a que a defesa do Ocidente não permite nem hesitações nem demoras. Quer dizer: de uma mentalidade devidamente evoluída no tempo, e construtivamente adaptada aos condicionalismos e às circunstâncias, que saiba compreender não unicamente o que de facto se vale, mas o que se possa vir a valer em futuro mais ou menos próximo, em face dos meios que, para tal, consiga ter ao seu dispor.

Só assim um país, por atrasado que seja, se mostra nas condições de poder interessar a uma Comunidade europeia como é o Mercado Comum, por demonstrar que tudo nele se processa em vias de uma evolução que a todos interessará fomentando; caso contrário, ficará na situação pejorativa de um «subdesenvolvimento», dentro da qual as possibilidades e as ajudas tantas vezes se perdem, por falta de uma compreensão indispensável para serem devidamente aproveitadas quer no espaço, quer no tempo.

É na consciência desta realidade que se deve orientar a intervenção do Estado na Economia portuguesa, de forma a evitar que os meios de que para tal dispõe se constituam no processo de manter situações que,

muito embora cómodas e lucrativas para os seus detentores, não se mostram consentâneas com o interesse do País.

Não se deverá assim — e só por exemplo se aponta — evitar que ao abrigo de um regime de condicionamento industrial se possam montar novas indústrias por causa de já existirem outras, que não poderiam competir com elas em preço, qualidade e retribuição dos factores da produção; o facto de já estarem só lhes deve conceder eventualmente um direito: o de o Estado lhes conceder, ajudando-as, directa ou indirectamente, com os meios técnicos e financeiros indispensáveis, se tanto se tornar mister, o tempo mínimo preciso para se remodelarem como realmente se impõe.

Só deste modo — e a experiência prova-o de sobejo! — uma legislação como é a do nosso condicionamento industrial se tornará num verdadeiro meio motor do progresso da Nação.

De igual modo, não poderão, nem deverão subsistir, certos regimes que concedem protecções a situações que só interessam como transitórias também, mas que pretendem manter-se indefinidamente, á espécie da reforma de uma letra por inteiro, sem qualquer amortização, portanto; e o pior é que, em muitos casos pelo menos, quem vem a pagar os juros é o País, afinal.

Como não se deverá, igualmente, insistir em processos de reorganização a que a experiência não deu ainda um único caso de sucesso, antes não deixou ver outra coisa do que a acumulação dos estudos, de relatórios, que não chegam para substituir na materialização de resultados práticos a certeza de uma liberdade concorrencial a curto prazo; acresce até que a fixação de normas de qualidade e a expectativa de mais baixos preços no mercado interno, poderiam ajudar a acordar adormecidos ou obrigar a ceder certos teimosos influentes.

Nem tão-pouco se poderá continuar no processo de o Estado, como representante da Colectividade, em vez de se articular eficientemente com a iniciativa privada no fito de lhe criar maiores facilidades no comércio e na produção, a atrofie, a impeça, a complique, a desiluda, a retarde, de tal forma que às vezes se chega a pensar se o Estado se não pulgo como único detentor da Ciência, ou dos conhecimentos, que hoje são indispensáveis para negociar e para produzir.

E se a iniciativa privada, por seu lado, justifica a existência de um «lucro» para se aplicar com interesse a favor da economia nacional, a forma de obtenção e a aplicação desse lucro devem, por seu lado também, condicionar a atitude do Estado quanto a respeitá-lo ou não; se se investe de novo, se toma um papel activo no fomento da produção e do comércio nacionais, é digno de ser acarinhado e eficientemente protegido para efeito de tal aplicação. Mas se, pelo contrário, se esbanja sumptuosamente, ou se utiliza sem proveito para a Nação, então a esta não podem faltar nem meios nem processos de compulsivamente o desviar em benefício da Colectividade.

É a função social do lucro que ao Estado cabe, mais do que nunca, promover; é um direito social, a limitar pretensões individuais, que deve subordinar inclusivamente, também, o direito à propriedade que todos nós respeitamos, desde que ele saiba ser honesto através da sua devoção ao bem comum.

Concluindo esta série de artigos, através dos quais, avaliando do problema no seu aspecto mais geral (1) não pretendi senão unicamente formular uma opinião, afirmarei que um país como Portugal não entra para uma Comunidade, como a do Mercado Comum, sem uma revolucionária reforma da sua estrutura económica; mas esta nunca será possível sem uma reforma profunda de certos conceitos sociais que o presente já não pode comportar.

É necessário que todos se convençam disso, e que cada um, com os poderes e com o auxílio do Estado, dê o máximo do esforço que lhe for possível para a obtenção dos meios que são, hoje, indispensáveis para se poder prosperar.

É preciso travar-se neste campo

uma batalha duríssima, em que alguns hão-de ficar pelo caminho; mas, neste caso, os vencidos hão-de ser aqueles que não têm categoria para vencer. O País terá, portanto, no mundo dos movimentos de integração que se processam, não a categoria que lhe venha de um passado, mas aquela que lhe souberem criar os actuais responsáveis pelos dias de amanhã.

O passado legou-nos — isso sim! — posições valiosas que estamos procurando, á custa de um verdadeiro esforço de guerra, conservar, não unicamente em benefício próprio, mas em benefício de uma Europa a que pertencemos, e onde podemos activamente, invocar direitos, no momento preciso.

Esta há-de reconhecer esse esforço, e respeitá-lo um dia, mas para que «tudo» seja realmente construtivo, torna-se necessário que aqueles que constituem a retaguarda dessa meritória campanha saibam estruturar, enquanto é tempo, uma próspera «posição de paz», para Portugal.

(1) A posição particularíssima do nosso Ultramar perante o Mercado Comum, os condicionalismos por ele criados á nossa Universidade, os problemas dele consequentes para a nossa legislação social, por exemplo, merecem, pela sua importância específica, uma análise á parte.

DANIEL BARBOSA

O pessoal da construção

(Continuação da página central)

é, sem duvida alguma, uma das maiores classes laboriosas do nosso País, e se encontra, sob todos os aspectos, ignorada e esquecida, pergunto: — Não serão os operários da construção civil mercedores de que olhem por eles? Ou serão os eternos esquecidos?

Em todas as classes trabalhadoras, e segundo tenho lido no vosso jornal, assinam-se contratos colectivos de trabalho, a fim de serem melhoradas as condições das mesmas, fixam-se salários, etc... Quer dizer: as entidades competentes servem de medianeiras entre os trabalhadores e as entidades patronais, legalizando assim os seus interesses. E não é sem razão que eu chamo aos operários da construção civil os eternos esquecidos pois somos obrigados, por decreto-lei, a descontar todas as semanas, dois por cento para o Fundo do Desemprego, e mensalmente, para o sindicato, a quota respectiva. Assim, enquanto o operário puder e tiver saúde é obrigado a descontar para poder trabalhar. E, volto a perguntar: — E quando não puder por falta de saúde? Dirige-se ao sindicato, vai á consulta médica e compra os medicamentos com o desconto respectivo.

«Sou forçado a fazer nova pergunta: — E aonde vai o operário buscar o dinheiro preciso para comprar os medicamentos, e para entregar em casa para a sua alimentação e a dos seus? Isto não falando de outros tremendos encargos, tais a renda de casa, etc...»

«Não seria justo e humano ter a nossa classe, as mesmas regalias que têm as de outros trabalhadores? Não há entidade patronal que nos dê trabalho sem estarmos munidos do cartão profissional e com as quotas em dia, que são de 4800 por mês, fixados pelo sindicato. Além disso, no tocante ao salário que o operário auferir, há uma tal diversidade, que varia consoante pulado uma forma certa de pagamento...»

EFFECTUA-SE HOJE

o jantar de confraternização dos antigos combatentes

Na cantina da Liga dos Combatentes, effectua-se hoje o 93.º jantar de confraternização entre combatentes e expedicionários portugueses e combatentes britânicos, belgas, franceses e italianos, em numero superior a 60. Preside á reunião o sr. general Afonso Botelho.

UM SARAU

nos Bombeiros de Oeiras

A comissão de festas da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Oeiras promove depois de amanhã, na sede da colectividade, um sarau, cuja receita reverte para a benemérita instituição.

(Continuação da página central)

ta que se tenham de evitar empirismos, promovendo estudos económicos, técnicos e sociais que de uma vez para sempre ponham termo ao amadorismo industrial com que alguns se arruinam, comprometendo os restantes.

Lembrou, porém, que a integração de Portugal na economia europeia tem de ser particularmente prudente para que dela resulte uma melhoria do nosso nível de vida. Dentro desta linha de pensamento, considerou de todo o interesse que os chefes de empresa que recorressem ao crédito externo tivessem sempre o cuidado de preferir o auxílio financeiro de países onde as nossas manufacturas possam ter aceitação. Através de um adequado estudo de mercados, obter-se-ia uma ordem de preferência que a iniciativa privada deveria respeitar no interesse de todos.

O problema dos monopólios

Referiu-se seguidamente ás posições de força dos monopólios, tendo afirmado: «Quer-me parecer que os monopólios só se poderão justificar se nos derem garantias de serem verdadeiros estimulantes do progresso tecnológico. Se assim não for, o movimento mundial de concentração que se está já operando, pode resultar unicamente num jogo de interesses que não hesite em evitar progressos de fabrico, para

não desvalorizar instalações e métodos».

Ocupou-se depois da livre circulação de pessoas como corolário da integração económica europeia, tendo apontado que poderá resultar daí que o operário português geralmente hábil e trabalhador, venha a ser frequentemente demandado para trabalhar no estrangeiro, o que é economicamente prejudicial a um país em vias de desenvolvimento e que tem ainda a imperiosa necessidade de povoar os seus territórios ultramarinos.

Referiu, depois, a necessidade de uma melhoria progressiva de remuneração e condições de trabalho, e prosseguiu, abordando demoradamente a Livre Circulação de Mercadorias e o Sistema de Pagamentos inter-regionais no Espaço Comum Português, solicitando ao Governo que chamasse á iniciativa privada a colaborar nas tarefas de planeamento para que deste modo se evitassem atrasos de concretização e medidas burocráticas sem aplicação real.

Citou alguns problemas de difícil resolução que se prendem á eficiência de funcionamento das regulamentações; exortou os industriais a fomentar a industrialização do Ultramar no intuito primordial de beneficiar económica e socialmente esses territórios e afirmou: «Não há lugar á subsistência de quaisquer reservas de egoísmo, sendo, por exemplo, condenável a transferência para o Ultramar de unidades mal apetrechadas que na Metrópole já não tenham aceitação, em face da concorrência estrangeira».

Frequentemente interrompido com aplausos, o orador referiu-se ainda ao dever de proporcionar o progresso técnico e social do autótome, fazendo dele não unicamente um consumidor, mas um operário, tanto quanto possível especializado.

A concluir, e depois de solicitar ao conselho da Corporação que aceitasse como lema da actividade industrial a divisa: «a máxima produção, a máxima produtividade e a máxima colaboração», o sr. Fernando Seixas considerou que as Corporações, seus grêmios e sindicatos tinham de passar a ter na vida nacional o lugar que lhes competia, passando com firmeza e rapidez da actual fase de experiência, a um período de concretização.

Terminou o importante discurso com a seguinte declaração:

«A existência crescente em Portugal de uma verdadeira mentalidade de chefe de empresa e a formação patriótica da maioria dos nossos trabalhadores, levam-me, como presidente da Corporação da Indústria, a encerrar com toda a esperança a vitória final, desde que nunca se perca a certeza de quão duro e prolongado vai ser o combate».

O conselho aplaudiu demoradamente o orador tendo ficado exarado em acta o apreço que mereceram á assembleia as afirmações tecidas, que bem demonstravam a clareza de espírito e a coragem moral do sr. Fernando Seixas.

O relatório e contas, aprovado em seguida, é não só uma síntese muito elucidativa de toda a actividade do organismo, como ainda uma breve resenha dos principais acontecimentos que se processaram na vida industrial portuguesa em 1961.

O documento abre com uma sentida evocação do primeiro presidente da Corporação, sr. Vítor Gallo, que faleceu em Maio ultimo num desastre de aviação.

Foi também distribuída a todos os presentes uma síntese da actividade da Corporação nos primeiros meses de 1962.

Pela leitura desses documentos, vê-se facilmente o volume de trabalho e a importância que a Corporação da Indústria começa a ter na vida económico-social portuguesa.

DUAS NOVAS

conservatórias

do Registo Civil em Lisboa

Entram em funcionamento no dia 1 de Abril duas novas conservatórias do Registo Civil em Lisboa. Uma a 9.ª, na Avenida Guerra Junqueiro, n.º 7, 1.ª, abrange as freguesias de S. João de Brito, S. João de Deus, Alto de Pina, Marvila e Santa Maria dos Olivais; a outra, a 10.ª, na Avenida Elias Garcia, n.º 48, 1.ª, abrange as freguesias de Campolide, S. Domingos de Benfica, Benfica, Carnide, Ameixoeira e Charneca.

FARÊS PARTIU PARA ARGEL

(Continuação da 1.ª página)

instalação do executivo provisório, formado por europeus e muçulmanos, que administrará a Argélia durante seis meses, a partir de agora até á independência.

Farès, o presidente muçulmano do Governo Provisório, conferenciou ontem com o ministro para os Assuntos Argelinos, Louis Joxe, e seguiu hoje para a Argélia, a fim de se reunir ao alto comissário francês, recentemente nomeado Christian Fouchet, que já está a exercer as suas funções, instalado na capital administrativa, em Rocher Noir, a cerca de 30 quilómetros de Argel.

O presidente de Gaulle preside esta tarde a uma reunião do Governo. De manhã, conferenciou com o general André Puget, chefe do Estado-Maior da Defesa Nacional da França. — (A. N. I. e F. P.).

GOLFE NO ESTORIL NUNO ALBERTO BRITO E CUNHA venceu os «Internacionais» de Portugal

Poucas vezes uma «Semana Internacional de Golfe», no Estoril, se terá revestido de tanto interesse, terá decorrido com tanto agrado como a de 1962. Programas bem cumpridos, lotes valorosos e numerosos de concorrentes, provas bem disputadas e publico selecto e entusiástico, a par de uma organização perfeita a que ficam ligados os nomes da Federação Portuguesa de Golfe e do Clube de Golfe do Estoril.

Entre uma boa série de competições, duas ressaltam como as mais importantes: o 22.º Portugal-Espanha e os Campeonatos Internacionais de Portugal — estes já com um largo e brilhante historial e que podemos considerar como ponto de partida para a realização da «Semana», com larga repercussão além-fronteiras, pelas muitas nações que vêem os seus jogadores interessados no certame. O golfe, além de um salutar desporto, continua a ser um bom cartaz de propaganda da Costa do Sol.

Porque já tivemos oportunidade de nos referir há dias ao encontro entre portugueses e espanhóis, vamos hoje tecer algumas considerações à volta dos «Internacionais». E começando pela prova masculina, teremos em primeiro lugar de assinalar que ela foi ganha por um jogador português, que, na final, teve, por adversário, outro português, que, por sinal, era o detentor do título.

Nuno Alberto Brito e Cunha não pode rejeitar o rifão que diz que «filho de peixe sabe nadar». Seu pai, o visconde de Pereira Machado, tem motivo para se orgulhar, pois Nuno Alberto será, sem dúvida, um excelente continuador da brilhante carreira do seu progenitor. Bastante novo, possui já um valioso palmarés, no qual se enquadra perfeitamente o título agora conquistado.

Designado para «cabeça de série», Nuno Alberto fez uma prova excelente, com cinco encontros ganhos por marcas expressivas, com excepção da meia-final em que Fernando Pinto Coelho se tornou o seu mais difícil adversário.

Jorge de Figueiredo — o outro «cabeça de série» — foi o finalista.

A F. P. F. CASTIGA

Na sua reunião de ontem, a comissão executiva da direcção da Federação Portuguesa de Futebol decidiu aplicar os seguintes castigos:

ADVERTÊNCIA — Angelo Mendes de Almeida, Gilbert Wilson e Rodrigo da Cunha Velho, do Sport Castelo Branco, por faltas leves e Manuel de Sousa Viegas, do Juventude, por falta de diligência no cumprimento das ordens do árbitro.

REPREENSÃO POR ESCRITO — Anibal Neto Barros, do Mirense, por reincidência em pequenas faltas e António José Baptista Santos, do Lusó, por lançamento intencional da bola para longe do local onde a falta foi cometida.

UM JOGO OFICIAL DE SUSPENSÃO — António Manuel Silva Rosado, do Estrela F. C., por comportamento incorrecto para com a equipa de arbitragem; José Francisco Machuco Arranhado, do F. C. Serpa, por publico desacordo com as decisões do árbitro; Eduardo José Pereira Oliveira, do Sporting (juniores), por ameaça de agressão a um adversário e José Brandão Lopes, do G. D. Beja, por resposta á agressão de um adversário.

DOIS JOGOS — António Maria Alexandrino Cafum, do Marinhense, por insultos graves a um adversário; José Teixeira de Almeida Pinto, do Estoril Praia, por injúrias ao árbitro; Marcelino Santana Rocha, do Feirense, por jogo perigoso sistemático.

TRES JOGOS — Francisco Alberto Garcia, do Lusó; José Fernando Costa Santos e Francisco Ferreira Beato, ambos do C. D. Cova da Piedade e Joaquim Artur Belo Cunha, do Juventude, por agressão a um adversário.

QUATRO JOGOS — José Alexandre Anastácio, dos Nazarenos, por jogo perigoso sistemático, no que é reincidente.

Se não revalidou o título, nem por isso, deixa de merecer uma referência elogiosa, pois defendeu-o da melhor maneira, embora, no encontro decisivo não tivesse podido evitar expressiva derrota.

Fernando Pinto Coelho, atingiu a meia-final, derrotando dois jogadores de créditos firmados: Tito Lago e Peter Dawson. O outro jogador que atingiu esta fase da prova foi J. H. Cox, podendo dizer-se que «defendeu» a representação estrangeira.

A prova feminina reuniu um numero de concorrentes que julgamos ter sido «record». As nossas jogadoras não deixaram de corresponder ao que delas se poderia esperar. Bárbara Brito e Cunha e Salette Sousa e Melo foram as que mais se evidenciaram, sem que contudo, pudessem ter ido além das meias-finais. Ambas vencidas nesta fase da prova, não deixaram, contudo, de vender cara a derrota, deixando que Ana Maria Marfull e Nancy Rohm chegassem á final.

Pensava-se que a ultima, uma sul-africana que se encontrava em Inglaterra e daí veio propositalmente ao Estoril para disputar os «Internacionais» fosse a vencedora. Mas não. A espanhola Ana Marfull, redimiu-se da sua acção no Portugal-Espanha e ganhou com mérito, após luta emocionante, decidida no ultimo buraco.

Resta falar dos torneios de «Consolação», de que saíram vencedores Dean Mathews e Tessa Briggs. O primeiro foi eliminado por Nuno Alberto Brito e Cunha e a segunda por Salette Sousa e Melo.

DIAMANTINO DIAS

SE HOUVESSE LÓGICA NO TOTOBOLA...

Para o concurso n.º 27 das Apostas Mutuas Desportivas fornecemos alguns elementos que de qualquer forma permitam ajudar os nossos leitores a elaborar os respectivos palpites dos jogos escalonados para o próximo domingo.

BENFICA-F. C. PORTO — Quarto jogo, esta temporada. Os três anteriores disputaram-se nas Antas. Somatório: 2 vitórias dos portuenses (2-1 e 1-0) e um empate (2-2). Posições actuais: Benfica, 29 pontos (3.º) e Porto, 33 pontos (2.º). Pormenor: o Benfica ainda não perdeu na Luz. O jogo deve ser encarado como decisivo com vista ao 1.º lugar, se os «leões» vencerem em Leixões.

ACADEMICA-ATLÉTICO — O 8.º (18 p.) contra o 5.º (23 p.). Quarto jogo esta época, entre ambos. Resultados anteriores: 3-0, na Tapadinha para o «Nacional», e 2-3 e 3-0 para a «Taça».

SALGUEIROS-BEIRA MAR — Posições: 14.º (6 p.) e 13.º (12 p.). Na primeira volta, os aveirenses venceram por 3-0. Em dez jogos fora de casa, o Beira Mar perdeu 5, empatou um e ganhou um.

LEIXÕES-SPORTING — O «leão» em Matosinhos. O 1.º (34 p.) contra o 11.º (14 p.). O Leixões só perdeu duas vezes, em casa em oito jogos, enquanto o Sporting não perdeu nos campos dos adversários, em dez encontros. Importatissimo para os sportinguistas.

COVILHA-C. U. F. — O 11.º (11 p.) contra o 4.º (24 p.). É evidente a necessidade de pontos em relação aos serranos que, no seu campo, já venceram cinco vezes, empataram uma e perderam quatro.

TORRIENSE-BOAVISTA — Na primeira volta, 1-3. Pontuação: 17 contra 21. O Boavista só venceu uma vez fora de casa e empatou quatro. O Torriense, em casa ganhou seis vezes e perdeu uma, empatando três.

VIANENSE-ESPINHO — Na primeira volta, 2-2. O 6.º (21 p.) contra o 5.º (22 p.). Nos jogos em casa, o Vianense só consentiu 6 golos, tendo marcado 14.

ALHANDRA-SETUBAL — O 7.º (18 p.) contra o 2.º (32 p.). Na primeira volta 1-7.



NUNO A. BRITO E CUNHA
que ganhou brilhantemente os «Internacionais» é uma das esperanças do golfe português

Confraternização gimno-desportiva na «Semana» do Ginásio Clube Português

No prosseguimento das comemorações do seu 87.º aniversário está o Ginásio Clube Português a realizar a «Semana Desportiva» que uma vez mais patenteia o êxito e o alcance da prática da educação física como base do desenvolvimento harmónico e integral do indivíduo.

As salas do Ginásio Clube, há muito, já, de reduzidas dimensões, são cada vez mais acanhadas para a numerosa frequência das classes e também para a sempre insatisfeita vontade dos dirigentes, que an-

CAMPEONATO DO MUNDO DE HÓQUEI EM PATINS

A VELOCIDADE DIABÓLICA DA SELECÇÃO PORTUGUESA destroçou os holandeses

(Por Hernandez Cuevas — Serviço especial para o «Diário de Lisboa»)

SANTIAGO DO CHILE, 29 — Tendo dominado claramente e em todos os sectores o conjunto holandês — de que havia boas referências — o «cinco» de Portugal fez ontem uma exibição completa, ganhando por 7-1 no primeiro encontro que disputou para o Campeonato Mundial de Hóquei em Patins.

O fulcro da equipa foi o médio Adrião, que comandou perfeitamente as operações e manteve em xeque os avançados contrários.

Os dois guarda-redes utilizados mostraram ter valor sensivelmente igual, e até os próprios atacantes têm nível técnico quase idêntico embora cada um apresente características especiais.

Agradou, especialmente, a forma desenvolvida como os portugueses

passam da defesa para o ataque, lançando-se em fracções de segundo ao assalto da baliza adversária.

O confronto entre o sistema de jogo dos portugueses e o que foi apresentado pela Itália — vencedora do seu encontro com a Argentina por 3-1 — dá grandes vantagens á turma portuguesa.

Na verdade, ao passo que todos os jogadores portugueses que foram passando pela equipa, nas frequentes substituições, mostravam valor técnico equiparado, sem nunca se quebrar a linha táctica do conjunto e sem, jamais, se enfraquecer a sua força, os italianos chamados a substituir os titulares mostraram-se claramente inferiores aos seus substituídos. Desse modo, na segunda parte, a Itália não conseguiu impor-se e fez um jogo praticamente igual ao dos argentinos, que se consideram, á luz do que ontem se viu, os melhores praticantes da América Latina concorrentes ao torneio.

O embate do Brasil com o Chile teve um resultado inesperado, pois os brasileiros viriam a demonstrar que estão tecnicamente mais adiantados do que os seus adversários. Estes, porém, especialmente na primeira parte, jogaram com velocidade diabólica, bem incitados pelo publico, e conseguiram um avanço de três golos que ditaria o resultado.

Portugal defronta hoje a Alemanha. O desafio começa ás 22 e 30, hora do Chile.

RESULTADOS

PORTUGAL-Holanda 7-1 (3-0);
Itália-Argentina 3-1 (3-0);
Chile-Brasil 4-1 (3-0);

12 concursos hípicos em 1962

A despeito das coisas não correrem de feição para o nosso hipismo, o entusiasmo pela modalidade não se perde e a demonstrá-lo está o facto de estarem previstos para a época de 1962 doze concursos hípicas, na sua quase totalidade já conhecidos.

Que de momento não ocorra, só os certames de Matosinhos e de Viseu não têm sido inscritos nos calendários das ultimas temporadas.

Eis como se apresenta o programa da temporada:

- 26/5 a 3/6 — Concurso Hípico Internacional de Lisboa.
- 8 a 10/6 — Concurso de Abrantes.
- 12, 14 e 15/7 — Concurso de Mafra.
- 28 e 29/7 — Concurso da Costa da Caparica.
- 2 a 5/8 — Concurso de Matosinhos.
- 4 e 5/8 — Concurso da Ericeira.
- 11 a 19/8 — Concurso das Pedras Salgadas (Internacional).
- 23 a 28/8 — Concurso de Sintra.
- 1 a 9/9 — Concurso de Cascais.
- 11 a 16/9 — Concurso da Figueira da Foz.
- 20 a 23/9 — Concurso de Viseu.
- 4 a 7/10 — Concurso de Lisboa (Nacional).

O Concurso de Cascais inclui o Campeonato Nacional de Juniores e o da Figueira da Foz comporta o Campeonato Nacional do Cavaleiro de Obstáculos.

O BARCELONA

qualificou-se para as meias-finais da «Taça das Cidades com Feiras»

BARCELONA, 29 — O Barcelona derrotou, na noite passada, o «Sheffield W», por 2-0, qualificando-se, assim, para as meias-finais da «Taça das Cidades com Feiras». Na primeira mão, os ingleses haviam vencido por 3-2, — (R. e F. P.).

TÉNIS DE MESA

Duas equipas portuguesas participam no Campeonato da Europa

BERLIM, 29 — Portugal é um dos dezoito países e territórios que de 31 de Março a 7 de Abril disputam em Berlim-Oeste o terceiro Campeonato Europeu de Ténis de Mesa.

Os países do bloco soviético recusaram-se a competir, em conformidade com a campanha lançada pela Rússia contra a existência de Berlim-Oeste. No entanto, a Jugoslávia não acatou a palavra de ordem e alinhará no estádio coberto de Schoenberg com os outros dezasseis países concorrentes. A Itália anunciou, ontem á noite, a sua desistência, alegando razões técnicas.

O campeonato inicia-se com jogos entre equipas. As masculinas distribuem-se em dois grupos: Grupo 1 — PORTUGAL, Suécia, Inglaterra, Dinamarca, Holanda, França, Luxemburgo, Grécia e Jersey. Grupo 2 — Jugoslávia, República Federal da Alemanha, Aus-

(Continua na página seguinte)

LUIS CORREIA

HOJE, À NOITE

XADREZ — Torneio de 2.ª categorias do Desportivo de Santos, ás 21 horas.

DESPORTOS

O pugilismo profissional àsperamente criticado

LONDRES, 29. — A «nobre arte» foi ontem objecto de apaixonado debate na Câmara dos Lordes onde um dos seus membros, a baronesa de Summerskill (trabalhista) perguntou se o Governo nada faria para proibir o pugilismo na Grã-Bretanha, depois do acidente que colocou Benny Paret às portas da morte, em Nova York.

«Não devia o Governo» — acrescentou a baronesa — «processar, em caso de acidente fatal, os organizadores, responsabilizando-os por homicídio voluntário? Dado o facto de se encontrarem à cunha as nossas prisões, casas de detenção e casas de correcção, pode acreditar-se que melhoraremos a nossa juventude mostrando-lhes em casa, pela televisão, duas ou três vezes por semana, cenas de brutalidade sob o pretexto de que se trata de desporto?» — (F. P.).

E' UM DESPORTO IMORAL — DIZEM OS MORALISTAS CATÓLICOS

CIDADE DO VATICANO, 29. — «O pugilismo profissional, tal como se pratica actualmente, é um desporto imoral» — é a conclusão a que chegaram os moralistas católicos que a Rádio do Vaticano consultou depois do incidente de que foi vítima o pugilista Benny Paret. — (F. P.).

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS AVISO

Tendo esta Câmara, por aviso publicado nos jornais de 1 de Maio do ano findo, chamado a atenção do público para o facto de A. Ramalho, residente na Rua Senhora do Monte, 3-1.º-E, em Lisboa, telef. 868155, por conta de quem trabalha o Tenente do Exército reformado Manuel Correia, telef. 868286, estar a proceder à venda de lotes de terreno para construção, neste Concelho, sem que reúnem os requisitos da Lei n.º 2099, de 14 de Agosto de 1959, e sendo do seu conhecimento que tais transacções continuam a efectuar-se, com manifesto prejuízo dos compradores, porquanto os terrenos se localizam em zona onde não é permitida a construção, chama-se, mais uma vez, a atenção do público em geral para esse facto.

A Câmara utilizará os meios legais ao seu alcance, ordenando a respectiva demolição, no caso de serem construídas moradias nesses terrenos.

Cascais, 27 de Março de 1962.

O Presidente da Câmara,
ANTÓNIO AZEVEDO COUTINHO
(Engenheiro Agrónomo)

Terrenos para construção de moradias na Madorna, em Parede

A Câmara Municipal de Cascais anuncia que no dia 21 de Abril próximo, pelas 14.30 horas, no edifício dos Paços do Concelho procederá à venda em hasta pública de 15 lotes de terreno na Madorna, em Parede, destinados à construção de moradias.

Os lotes com áreas que variam entre 360 e 800 m² serão postos em praça com a base de licitação de 80\$00 por metro quadrado.

O pagamento poderá ser feito em prestações, sem juros.

Não se aceitam cheques.

Cascais,
O Presidente da Câmara
ANTÓNIO AZEVEDO COUTINHO
(Engenheiro Agrónomo)

GRAVADORES

Precisam-se com prática de trabalhos em pantógrafo. Carta indicando idade, prática e salário desejado a A. Z. 2672, Havas, Rua Aurea, 242.

Ténis de mesa

(Continuação da página anterior)

tria, Suíça, Bélgica, País de Gales, Finlândia, Escócia e Espanha.

Também as equipas femininas foram dispostas em dois grupos, assim constituídos: Grupo 1 — Inglaterra, Suécia, Jugoslávia, Suíça, Espanha, País de Gales e Holanda. Grupo 2 — PORTUGAL, Republica Federal da Alemanha, França, Dinamarca, Bélgica e Grécia.

Nove jogadores portugueses participam no «internacional» de juniores da França

BLOIS (França), 29 — Portugal e mais seis países participam no primeiro campeonato internacional francês de ténis de mesa (junior) que se disputa em Blois, nos dias 18 e 19 de Abril.

No torneio estão inscritos sete jogadores da Republica Federal da Alemanha, sete da Austria; nove de PORTUGAL, quatro de Luxemburgo, sete da Bélgica, seis da Inglaterra e sete da França. — (A. N. I.).

BRIDGE

Encerra-se hoje a inscrição para a «Taça Clube de Ténis de Lisboa»

O segundo torneio da «Taça Clube de Ténis de Lisboa», competição que está a despertar o maior interesse entre os nossos «bridgistas», realiza-se em Monsanto, no sábado e domingo.

Aos dez jogadores pontuados na classificação final do primeiro torneio não é permitido formar pares entre si, resultando daí uma desportiva e animada alteração das equipas.

Podem concorrer todos os «bridgistas», tenham ou não jogadores no primeiro torneio, e a inscrição encerra-se hoje, pelas 20 horas. Dão-se informações pelo telefone 773947.

O ÁRBITRO

Eduardo Gouveia teve boa actuação na Grécia

ATENAS, 29 — O árbitro português Eduardo Gouveia, que dirigiu o encontro Panathinaikos-AEK, da 1.ª Divisão do Campeonato Grego de Futebol, teve boa actuação, embora abaixo do trabalho já demonstrado noutro encontro e da actuação do seu colega, Décio Freitas.

O encontro terminou com a vitória Panathinaikos por 3-2 e decorreu com numerosos problemas para o árbitro, que teve dificuldade em se impor.

O principal motivo de controvérsia foi uma grande penalidade a que o «AEK» se afirmava com direito e que o árbitro português não concedeu, com razão. A crítica desportiva considera a sua actuação «boa, mas não excelente». — (A. N. I.).

MONTEPIO GERAL

Associação de Socorros Mútuos

Fundada em 1840

ASSEMBLEIA GERAL

Sessão ordinária

Reúne-se hoje, dia 29, pelas 21 horas, na Sede do Montepio, para discutir os relatórios, os actos e as contas da Direcção de 1961 e os respectivos pareceres do Conselho Fiscal do Montepio Geral e da Caixa Económica de Lisboa, deliberar a este respeito e apreciar a tabela de títulos de crédito admissíveis para caução de empréstimos.

SERRALHEIROS

Precisam-se de bancada, com prática de cunhos e cortantes. Carta indicando idade, prática e salário desejado a B. B. 2675, Havas, Rua Aurea, 242.

WHISKY

Compra-se de diversas marcas. Atende-se depois das 19 horas, na Rua-Cruzes da Sé, 11, 3.º, ou pelo telefone 34075 — Lisboa.

METROPOLITANO DE LISBOA

S. A. R. L.

CONCESSIONARIA DO EXCLUSIVO DE INSTALAÇÃO E EXPLORAÇÃO DO METROPOLITANO DE LISBOA

Sede: Avenida Fontes Pereira de Melo, n.º 28 — Lisboa

CAPITAL: ESC. 64.000.000\$00

EMIÇÃO DE 48.000 OBRIGAÇÕES DE 4%-1962/73, AUTORIZADA PELO DECRETO-LEI N.º 44.251, DE 24 DE MARÇO DE 1962, DAS QUAIS:

30.000 são reservadas às Instituições de Previdência e as restantes 18.000 foram tomadas firme pelos Estabelecimentos de Crédito abaixo indicados, que as oferecem ao público nas condições do presente anúncio

Estas obrigações, às quais é dado o AVAL DO ESTADO, têm o valor nominal de Esc. 1.000\$00 cada, e serão representadas por títulos nominativos e ao portador (cupão), de 1, 5, 10, 50 e 100 obrigações.

O juro é de 4% ao ano, ISENTO DE IMPOSTO e será PAGO AOS TRIMESTRES, em 1 de Janeiro, 1 de Abril, 1 de Julho e 1 de Outubro de cada ano, com início em 1 de Julho de 1962.

A amortização far-se-á em 10 ANUALIDADES IGUAIS, em 1 de Abril de cada ano, com início em 1 de Abril de 1964, mediante sorteios de 4.800 OBRIGAÇÕES POR ANO e pelo valor nominal.

CONDIÇÕES DE SUBSCRIÇÃO

- 1.ª — As obrigações subscritas são oferecidas ao par e integralmente pagas no acto da subscrição;
- 2.ª — As subscrições ficarão sujeitas a rateio, no qual não entram as reservadas às Instituições de Previdência;
- 3.ª — A subscrição estará aberta, de 2 A 7 DE ABRIL do corrente ano, nos seguintes Estabelecimentos de Crédito, suas Filiais, Agências e Dependências:

— CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, CRÉDITO E PREVIDÊNCIA
— BANCO BORGES & IRMÃO
— BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
— BANCO DE FOMENTO NACIONAL
— BANCO FONSECAS, SANTOS & VIANNA
— BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
— BANCO TOTTA-ALIANÇA

Lisboa, 26 de Março de 1962

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

ALGARVE

S. I. A. — SOCIEDADE IMOBILIÁRIA DO ATLÂNTICO

MAGNÍFICO INVESTIMENTO DE CAPITAL

ALBUFEIRA

VENDEM-SE: Moradias modernas. — Janelas para o mar, com uma, duas ou quatro residências.

PREÇOS: de 180 a 700 contos por residência.

PAGAMENTO: 10% de sinal e o restante em 30 prestações.

TRATAR COM OS PROPRIETÁRIOS E CONSTRUTORES:

LISBOA — S. I. A. — Rua do Ouro, 110-5.º (Edifício do Banco Português do Atlântico)
ALBUFEIRA — EMPRESA COMERCIAL A. J. CABRITA

PRAIA DA ROCHA

S. I. A. E COPROL (ASSOCIADAS)

VENDA DE APARTAMENTOS

GRANDE PRÉDIO EM CONSTRUÇÃO — 40 apartamentos modernos, com ascensores, varandas para o mar, acabamentos esmerados.

PREÇOS: 300 a 500 contos por apartamento.

PAGAMENTO: 20% de sinal e o restante em 40 prestações.

TRATAR COM OS PROPRIETÁRIOS:

LISBOA — S. I. A. — Rua do Ouro, 110-5.º (Edifício do Banco Português do Atlântico)
PRAIA DA ROCHA — COPROL — CONSTRUÇÕES PRAIA DA ROCHA, LDA.

VIDA MUSICAL

O Grupo Experimental de Ballet nas «Semanas Musicais»

Como no ano passado, a Fundação Gulbenkian promoveu as «Semanas Musicais», em que intervêm alguns dos mais prestigiosos grupos corais e instrumentais. Estas manifestações serão encerradas com recitas do Grupo Experimental de Ballet, dedicadas ao Ateneu Ferroviário, Voz do Operário, Incrível Almadaense, Sociedade Promotora de Educação Popular e Sociedade Guilherme Cossoul, nas noites de 2, 6 e 11 de Abril.

O grupo, que se apresentará, no próximo mês, em Évora, dançará «Les Sylphides», «Casse-Noisette» e «Ritmo Violento».

Nan Merriman no Tivoli

Hoje, às 18 e 30, no Tivoli, dará o seu último recital a cantora Nan Merriman, em concerto dedicado aos sócios do Círculo de Cultura Musical.

No recital desta tarde estão incluídas composições de Ruy Coelho, Manuel de Falla, Haendel, Mozart, Debussy, Fauré, Rachmaninoff e alguns cantos espirituais negros.

Concerto gravado no Instituto Superior Técnico

Amanhã, às 18 e 15, no salão nobre do Instituto Superior Técnico, realiza-se mais uma audição de música gravada promovida pela Associação Académica daquele Instituto, de colaboração com a direcção.

Far-se-á ouvir a Orquestra de Filadélfia, sob a direcção de Eugene

ATRIBUIÇÃO

de propriedades horizontais em Alges e Amadora

O Cofre de Previdência do Ministério das Finanças abriu concurso entre os associados para a atribuição dos seguintes andares de propriedade horizontal resolvel: em Alges, na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, 127, 2.ª Dt., três divisões, assoalhadas, cozinha, casa de banho e logradouro, 163 000\$00; rés-do-chão, Dt.ª Esq., com o mesmo numero de divisões, 159 000\$00, cada lado; e na Amadora, na Avenida de D. Nuno Alvares Pereira, 64, 2.ª Dt., quatro casas assoalhadas, cozinha, duas casas de banho, roupeiro e vestíbulo, 160 000\$00.

Reuniões científicas

Hospital do Ultramar

No Hospital do Ultramar, realiza-se amanhã, pelas 21 e 30, uma reunião extraordinária do corpo clínico, em que o sr. eng. Miguel Mota, colaborador do Centro de Estudos do Instituto de Alta Cultura e do Serviço de Física Médica, apresentará uma comunicação sobordada ao tema «Os cromosomas do homem».

A entrada é facultada a todos os médicos e alunos de Medicina.

«DIÁRIO DE LISBOA»

A direcção do Montepio Geral teve a amabilidade de agradecer ao «Diário de Lisboa» o realce que o nosso jornal deu à sessão solene para a entrega dos prémios de 1961 da Fundação Vale Flor, cuja administração foi confiada pela sua criadora, a marquesa de Vale Flor, àquela secular instituição.

A CONSTRUÇÃO

do «Hotel Planície», em Évora

ÉVORA, 29. — Deu já entrada na repartição técnica da Câmara Municipal desta cidade, para estudo e aprovação, o projecto, devidamente remodelado, do «Hotel Planície», cujas obras de construção, num edifício do Largo de Alvaro Velho, se encontram paralisadas há cerca de um ano.

FOI DESCOBERTA

uma quadrilha de jovens delinquentes

A P. S. P. de Almada descobriu um grupo de treze jovens, que se dedicava a pequenos roubos não só em casas particulares como em estabelecimentos, até, em igrejas. Os maiores furtos foram de 180\$00 numa oficina de canteiro, onde inutilizaram pedras no valor de 250\$00, e cerca de 400\$00 de brinquedos num estabelecimento da Rua Capitão Leitão, a que partiram a mostra para tirar os objectos. Na igreja da Cova da Piedade tiraram 45\$00 e na do Pragal, 26\$00.

Os autops não foram sempre os mesmos, mas há um que esteve presente em todas as operações e que actuava como chefe. Os jovens e os seus pais e tutores compareceram na Polícia, a fim de prestar declarações, tendo o respectivo processo sido enviado a juízo.

Ormandy, e o coro de Mornon Ta-bernacle, que executarão «O Messias», de Haendel.

CONVENÇÕES internacionais

O Ministério dos Negócios Estrangeiros tornou publico que os Governos da Republica da Colômbia, da Republica Islamica e da Mauritania depositaram os instrumentos, respectivamente, de ratificação e adesão dos seus países à Convenção Meteorológica Mundial, de 11 de Outubro de 1947; que os Governos da Costa do Marfim e do Daomé, notificaram a aceitação da Convenção sobre a circulação rodoviária, celebrada em Genebra a 19 de Setembro de 1949, que se tornara extensiva aos seus territórios antes de obterem a independência; e que o Governo da Federação da Nigéria e a Republica da Venezuela efectuaram o depósito do instrumento de adesão à Constituição da comissão internacional do arroz.

Auxílio a sinistrados das cheias do Douro

GUARDA, 29. — O sr. dr. Luís de Almeida, governador civil da Guarda, esteve na povoação de Barca de Alva, no concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, a fim de resolver alguns problemas suscitados pelas ultimas cheias do Douro, tendo procedido à distribuição de um subsídio de dez contos, destinado a refazer o recheio de algumas casas habitadas por casais extremamente pobres.

O chefe do distrito assistiu, depois, à distribuição de uma tonelada de géneros de primeira necessidade, enviados aos sinistrados pela Cáritas.

VIDA ARTÍSTICA

Hebil expõe na S. N. B. A.

O artista Hebil inaugura a sua exposição de óleos e desenhos, no dia 1 de Abril, no salão do primeiro andar da S. N. B. A.

Encerra-se amanhã a exposição de João Reis

A exposição de retratos e paisagens de João Reis, que tamanho êxito tem obtido, encerra-se amanhã. Nos ultimos dias a exposição tem sido muito visitada.

Exposição na Sociedade Nacional de Belas-Artes

No próximo sábado, pelas 16 e 30, abre, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, uma exposição de pintura, com trabalhos da artista D. Maria Emília Barbosa Viana. Estará patente ao publico até ao dia 9 de Abril.

Novo investigador do Serviço de Solos da Estação Agronómica Nacional

O juri que presidiu às provas de concurso para preenchimento de uma vaga de investigador do grupo de Serviços de Solos da Estação Agronómica Nacional aprovou em mérito absoluto os três candidatos que se apresentaram. Em mérito relativo, a classificação ficou assim ordenada: 1.º, eng.º agrónomo António José da Silva Teixeira; 2.º, eng.º agrónomo José Vicente de Jesus de Carvalho Cardoso; 3.º, eng.º agrónomo António Antunes da Silva.

Como a vaga era só uma, o cargo de investigador do Serviço de Solos passará a ser desempenhado pelo primeiro classificado.

PROVIMENTO

dos lugares

dos corpos administrativos

Um despacho da Presidência do Conselho torna publico que o Conselho de Ministros resolveu declarar a habilitação do curso de comércio como suficiente, em paralelo com o curso geral dos liceus, para o efeito de provimento nos lugares de ingresso dos quadros privativos de carteira dos governos civis, administrações de bairro e corpos administrativos.

Visita aos indianos

internados em Moçambique

BEIRA (Moçambique), 29. — Chegou a esta cidade, mons. Pappalardo, conselheiro da nunciatura da secretaria do Estado, que vem visitar os campos de internamento dos indianos. — (A. N. I.).

entusiasmo



Com FAR

nunca dirá... se eu soubesse!!!



Fogões franceses de fama mundial

MAIS RENDIMENTO
MENOS CONSUMO
ACABAMENTO IMPECÁVEL

SE AINDA NÃO CONHECE OS FOGÕES FAR PERGUNTE DAS SUAS QUALIDADES DE FABRICO E RENDIMENTO A MILHARES DE BOAS DONAS DE CASA QUE OS UTILIZAM!

Modelos: CONQUÊTE — AURORE — SEDUCTION — CONVOITISE — ÉTINCELLE — FLORIS — FLOREAL — FLORE — DESIR e INTIMITÉ.

A GAZCIDLA — A GÁS-MOBIL

A venda na CIDLA, Lisboa, Porto, Coimbra, em todas as suas agências no País e nas casas da especialidade

Com FARGIL, o grelhador ideal, fará sempre bons grelhados

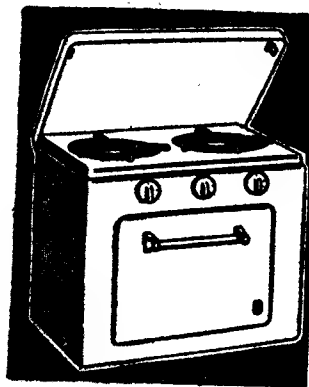
DISTRIBUIDORES:

J. COSTA & SILVA, LDA.

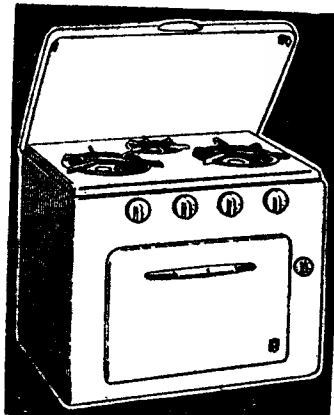
Rua Arco do Bandeira, 79, 1.º — LISBOA-2 — Telefone 326713

FAR PRODUZ MAIS DE 1.000 FOGÕES POR DIA

AVEC FAR VOUS NE DIREZ JAMAIS... SI J'AVAIS SU!



INTIMITÉ F 20



DESIR com termostato F 33

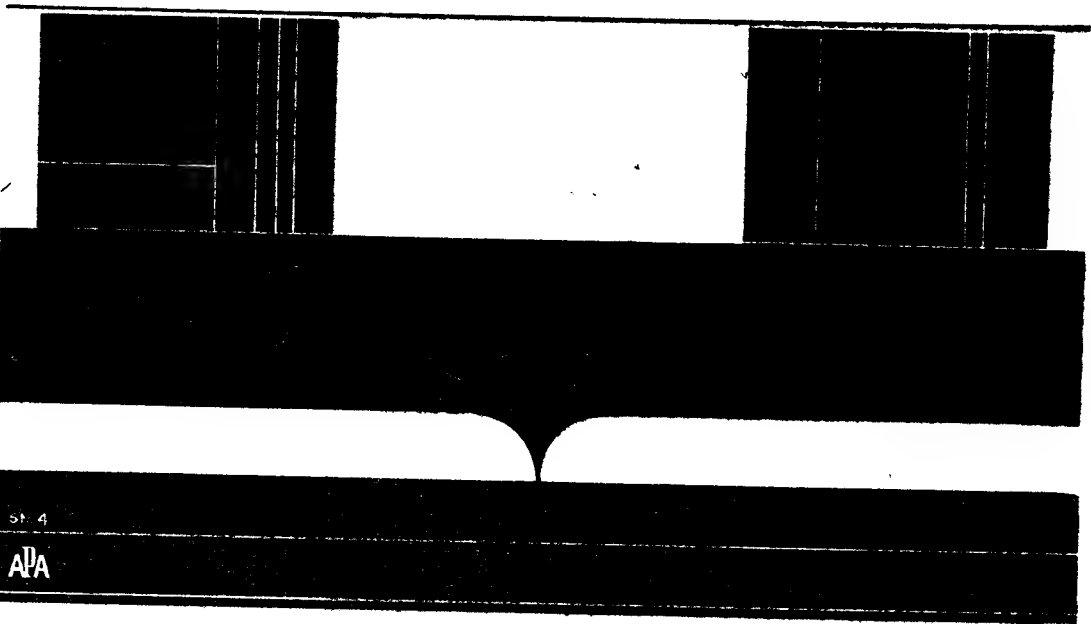
Simca 1000 EQUILIBRADO

estável e confortável

A tradicional estabilidade SIMCA afirma-se mais uma vez. A suspensão estudada especialmente para este novo modelo, e os travões progressivos e seguros, proporcionam uma viagem confortável pelo apoio que dão ao condutor e passageiros.

Faça hoje mesmo uma experiência sem compromisso, conduza-o e certifique-se das suas altas qualidades

Simca Portuguesa-Praca de Londres, 7-A-Lisboa

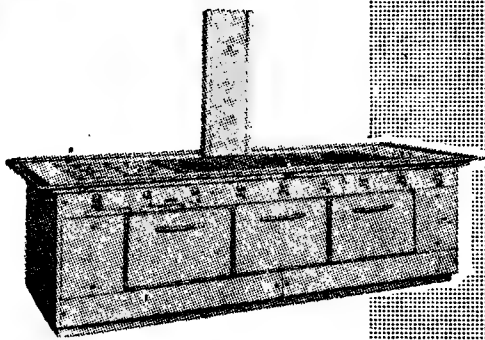


O «Diário de Lisboa» é vendido por Martinho Fontinha, em ANADIA, no «Café Anadia».



FOGÕES INDUSTRIAIS
A GÁS DA CIDADE
E PROPANO

FABRICA PORTUGAL



RUA FEBO MONIZ, 20 - TELEFONE 45022/3-47157/8/5
PRACA DOS RESTAURADORES, 49 e 57 - RUA FEBO MONIZ, 2 e 18
JOÃO TOMAZ CARDOSO & F.ª SUCC.ª, Lda. - R. SÁ DA BANDEIRA, 92

DIÁRIO escolar

COLÓQUIO SOBRE «PROBLEMAS ACTUAIS DO ENSINO MÉDICO»

na Faculdade de Medicina de Lisboa

Promovido pelos estudantes da Faculdade de Medicina, pela sua secção pedagógica, vai realizar-se um colóquio sobre «Problemas actuais do ensino médico». Perante o crescente interesse que levantaram esses problemas, em todo o Mundo, os estudantes daquela Faculdade tomaram a iniciativa da realização do colóquio, que servirá de informação e esclarecimento sobre os diversos progressos que a investigação tem alcançado, ultimamente, em matéria pedagógica. A realização das duas conferências mundiais sobre Educação Médica (1953, 1959), de três conferências de associação para o estudo da Educação Médica (1959, 1960, 1961), de encontros internacionais especializados e aplicação de doze relatórios da O. M. S. sobre este assunto, tornam inegável a actualidade do problema. Não quis o «Relatório das Carreiras Médicas», na sua meritória iniciativa de rejuvenescer e tentar solucionar antigos e prementes problemas, focar os que se ligam à carreira universitária. Este primeiro passo — o presente colóquio — será uma limitada contribuição, que a colaboração do corpo docente da Faculdade de Medicina poderá, de futuro, tornar mais eficaz. Destina-se, por isso, a informar sobre as experiências feitas ou em curso, para adaptar o «currículum» médico às exigências das actuais comunidades.

Na compreensão plena do interesse dos estudantes por este assunto, todos os professores deram a sua valiosa colaboração, apresentando conferências e estudos, o que vai tornar o colóquio mais vivo e de maior amplitude.

O programa do colóquio:
1.ª sessão — 30 de Março, às 21 horas: «As técnicas actuais do ensino e a investigação sobre educação médica. Aspectos da organização do «currículum», pelo prof. Candido de Oliveira.

2.ª sessão — 2 de Abril, às 21 horas: «O ensino das ciências básicas e a sua integração nas disciplinas clínicas. Necessidades formativas da investigação científica nesse ensino» pelo prof. Jorge Horta. Haverá troca de impressões sobre as tendências modernas no ensino de cada cadeira.

Congresso do Ensino de Engenharia

Com a patrocínio do Ministério da Educação Nacional, e subsidiado pela Fundação Gulbenkian, vai a comissão organizadora das Comemorações do Cinquentenário do Instituto Superior Técnico, em estreita colaboração com a Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, promover a realização de um Congresso de Ensino Superior de Engenharia (engenharia civil, de minas, electrotécnica, mecânica e químico-industrial), no ultimo trimestre de 1962.

Com o referido congresso pretende-se promover o estudo das soluções que se oferecem como mais vantajosas para actualização e adaptação às exigências do momento nacional.

O programa é o seguinte: 1 — A participação do congresso é aberta a todas as pessoas, individuais ou colectivas (individuais, alunos universitários, empresas industriais). 2 — Os temas gerais são: preparação pré-universitária e pós-universitária, finalidade do licenciado com um curso superior de engenharia, graus académicos, a escola superior, a investigação e a indústria; meios humanos e materiais de uma escola superior de engenharia; custo do ensino superior e outros problemas orçamentais, participação da indústria; actividades circun e para-escolares. Os temas específicos são: curso preparatório, engenharia civil, minas, electrotécnica, mecânica, químico-industrial, desdobramento das especialidades e possível criação de outras; cursos de especialização ad hoc, subsidiados pela indústria ou por entidades oficiais; ligação do ensino com a actividade profissional com base nos problemas reais vividos na indústria (estudos monográficos).

3.ª sessão — 5 de Abril, às 21 horas: «Características do ensino de ligação no «currículum» médico, a compreensão da repercussão mental nas afecções somáticas», pelo prof. Barahona Fernandes. «A formação da atitude preventiva no ensino médico, designadamente da Patologia Geral e das cadeiras clínicas», pelo prof. Fernando Nogueira.

4.ª sessão — 7 de Abril, às 21 horas: «O ensino actual das disciplinas clínicas fundamentais; aspectos da sua intensidade e duração. Condições necessárias», pelo prof. Cid dos Santos, «Lugar, no curso médico, das disciplinas formativas, como a Psicologia, Sociologia, História da Medicina, Deontologia e Bioestatística», pelo prof. Miller Guerra.

5.ª sessão — 9 de Abril, às 21 horas: «O ensino pós-graduado e a sua ligação com a Universidade. Características do internato; estruturação das carreiras médicas», pelo prof. Celestino da Costa.

No final do colóquio, haverá uma mesa redonda dos conferencistas, com as conclusões e perspectivas.

VACINAÇÃO

antitetânica

Brigadas móveis de vacinação antitetânica estarão presentes na Faculdade de Letras, amanhã e sábado; em Veterinária, hoje e amanhã; e na Faculdade de Direito, nas próximas segunda, terça e quarta-feira. Todos os estudantes, que o desejem, poderão ser vacinados, nos dias atrás indicados.

O CURSO

de Cooperativismo

organizado pela Associação dos Estudantes de Agronomia

Nas comemorações do cinquentenário da Associação dos Estudantes de Agronomia, cujas manifestações de carácter festivo foram canceladas pela respectiva direcção, inclui-se, como dissemos, um curso de cooperativismo, organizado com a colaboração da Cooperativa Livreira «Livrelco», que foi inaugurado pelo prof. Henrique de Barros, com uma notável conferência sobre o «Movimento corporativo», a qual nos referimos.

Ontem, a sr.ª dr.ª D. Lucia Nobre fez, também, uma interessante conferência na qual desenvolveu o tema «Cooperativas escolares», integrada no referido curso, o qual, a pedido da Associação Académica de Coimbra, se repetirá naquela cidade universitária.

Escola Superior

de Medicina Veterinária

A Associação dos Estudantes da E. S. de Medicina Veterinária, de colaboração com a Biblioteca da Escola, promove amanhã, às 17 horas, na Sala de Anatomia, a projecção dos filmes: «Evolução do óvulo fertilizado do coelho», «Desinfecção do vasilhame para leite», «Apassionata» e «O homem fez milagres».

Associação Académica do Instituto Comercial do Porto

Por portaria do Ministério da Educação Nacional, foi homologada a comissão administrativa da Associação Académica do Instituto Comercial do Porto, em substituição da, nomeada por portaria de 30 de Maio de 1958, com a seguinte constituição: presidente, José Flores Morim; vice-presidente, Maria Clarisse Estima de Oliveira; secretário, Joaquim Ferreira de Oliveira; tesoureiro, António Manuel Castanheiras Santos; e vogal, José Eduardo Castro Ferreira.

VIDA SOCIAL

DR. LOPO CANCELA DE ABREU Seguiu para a Madeira, no paquete «Brasil Star», em viagem de inspecção aos estabelecimentos do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos, o director deste estabelecimento, sr. dr. Lopo Cancela de Abreu.

Semana de Estudos na Casa Pia de Lisboa

Os trabalhos referentes à Semana de Estudos consagrada aos professores do Ensino Técnico da Casa Pia de Lisboa, prosseguiram esta manhã na Secção de Pina Manique.

Os temas gerais de discussão são três: «Enquadramento dos programas de Tecnologia, Desenho e Oficina», «Análise de materiais» e «Operações e tempos oficinais». Durante duas horas, das 8 às 10, foram estes assuntos ponderados pelos srs. eng.ª Peixeiro Simões, Marini Castanheira, Cunha Cidadão, Portugal Branco, Mário Cruzeiro, Ismael Pimenta e mestre Gomes Pereira.

Esta Semana de Estudos, que termina no sábado, tem por objectivo aperfeiçoar as directrizes dos cursos metal-mecânicos. As discussões iniciadas no dia 26, têm sido uteis e positivas.

NOVO CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO para os motoristas do Norte

No gabinete do sr. ministro das Corporações, foi hoje assinado um contrato colectivo de trabalho entre o Grémio dos Industriais em Automóveis e os Sindicatos dos Motoristas dos Distritos do Porto, Aveiro, Viseu, Braga, Viana do Castelo, Vila Real e Bragança, que substitui o celebrado em 1956.

Entre outras regalias, o novo contrato concede aos motoristas daqueles distritos um aumento de remunerações que, para a maioria dos abrangidos, atinge 25 por cento, um subsídio de férias de 50 por cento da remuneração, redução do numero dos motoristas supras a metade do que estava autorizado, melhor regulamentação do funcionamento das comissões corporativas, etc.

Novo juiz na Covilhã

COVILHÃ, 29 — Tendo sido promovido à 1.ª classe o juiz desta comarca, sr. dr. Castro Caseiro, e transferido para a comarca de Ponta Delgada, foi nomeado para o substituir o sr. dr. Gastão de Lorena Neves, que veio da comarca de Lagos.

A posse é-lhe conferida amanhã.

Um programa infantil de LYGIA ESAGUY

na Rádio Renascença

Amanhã às 22 horas, Lygia Esaguy apresenta uma fantasia infantil «O Teatro da Bicharada», interpretada por crianças: Maria Isabel Matos Dias, Haim Esaguy Lopes Martins, Maria de Fátima Costa de Sá e José Vitor.

Primavera em Sevilha

(Continuação da página central)

menor percurso ao menor preço», porque o trajecto é o mais directo de Lisboa a Sevilha, e o custo facilitado o turista pobre. Em Ferreira do Alentejo tem a empresa «Eva» (Empresa de Viação Algarvia) um bem instalado albergue onde se come sob a hábil direcção do sr. Lamprea que aos jornalistas proporcionou dois excelentes almoços. No regresso até fálamo-nos de outra viagem, é capaz o sr. Lamprea de nos dar o próprio apelido, peixe raro no Alentejo, e a sobremesa não faltam as saborosas queijadas de Évora.

Em Sevilha aguardavam os jornalistas portugueses o delegado do Ministério de Informação e Turismo, sr. Luna Cañizares; o cônsul de Portugal, dr. Oliveira e Silva; o presidente da Associação da Imprensa, sr. Montoto; o director de Rádio Sevilha, sr. Machado, e vários jornalistas sevilhanos, que às senhoras ofereceram belos ramos de cravos. Pelas empresas Algarvia e Casal, além dos srs. eng.ª Farrajota e Nascimento Cruz que acompanharam a viagem, e do deligente José de Sousa, da Algarvia e correspondente do nosso jornal, aguardavam os jornalistas portugueses outras entidades, entre as quais Ricardo Rodriguez Granado, de Alcalá de Guadaira. Após o jantar no Hotel de Inglaterra, onde ficámos alojados, fez-se um passeio nocturno pelo Bairro de Santa Cruz em que foi erudito cicerone José Maria de Ména, da Rádio Sevilha.

No dia seguinte, de autêntica Primavera, saiu-se para Alcalá de Guadaira, atravessando o antipático Tramaguito, pelo qual quase se não dá e que continuaria ignorado se não fossem os prejuízos que causou no passado Inverno. Em Alcalá de Guadaira, terra de toureiros como dos Calderon e os Martin Vazquez, que ali têm ruas com seus nomes, foi-nos oferecido um espectáculo taurino na praça recentemente construída, e onde no próximo domingo toureira José Trincheira que, em viagem de nupcias, já se encontra em Sevilha.

Na esplanada do Hotel Onomana, com belo panorama, foi oferecido um almoço opíparo em que não faltaram típicos pratos andaluzes, e discursos de amizade peninsular, retribuídos por mons. Avelino Gonçalves e Silva Pinto. De regresso a Sevilha foram os jornalistas portugueses recebidos na Associação da Imprensa de Sevilha, cujo presidente, sr. Montoto, director do diário «El Correo de Andalucia», pronunciou um eloquente discurso a que responderam os srs. dr. Folga-

do da Silveira, do S. N. I., e o poeta Silva Tavares, além do sr. Cruz Guerreiro, da Eva. Também o alcaide de Sevilha, sr. Perez de Ayala, recebeu os jornalistas portugueses no seu gabinete e deu boas-vindas num discurso a que respondeu o cônsul de Portugal, seguindo-se uma visita ao admirável edificio do Ayuntamiento e suas sumptuosas salas.

Depois, de volta a Lisboa, visita às maravilhosas grutas de Aracena, cujo alcaide, sr. Victorino Orcajo Picon ali ofereceu um aperitivo e saudou os visitantes em fraternas palavras, felicitando as duas empresas de viação que souberam trazer o mais indicado percurso para a viagem entre Lisboa e Sevilha. Não há realmente melhor maneira de ir a Sevilha, nem mais directa nem mais económica, com boa paragem em Ferreira do Alentejo para a refeição intermediária, e com entrada na Andaluzia por uma fronteira em que a simpatia dos funcionários espanhóis iguala a dos portugueses de Ficalho, que é a da saída de Portugal.

R. P.

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

D. Isabel da Silva Mourão

Faleceu a sr.ª D. Isabel da Silva Mourão, de 72 anos, natural de Negreiros (Montalegre).

A extinta era casada com o sr. Cipriano Mourão, conhecido industrial em Algués, mãe da sr.ª D. Margarida Lúcia da Silva Mourão Mendes Barata e do sr. doutor José da Silva Mourão, sogra da sr.ª D. Isabel Ribeiro Mourão e do sr. António de Barros Mendes Barata e avó da sr.ª D. Maria Manuela Ribeiro Mourão, aluna do Instituto Superior Técnico.

O funeral, realiza-se amanhã, pelas 12 horas, da capela do cemitério dos Prazeres, para jazigo.

Os serviços funebres estão a cargo da Agência Barata.

Manuel da Silva Baptista

COVILHÃ, 29. — Faleceu nesta cidade o sr. Manuel da Silva Baptista, de 74 anos, casado com a sr.ª D. Nazaré Gomes Baptista e pai da sr.ª D. Maria José Boavida Monteiro.

José Marques

COVILHÃ, 29. — Na sua residência, faleceu o sr. José Marques, de 75 anos, viúvo, fiel aposentado do Mercado Municipal desta cidade. Era pai do sr. José de Sousa Marques.

Boletim Diário

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 29 de Março de 1932 publicava:

«História verdadeira: um lisboeta muito conhecido, com a mania do «bric-à-brac», comprou há quinze dias uma secretária de estilo, em certa cidade da Estremadura. Quando a instalou no seu gabinete de trabalho, mandou-a limpar com cuidado, observou-a rigorosamente, ficando convencido de que não havia nela segredos.

«Há dias, porém, notou que de uma gavetinha, que mal se adivinhava, aparecia a ponta breve de uma fita de seda. Puzou por ela — ó maravilha! — achou dentro um rolo de peças de ouro do tempo do senhor D. João V.

«Claro que deu um pulo de contente. Como a ambição humana é insaciável, ele agora não descansou no desejo de sondar as escurezas de um móvel, e espregueia de outro esconderijo, com a mesma tentadora oferta de moedas.

RADIO

EMISSORA NACIONAL — Programa «A» — 451 m. — 655 kc./s. — As 17 horas, A casa e o Mundo; 17 e 30, Canções; 17 e 45, Orquestras ligeiras; 18, Noticiário; 18 e 10, Música de dança; 18 e 45, A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 19, Trompette Boy e um conjunto vocal e instrumental; 19 e 10, Concerto pelo sexto de cegos; 19 e 30, Rádio Mocidade; 20, Jornal sonoro; 20 e 20, Melodias de filmes; 20 e 30, Fala Portugal; 20 e 45, A nossa terra; 21, Varanda da Europa — Crónica de Angola; 21 e 40, Os pianistas Belo e Bruno; 21 e 45, Teatro das Comédias: «Donatide Desobediente», de Ferry Bessou; 22 e 20, Música portuguesa instrumental; 22 e 35, Melodias; 22 e 45, Jornal sonoro (2.ª emissão); 23, A Voz do Ocidente fala-vos de Lisboa; 1 hora, Encerramento.

Programa «B» — 397 m. — 755 kc./s. — As 19 horas, Intérpretes musicais; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Obras-primas da música francesa: «Premier Cantique Spirituel à la Louange de la Charité», de Marchand; 20 e 40, Árias de óperas, de Wagner pelo soprano Gré Brouwenstijn; 21, Noticiário; 21 e 20, Separador; 21 e 30, Música e poesia; 21 e 50, Concerto pelo duo Carlos de Figueiredo-José Delerue, em violoncelo e piano; 22 e 20, Horizonte, semanário de letras e artes; 22 e 50, Música sinfónica, de Liadoff; 23, A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 23 e 10, Intervalo musical, pelo harpista Pierre Spipers; 23 e 20, Onde a terra se acaba e o mar começa; 23 e 45, Noticiário; 24, Encerramento.

RADIO CLUBE — As 17 e 30, Motivos portugueses; 17 e 45, Noticiário; 18, Fados e guitarradas; 18 e 15, Variedades; 19, Artista; 19 e 45, Noticiário; 20 e 20, Conjuntos; 21 e 45, Curso de língua inglesa; 22, Hot Club; 22 e 15, Música, janelas abertas sobre o Mundo; 22 e 30, Mensagem do soldado; 22 e 45, Ronda das profissões; 23, Asi es España; 23 e 45, Noticiário; 1 e 45, Noticiário; 2 e 55, Noticiário; 3 horas, Fecho.

Emissor de Miramar — As 17 e 30, Solistas; 17 e 45, Noticiário; 18, Música regional portuguesa; 18 e 15, Ritmos de baile; 19 e 15, Imagens por música; 19 e 30, Uma orquestra ligeira; 20, Noticiário; 20 e 10, Melodias; 20 e 30, Curso de língua inglesa; 21, Noticiário; 21 e 30, Paisagem intelectual; 22, Programa «Jazz»; 22 e 30, Canções; 23, Trechos recreativos; 23 e 30, Ritmos de baile; 23 e 45, Noticiário; 1 e 30, Fecho.

RADIO UNIVERSIDADE — As 18 horas, Abertura, marcha e anúncio do programa; 18 e 2, Nota de abertura; 18 e 5, Novidades em dis-

co; 18 e 15, Valsas; 18 e 25, Discos pedidos — Seção clássica; 18 e 45, Noticiário; 18 e 54, Anúncio de encerramento e marcha; 18 e 55, Fecho.

RADIO RENASCENÇA — As 18 e 20, Noticiário e boletim religioso; 18 e 30, Terço e bênção, da basílica dos Mártires; 19 e 5, Migalhas doutrinais; 19 e 10, Música escolhida; 19 e 25, Boletim do S. C. R.; 19 e 30, O meu programa; 20, França, Horizonte do Mundo; 20 e 30, Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 55, Meditando; 21, Programa das nove; 21 e 30, A Amadora em marcha; 22 e 30, Chuva de estrelas; 23, A 23.ª hora; 1 e 45, Noticiário; 2 horas, Encerramento.

EMISSORES ASSOCIADOS — Das 19 e 30 às 22, Voz de Lisboa; 22 a 1, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

As 19 e 30, Abertura; 19 e 32, Teletjornal (edição da tarde); 19 e 45, Culinária; 20 e 15, Campeonato do Mundo de hóquei em patins, em Santiago do Chile; 20 e 30, Desenhos animados; 20 e 45, Temas literários: encontro com Tomás Alcaide; Montra falada; 21 e 10, Vitrina, actualidades; 21 e 30, Teletjornal (edição da noite); 22 e 05, Programa Mabor: «O dia tem 24 horas» da série Scotland Yard, incluído na Selecção Policial; 22 e 35, Hora Grundig; 23 e 05, António Pedro conversa sobre Teatro (transmissão dos estudos do Porto); 23 e 30 Teletjornal (últimas notícias).

Fundos do Estado

Cons. 2 3/4 % T. 10 ...	Efect.	Compra	Venda
Cons. 3 % T. 10 ...	660\$00	660\$00	662\$00
Cons. 3 1/2 % T. 10 ...	707\$00	707\$00	707\$00
Centenários 4 % 1940...	—	830\$00	840\$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	—	2.000\$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	1.015\$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	1.015\$00	—
Ext. 1.ª série ...	—	1.085\$00	1.090\$00
Ext. 1.ª série car. ...	—	1.085\$00	1.090\$00
Ext. 2.ª série ...	—	1.085\$00	—
Ext. 2.ª série car. ...	1.085\$00	1.085\$00	—
Ext. 3.ª série ...	—	1.300\$00	—
Ext. 3.ª série car. ...	—	1.300\$00	1.350\$00
Caut. 3.ª série s/j. ...	—	212\$00	215\$00

Obrigações

Agua Lisboa 5 %	Efect.	Compra	Venda
Norte de Portugal 5 %	102\$50	102\$00	—
Gás Elect. 3 3/4 %	—	935\$00	—
Gás Elect. 4 %	—	—	945\$00
Gás Elect. 4 1/2 %	955\$00	—	958\$00
Gás Elect. 5 %	—	1.003\$00	1.005\$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	82\$00	—
U. E. P. 4 % 1945	—	83\$00	—
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	87\$00	90\$00
U. E. P. 5 % 1951	—	—	96\$00
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—
H. E. do Douro	975\$00	974\$00	975\$00
H. E. da S. E. 3 1/2 %	—	740\$00	—
C. P. 4 1/2 %	1.000\$00	—	1.001\$00
Metropolitano	961\$00	960\$00	962\$00

Acções

Alentejo	Efect.	Compra	Venda
Angola	—	1.200\$00	1.350\$00
Espírito Santo	—	7.950\$00	8.400\$00
Lisboa & Açores	—	1.910\$00	1.950\$00
Portugal	2.310\$00	2.300\$00	2.350\$00
Ultramarino	1.090\$00	1.085\$00	1.095\$00
Agricultura	—	51\$00	55\$00

Seguros

Mundial	Efect.	Compra	Venda
Sagres	285\$00	285\$00	—
Tagus	—	—	—
Soberana	—	1.500\$00	1.700\$00

C. Ultramarinas

Ag. Casseque	Efect.	Compra	Venda
Ag. das Neves	—	612\$00	620\$00
Agríc. Colonial	—	150\$00	160\$00
Açúcar de Angola	—	870\$00	890\$00
Boror	—	155\$00	165\$00
Cabinda	—	—	40\$00
Cadã	—	—	—

PAISES

Notas:	COMPRA	VENDA
África do Sul	38\$25	39\$50
Alemanha	7\$05	7\$25
América:		
Dólares de 1 a 2	28\$10	28\$60
Dólares de 5 a 1000	28\$30	28\$80
Argentina	\$33	\$35
Austria	\$56,2	\$58,2
Bélgica	\$67,4	\$68,7
Brasil	26\$70	27\$20
Canadá	\$13	\$18
Congo	\$405	\$425
Dinamarca	\$47	\$48
Espanha	\$572	\$587
França (N. Franco)	\$780	\$805
Holanda	79\$50	81\$00
Inglaterra	\$04,55	\$04,7
Itália	\$500	\$530
Marrocos	\$390	\$410
Noruega	\$540	\$570
Suécia	\$53	\$68
Suíça	—	—

Ouro:

Inglaterra (Libra)	COMPRA	VENDA
Portugal — Barra	273\$00	288\$00
Portugal — Barra fino	32\$20	33\$20
Portugal — Barra fino	32\$40	33\$40

J. BURNAY, L. DA Papéis de crédito
Notas estrangeiras
RUA DO OURO, 72
TELEF. 321273

MARES

PREIA-MAR

Dia 29 — 9 horas (3,24 m.); 21 e 38 (3,34 m.).
Dia 30 — 10 e 33 (3,26 m.); 23 e 08 (3,46 m.).
Dia 31 — 11 e 56 (3,44 m.).

BAIXA-MAR

Dia 29 — 2 e 23 (1,52 m.); 15 horas (1,63 m.).
Dia 30 — 3 e 52 (1,53 m.); 16 e 28 (1,59 m.).
Dia 31 — 5 e 20 (1,36 m.); 17 e 47 (1,39 m.).

CARTAZ DO DIA

(Para maiores de 12 anos)

CINEMAS

MONUMENTAL — «Totó, Fabrizi e os meninos de hoje».

SÃO JORGE — «O fio da meada».

ODEON — «A noiva».

CONDES — «O conde de Monte Cristo».

ROMA — «O conde de Monte Cristo».

V. OPERARIO — «Os dez mandamentos».

PROMOTORA — «As aventuras de Joselito».

OLIMPIA — «Cheyenne enfrenta a emboscada».

JARDIM CINEMA — «A revolta dos gladiadores».

COLISEU — «Uma espada na sombra».

RESTELO — «Ada».

S. L. BENFICA — «Ama Rosa».

(Para maiores de 17 anos)

TEATROS

TRINDADE — A's 21 e 45 — «O pai».

VARIEDADES — A's 21 e 45 — «Aqui há fantasmas».

ABC — A's 20.45 e 23 — «Saude e Totobola».

NACIONAL — A's 21 e 45 — «Blusões negros».

IMPERIO — A's 18 e 30: «Humilhados e ofendidos».

MONUMENTAL — A's 20 e 45 e 23 — Ballet Jazz Rodney.

CINEMAS

S. LUIZ — «O maior roubo da história».

TIVOLI — «Os canhões de Navarone».

EDEN — «Carne da minha carne».

ALVALADE — «O maior roubo da história».

POLITEAMA — «Os canhões de Navarone».

AVIS — «A América vista por um Europeu».

IMPERIO — «Confissão de Carnava».

LYS — «As suecas».

IDEAL — «Os turbulentos».

ROYAL — «A 3.ª chave».

ARCO-IRIS — «Ele e as mulheres».

SALAO LISBOA — «Tortura do medo».

CHIADO TERRASSE — «Boneca de luxo».

CAPITOLIO — «Corrupção».

CINE MOSCAVIDE — «A esperança nunca morre».

CINE TEATRO ODIVELENSE — «Ventos de revolta».

CAMPOLIDE — «O homem que ninguém deteve».

FARMACIAS

TURNO I

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

AJUDA — Caramão da Ajuda, Est. da Cruz, 20-C-D (633248).

ALCANTARA — Nogueira, R. da Creche, 2 (631635).

ALVALADE — Paris, Est. da Portela, lote 5 (710131) * Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C (776358).

AMOREIRAS — D. João V, R. D. João V, 16-C (682772).

ANJOS — Matos, R. Alvaro Coutinho, 10 (404712).

AREIRO — Avis, Av. de Roma, 56-B-C (776070) * Nova Lisboa, R. Guihermina Suggia, 12 (727721) * João XXI, Av. João XXI, 16-A (726462).

ARROIOS — Fonseca, R. Carvalho Araújo, 46-B-C (841708).

AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av. de Berna, 24-B (763107) * Avenidas, Avenida da República, 27-A (733688) * Imperio, R. Filipe Folque, 40-A-B (48002).

BAIRRO DA ENCARNACÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (389216).

BAIXA — Americana, Calç. de Santana, 3 (863984) * Nacional, R. do Salitre, 7 (46858) * Avelar, R. Augusta, 225 (323977).

BELÉM — Remisio, R. dos Jerónimos, 14-C (631699) * Sepol, Calç. da Boa Hora, 94-A (631958).

BENFICA — Lisboa, R. Cláudio Nunes, lote 2 (703393) * Sousa, Est. do Benfita, 429-431 (780027).

CAMÕES — Combro, Calçada do Combro, 78 (326059) * Azevedo, Irmão & Veiga, R. da Misericórdia, 24 (323540).

CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, R. 4 de Infancia, 28-A (688857) * Ourique, R. Freitas Galvul, 32-B (671667).

CAMPOLIDE — Lab, R. Rodrigo da Fonseca, 101-101-A (682333) * Salutar, R. B. n.º 75-A-B (Bairro da Liberdade) (683694) * Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (680627).

CARNIDE — Leal de Matos, R. Neves da Costa, 33-35 (780181).

CHARNECA — São Bartolomeu, Quinta dos Balsares de Baixo, Vila Paulo Jorge 1.

CONDE DE REDONDO — Capuchos, Rua Luciano Cordeiro, 2-A (52076).

ENTRECAMPOS — Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (774920) * São Miguel, Pr. Francisco de Moraes, 1 (771469).

* Oriente, R. Lopes, 120 (843381).

ESTEFANIA — Mundial — Largo de D. Estefania, 9 (45578).

ESTRELA E LAPA — Lapa, Rua dos Navegantes, 10 (661734) * Janeiro, Av. Álvares Cabral, 100 (660627).

GRAÇA — Monte, Rua Senhora do Monte, 30-A-B (867842) * Rosa & Viegas, R. de S. Vicente, 31 (864351) * Bastos Andrade, Cal. de St.º André, 107-111 (860450) * Santo António, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (862333).

LUMIAR — Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (790942).

MADRAGAÇA — Lealdade, R. do Olival, 226 (663441).

OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (389237).

PALHAVA — Agular, Av. Columbano Bordallo Pinheiro, 98-A (764629).

PATRIARCAL — São Marçal, R. de S. Marçal, 100 (25318).

PENHA DE FRANÇA — Carrondo, R. Padre Sena Freitas, 10-A (842518).

PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascimento Costa, n.º 16-A, Bairro de St.º Engrácia (728395-720703).

REGO — Universitária, R. O. n.º 29-D (Bairro Santos) (778953).

ST.º AMARO — Teles, R. João de Barros, 2 (638249).

SE — Nacional, R. de S. João da Praça, 26 (864351).

DE ST.º APOLÓNIA AO BEATO — Salter, R. de Xabregas, 63-65 (381185).

D. Laura Maria Borges de Almeida

Amanhã, às 11 horas, na igreja da Graça, celebra-se missa de sétimo dia por alma de D. Laura Maria Borges de Almeida.

O «Diário de Lisboa» vende-se em Moscaide na Agência D. Laura Massano, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, lote 5.

ALCATIFA MECÂNICA

SULTÃO

QUALIDADE E GARANTIA TRADICIONAIS

TEL. 59288

PINTO de MAGALHÃES, LDA.

BANQUEIROS

Capital e reserva: 78 400 contos

Depósitos à ordem e a prazo. Descontos de letras s/ o País e estrangeiro. Aberturas de créditos. Notas estrangeiras, moedas e metais preciosos. Títulos e cupões

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

LISBOA: R. do Ouro, 95/99 — I. PPC 366056 (5 linhas) Praça Paiva Couceiro, 12-E — Telef. 834724

PORTO: R. Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 — PPC — Peniche — Fátima — Amarante — Arcos de Valdevez — Vila da Feira — Elvas

A CRISE NA ARGENTINA

FILIPE ANTECIPOU A PARTIDA

BUENOS AIRES, 29. — O duque de Edimburgo partiu hoje de avião da Argentina, quatro dias antes do que estava previsto. A decisão de precipitar a partida do duque foi tomada ontem à noite quando se tornou evidente que o Governo que tinha convidado o príncipe não duraria mais do que umas horas. O avião especial que tem transportado o duque e a sua comitiva na sua viagem pela América do Sul foi buscar o marido da rainha ao rancho onde ele se encontrava, a 80 quilómetros de Buenos Aires, seguindo para o Uruguai. — (R.).

FRONDIZI FOI INTERNADO NUMA ILHA-PRISÃO no estuário do rio da Prata

BUENOS AIRES, 29. — «Estou completamente só. Nada mais há que possa tentar» — declarou o presidente Frondizi, esta madrugada, a alguns dirigentes do Partido Radical Intransigente, que o visitaram na sua casa de Olivos.

A's 7 e 45 (hora local), o presidente deixou a sua residência, com a mulher, alguns amigos pessoais, oficiais superiores da Armada e quatro camionetas com guardas. Não foi publicado qualquer comunicado esclarecendo a situação do presidente.

A's 8 horas, Frondizi entrou pa-

ra um avião que o levou à ilha-prisão de Martín García, no estuário do rio da Prata.

FRONDIZI FOI ELEITO EM 1958 PARA UM MANDATO DE SEIS ANOS

Arturo Frondizi era o chefe do Partido Radical Intransigente quando este em 1958 venceu as primeiras eleições livres que se faziam na Argentina desde 1945. O seu mandato era de seis anos.

Enquanto ele durou, o presidente Frondizi esteve frequentes vezes sob a pressão dos chefes militares, que exigiam medidas contra os peronistas e os comunistas.

Em Agosto passado teve de enfrentar uma crise séria depois do seu encontro com Ernesto «Che» Guevara, ministro da Indústria cubano, nascido na Argentina. O mês passado, os chefes militares obrigaram-no a cortar relações com Cuba depois de a Argentina se ter absteúdo na votação que expulsou Cuba da Organização dos Estados Americanos.

Finalmente, as recentes eleições, com as vitórias dos peronistas, levaram as Forças Armadas a tentar obrigar Frondizi a anular os resultados. Este estava pronto a tomar várias medidas mas não quis ir tão longe como os militares: daí a sua queda. — (A. N. I. e R.).

O NOVO REGIME NÃO SERÁ RECONHECIDO PELO GOVERNO VENEZUELANO

CARACAS, 29. — A Venezuela não reconhecerá qualquer novo Governo argentino que venha a formar-se se o presidente Arturo Fron-

dizi for arbitrariamente coagido a abandonar o cargo, — foi anunciado na capital venezuelana, antes de se ter conhecimento da deposição do presidente da Argentina pelos chefes militares.

«O nosso Governo não reconhece regimes criados pela força e, por isso, se o presidente Frondizi for forçado a abandonar as suas funções, não reconheceremos o novo regime da Argentina» — declarou aos jornalistas o ministro dos Negócios Estrangeiros da Venezuela, Falcon Bricono. — (A. N. I.).

RESERVA EM WASHINGTON

WASHINGTON, 29. — Embora as autoridades norte-americanas evitem comentar a situação na Argentina, há a convicção, nos círculos oficiais, de que os Estados Unidos procederão a uma revisão profunda do seu programa de auxílio financeiro àquele país, se ali for instituída uma ditadura militar. — (A. N. I.).

O CIRCUNSPECTO «TIMES» UM POUCO CONFUSO PELA EVOLUÇÃO DA CRISE

LONDRES, 29. — A crise política na Argentina, mudando rapidamente de aspecto, apanhou hoje de surpresa o circunspeto «Times».

Notícias da noite passada sugeriram que o presidente Frondizi fora forçado pelo Exército a demitir-se, e as primeiras edições daquele jornal publicavam um editorial condenando essa acção como um «grave erro» por parte dos chefes militares. Posteriormente, comunicou-se que o presidente estava ainda no Poder e se recusava a demitir-se, o que forçou o «Times» a alterar o comentário do seu editorial para acusar os chefes militares de transformarem «em pior uma crise má». — (R.).

VOO SIMULADO À LUA

WASHINGTON, 29. — Três astronautas ficarão encerrados durante sete dias numa cápsula espacial para fazerem um voo simulado de ida e volta à Lua.

A Administração Nacional da Aeronáutica e do Espaço (N. A. S. A.) anunciou que esta experiência se destina a averiguar os efeitos do encerramento sobre as condições de trabalho dos astronautas. — (R.).

DO ESTRANGEIRO EM POUCAS LINHAS

● Andrey Gromyko, ministro dos Negócios Estrangeiros da U. R. S. S., deixou hoje Genebra, de regresso ao seu país.

● Na Venezuela, foi morto um guerrilheiro e aprisionados três no decorrer de um reconteio entre os membros da Guarda Nacional e um grupo de guerrilheiros na região montanhosa que separa os Estados de Trujillo e de Zulia.

● Diversos países da Europa aceitaram comprar mais de um bilião de dólares de material de guerra aos Estados Unidos, declarou ontem Robert Roosa, subsecretário norte-americano do Tesouro. Roosa não revelou quais os países compradores mas salientou que essas aquisições contribuirão para contrabalançar as despesas militares norte-americanas no estrangeiro, que se elevam a três biliões de dólares por ano, agravando assim, pesadamente a balança de pagamentos dos Estados Unidos.

● Constatou no Líbano terem-se registado, ontem à noite, incidentes em Damasco, onde se manifestaria uma certa oposição ao novo regime militar.

● Foi oficialmente anunciado, que os países exportadores e consumidores, membros do Grupo de Estudo do Café, decidiram pedir a convocação de uma conferência sob a égide da O. N. U. em Junho ou Julho para negociar a conclusão de um acordo de estabilização a longo prazo. Todos os membros da O. N. U., incluindo os países do bloco comunista, serão convidados.

ESMAGADA NO EQUADOR uma intentona

GUAYAQUIL (Equador), 29. — O Governo do Equador esmagou um levantamento militar na importante cidade de Cuenca.

Duzentos e oitenta oficiais e soldados da guarnição daquela cidade, a terceira do país, insubordinaram-se ontem e exigiram do Governo o corte das relações com Cuba. Os amotinados endereçaram uma mensagem ao presidente da República, Arosemena, dando-lhe 72 horas para se demitir.

O PRESIDENTE DISPOSTO A MANTER A ORDEM «MESMO QUE ISSO CUSTE 100 MIL VIDAS»

Arosemena declarou numa conferência de imprensa estar decidido a preservar a República a todo o custo e a manter a ordem «mesmo que isso custe 100 mil vidas», incluindo a sua.

A insurreição era dirigida por um tal major Naranjo.

No resto do país, reina tranquilidade. Contudo, há dois dias, mais de 200 trabalhadores invadiram uma plantação de bananas em Ganguel, protestando por terem sido despedidos. Os proprietários da plantação tinham decidido transferir as suas instalações para outro local. Os trabalhadores lançaram fogo à casa do administrador e aos edifícios da administração política local antes da Polícia restabelecer a ordem. — (A. N. I., F. P. e R.).

CANTINFLAS

dará em Luanda um espectáculo

de beneficência? LUANDA, 29. — Mário Moreno (Cantinflas) poderá estar em Luanda em Dezembro próximo para actuar no espectáculo de beneficência, se, a construção da praça de touros, nesta cidade, se concluir, conforme projectos que estão sendo feitos nesse sentido por uma comissão de aficcionados.

A vinda de Cantinflas a esta cidade, segundo notícia o «Diário de Luanda», seria em moldes semelhantes à deslocação que o diestro mexicano fez recentemente a Lisboa. — (L.).

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o vento era moderado de Sudoeste, chovia em algumas regiões do Norte e o céu estava muito nublado, por acção de uma massa de ar marítimo transportada na circulação do anticiclone dos Açores, centrado a nordeste do Arquipélago.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS: Porto, 13°; Portalegre, 9°; Lisboa, 14°; Faro, 14°; Funchal, 15°; Sagres, 15°.

TEMPERATURAS VERIFICADAS AS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 14,9°; na água do mar, 13,8°.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA: ATÉ AS 15 HORAS: máxima, 17°; mínima, 12,5°. No mesmo dia do ano passado: máxima, 22,9°; mínima, 11,7°.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu, muito nublado; vento moderado de Sudoeste; chuviscos, em especial nas regiões a norte do Continente.



OS NERVOS

de Eddie Fisher não resistiram à perspectiva do divórcio

NOVA YORK, 29. — O cancionista e actor Eddie Fisher, marido da «estrela» cinematográfica Elizabeth Taylor, deu entrada numa clínica psiquiátrica, em consequência de um colapso nervoso motivado pela perspectiva do divórcio — anuncia hoje o «New York Daily News», em exclusivo.

A esposa continua em Roma, a trabalhar no filme «Cleopatra». Segundo o «New York Daily News», o actor teria entrado segunda-feira na clínica, num «estado digno de dó» — com o rosto páldio, os olhos vítreos e a roupa em desalinho — e estaria agora sob os cuidados de dois psiquiatras e de duas enfermeiras.

Quando chegou a Nova York, a semana passada, Fisher desmentiu as notícias sobre a sua ruptura com Elizabeth Taylor, motivada por um idílio entre a «estrela» e o actor Richard Burton, que com ela contracenava em «Cleopatra», desempenhando o papel de «Marco António». O cantor afirmou ter sido chamado aos Estados Unidos por questões de negócios, devendo permanecer cerca de dez dias no país. — (A. N. I. e F. P.).

LEVANTADO O CERCO A BAB-EL-OUED CIDADELA DA O. A. S.

ARGEL, 29. — As forças de segurança levantaram hoje o véu de ferro que encobria o bairro de Bab-El-Oued e os espectadores puderam ver, pela primeira vez, as feridas feitas naquele sector pelos combates travados há seis dias. Nas ruas do acidentado bairro europeu quase não se encontra um só vidro inteiro nas janelas e cada prédio mostra a sua conta de furos de balas.

Bab-El-Oued, cidadela da Organização do Exército Secreto, estava isolado do resto de Argel por tropas, carros blindados, tanques e arame farpado desde sexta-feira. Esta madrugada, porém, às 5 horas, as forças de segurança desmantelaram as suas barricadas e levantaram o sítio.

Não se registaram manifestações a assinalar a ocasião.

A GREVE FINDOU PRATICAMENTE

Por outro lado, toda a cidade retoma o seu aspecto habitual. A greve findou praticamente em toda a parte.

Soubese hoje particularmente de um reconteio entre um destacamento da O. A. S. e um grupo de perto de 40 homens do Exército de Libertação Nacional argelino, na sexta-feira à noite, a um quilómetro ao Sul de Ben Chicão (25 km a Sueste de Medea).

Dois homens da O. A. S. foram mortos — um antigo legionário e um europeu de 20 anos, natural de

Argel. Houve três feridos. Um destes entregou-se à gendarmaria local e foi transferido para Argel. Do lado do grupo do L. N. contaram-se quatro mortos, ignorando-se se houve feridos. — (A. N. I. e F. P.).

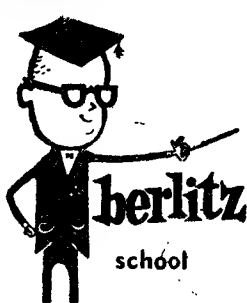
CRIME REPUGNANTE DA O. A. S.

ORAN, 29. — Uma jovem de 26 anos, Jeanne Tarlaio, encontrava-se ontem na sede da Segurança Social, onde é secretária, quando três europeus, membros da O. A. S., se apresentaram cerca das 11 horas no local obrigando-a a segui-los. A tarde o cadáver de Jeanne Tarlaio foi encontrado perto do porto.

A façanha é tanto mais repugnante quanto a verdade é que a vítima não tinha quaisquer actividades políticas, visando o revoltante atentado punir indirectamente os pais de Jeanne várias vezes ameaçados por cartas da O. A. S.

Doze metralhadoras de 12,7, 89 espingardas de guerra, 30 pistolas automáticas, 10 armas diversas, duas granadas, 13 carabinas, 15 espingardas caçadeiras, cinco camiões carregados de material (gasolina, fardamentos, camas), um meio-reboque e cinco veículos ligeiros, é o total do armamento e do material apreendidos ontem em Oran, no cerco do dois bairros europeus. Na mesma operação, encontraram-se igualmente dois postos receptores-emissores. — (F. P.).

INSTITUTO DE LINGUAS DE RENOME MUNDIAL



INGLÊS
FRANCÊS
ALEMÃO

— Lições das 9 às 23 horas sem interrupção
— Cursos especiais para crianças
RUA SOCIEDADE FARMACÊUTICA, 30, 1.
Telefone 5 45 30

Fagide APRESENTA
A grande Atracção Americana da Rádio
T. V. e Music-Hall
THE RUBIO TRIPLETS
As 3 gêmeas que, com o maior sucesso, já actuaram em 28 países
(14/17 anos)

Vida literária e artística

NÚMERO 192
29-MARÇO-1962

Suplemento semanal do «Diário de Lisboa»

André Chamson diz-nos

que confia nos destinos da literatura contemporânea

A fisionomia de André Chamson é fina e reflexiva, o olhar penetrante, a palavra serena, fácil e precisa. Caminha pelas ruas e avenidas de Lisboa em passo rápido, absorvendo compenetradamente o sol caridoso que rompeu por fim a bruma e o frio hibernais. O escritor ilustre, académico influente, figura representativa de uma grande geração literária francesa, está há dias em Portugal, aonde veio por convite da «Alliance Française» para fazer uma série de conferências em Lisboa, Coimbra e Porto.

O publico português esclarecido conhece a obra do escritor — ainda há pouco foi traduzido e editado entre nós o seu livro admirável *Nos ancêtres, les Gaulois* — mas ignora, geralmente, a biografia deste intelectual que soube ser também, nos momentos necessários, um homem de acção combativo e heróico. Tendo nascido em Nîmes, na Provença, em 1900, concluiu o curso de humanidades da *École des Chartes* em 1924. Logo no ano seguinte publicou o romance *Roux, le bandit* e, a seguir, o vasto ensaio *L'Homme contre l'Histoire* e o romance *Le Crime des Justes*. Impelido, como quase todas as grandes figuras literárias da época, pela vaga de intervenção activa dos «clercs» na acção política, teve em França um papel relevante no decurso dos anos que precederam a guerra. Como director do semanário *Vendredi* exerceu influência profunda na formação ideológica das gerações de consciência livre e vontade humanística que resgataram com o seu esforço a inquieta história desse tempo. Veio a guerra, logo depois a invasão. André Chamson permaneceu em França, lutando obscura e heróicamente na Resistência. E em 1944-45, na batalha pela libertação da França, bateu-se ao lado de André Malraux á frente da famosa Brigada Alsácia-Lorena, participando ainda na campanha final que levou as forças aliadas até ao coração da Alemanha.

Terminado o dramático interregno, o escritor voltou simplesmente á sua obra. Data de 1945 o vigoroso romance *Le Puits des Miracles*, de 1951 *La Neige et la Fleur*,

ANDRÉ CHAMSON:

«Nunca me curarei do interesse pelo meu semelhante. Nunca esquecerei na minha obra a criatura humana».



de 1958 *Nos ancêtres, les Gaulois*. Em 1946 ainda o ensaísta «engagé» publica as impressionantes páginas de reflexão intelectual e moral, *Fragments d'un Liber Veritatis*. Conservador do Museu do «Petit Palais», em Paris, presidente internacional do Pen Club, eleito para a Academia Francesa em 1956 e logo ganhando na actividade académica um singular relevo, André Chamson desempenha na actualidade a elevada função oficial de director dos Arquivos Nacionais da França. Eis o escritor e o homem. A sua obra é um testemunho de humanismo perene. Enraizado na origem natal, como os seus romances reflectem — os seus de Giono para

(Continua na página central)

DECADÊNCIA DO ROMANCE?

Há alguns anos, numa profecia que despertou largo eco, Aquilino Ribeiro admitiu que talvez não demorasse muitos anos a extinção da literatura, tal como até aqui tem sido entendida, e, sobretudo, da ficção romanesca. É curioso aproximar essa advertência — que talvez o glorioso Mestre venha ainda a explicar mais detidamente — das conclusões a que chegam alguns observadores do mercado francês do livro na actualidade. Se é certo que alguns romances, ou reeditados ou recentemente surgidos, ainda mobilizam o interesse de vastas camadas de compradores de livros, a estatística editorial confirma, no entanto, que as obras de cultura não-romanesca atraem publico cada vez mais amplo. Apontam-se, como exemplo, alguns best-sellers recentes e significativos: a obra *Le mythe de Sisyphe*, de Albert Camus, atin-

giu a venda excepcional de 70 000 exemplares; as *«Réflexions sur la question juive»*, de Jean-Paul Sartre, registaram a saída imediata de 65 000 exemplares; e alcançaram, respectivamente, 45 000 e 40 000 os *«Trois essais sur la sexualité»* e a *«Introduction à la Psychanalyse»*, de Freud, também reeditados ultimamente na França em séries populares do género livro de bolso. Assinala-se, igualmente, um inesperado e sensacional êxito de livreria para a obra científica *«La nature dans la physique contemporaine»*, de Werner Heisenberg.

Estas vendas excepcionais de obras da literatura de ideias, reflectindo-se no declínio das tiragens de livros de ficção, têm dado motivo a que se pergunte já em França se o romance não estará em decadência sensível no gosto do publico.

RELANCES DO MUNDO LITERÁRIO

● Foi acolhida com grande interesse a publicação em Londres da obra «Topolski's Legal London», em que o notável desenhista apresenta, numa galeria de surpreendente originalidade, os aspectos mais típicos da vida oficial inglesa sob o signo dos perduráveis tradicionalismos. O texto explicativo é de Francis Cowper acompanhando com leveza e discreto humor o estilo plástico inimitável de Feliks Topolski — um dos mais prestigiosos artistas da Inglaterra de hoje.

● Os escritores franceses perguntam, agora, com justificadas razões, se têm ou não o direito de dar às personagens da literatura de ficção os nomes que muito bem entenderem — ou se terão de consultar um dicionário onomástico cada vez que atribuem um apelido. Por decisão de um tribunal foi proibida a venda do último romance de Paul Guimard, *«L'Ironie du Sort»*, porque figurava nele certa personagem designada por DeCourseulles. O marqués de Courseulles reclamou judicialmente contra esse facto e foi atendido. Nos últimos tempos aconteceu o mesmo com livros de Robert Merle, Jean Dutourd, René Jean Clot e Virgil Georghiu.

● Está a preparar-se na Bélgica a comemoração do centenário do nascimento de

Maurice Maeterlinck, que passa neste ano. A «Comissão Nacional Maeterlinck», com o patrocínio do «Baldouin» e sob a presidência de honra, do ministro da Educação e Cultura, projecta numerosas celebrações não só na Bélgica como no estrangeiro, onde a obra do escritor teve largas repercussões.

● A propósito da sua eleição para a Academia Francesa o escritor e humanista francês Jean Guéhen-

no invocou repetidamente a memória de Michelet, como grande mestre da formação do seu espírito e de toda a geração combativa a que pertence. *«L'Evangile Eternel»*, que é um estudo crítico sobre Michelet, foi a primeira obra significativa na carreira literária e cívica de Guéhenno.

● Há mais de dez anos, no final de 1951 e princípio de 1952, realizou-se no Brasil uma exposição de livros alemães que teve grande êxito. Nessa altura apresentaram-se no Rio de Janeiro e em São Paulo, cerca de 2800 publicações de editoras alemãs. Seguiram-se exposições menores, entre elas *«A Arte no Livro Alemão»* e *«Os cinquenta mais belos livros alemães»*. A organização do comércio livreiro alemão, que abrange todas as casas editoras da Alemanha Ocidental, resolveu realizar uma segunda Exposição do Livro Alemão no Brasil. Será apresentada de 21 de Março a 3 de Abril no Rio de Janeiro, em seguida de 11 até 28 de Abril em São Paulo, de 11 a 21 de Maio em Curitiba e, finalmente, de 1 a 17 de Junho em Porto Alegre.

● Frederico Prokosh escritor norte-americano de origem austríaca, publicou o romance *«Um canto de amor»* que é apontado como símbolo da nova literatura dominante nos Estados Unidos. A simbiose de um romantismo anacrónico com a maior franqueza de representação das experiências sexuais e um amorismo velado sob aparências inocentes, é considerada pela crítica como primordial característica da actual literatura «sophisticated» que o publico «yankee» prefere.



Jean Guéhenno, o mais recente «mortal» eleito para a Academia Francesa representado num desenho de Roger Wild

Foi Filipe IV amigo de Velázquez?

por JAIME BRASIL

O prof. Varela Aldemira, no final do seu sapiente estudo *«A Geografia Estética de Velázquez»*, manifestou surpresa por termos posto em duvida, no ensaio biográfico *«Velázquez»*, a amizade do rei Filipe IV pelo pintor de *«Las Meninas»*. Dissemo-lo a respeito dum despacho possivelmente exarado pelo rei no requerimento da Junta de Obras e Bosques, quando faleceu o pintor. Segundo Justi, seu minucioso biógrafo, a Junta pedira que revertissem para o seu cofre os honorários de mil escudos auferidos pelo artista. Afirmou Justi: «o rei não se sentiu com forças para resolver; escreveu á margem, com mão sumamente trémula: *quedo abatido*. Vi o documento no Arquivo de Simancas».

Admitimos ter havido má leitura do despacho. Lógico seria que fosse: *quedo abatido*, simples fórmula burocrática, sem envolver nenhuma manifestação de pesar, aliás descabida em tal documento. Justi deu a impressão de pretender forçar a nota sentimental, com o pormenor fantasista da «mão sumamente trémula». Como se previsse o aparecimento de alguém a pôr em duvida a existência do despacho, garantiu tê-lo visto no arquivo de Simancas, garantia que não dá noutras citações de documentos e textos.

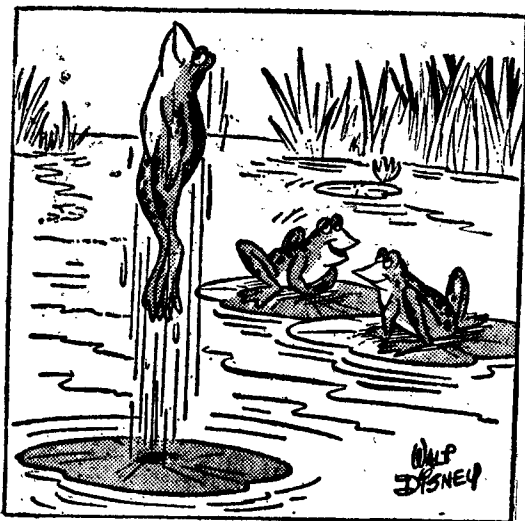
Escreveu o prof. Varela Aldemira, no final daquele seu trabalho: *«Esperávamos confirmar o asserto (de Justi) na transcrição do documento de Simancas, publicado na «Vária Velazqueña», 1960, onde não consta a rubrica real. É verosímil, a todos os respeitos, a duvida de Jaime Brasil. Tratando-se de abater uma conta, foi a conta que se abateu, sem lugar para desabafos pessoais. Mas concluir do despacho de Filipe IV «sem vislumbre de qualquer sentimento de pesar pela morte do homem que lhe deu a imortalidade e a sua família», é outra história para discutirmos com mais vagar, se o meu confrade o entender, mais uma atenção que lhe ficarei devendo».*

Convide formulado com tanta cortesia merece, com o agradecimento, aceitação. Sem ter a pretensão de discutir com quem é Mestre nas artes de pintar e de



Filipe IV, por Velázquez

(Continua na 22.ª página)



—Deixa-o! Andá agora com a mania de que é foguetão!

PEQUENO MAGAZINE

A ASSIMILAÇÃO dos conhecimentos técnicos

O presidente da Fundação Rockefeller afirmou aos representantes de 104 países, durante uma reunião da F. A. O., que o maior problema do nosso tempo, depois do controle das armas atômicas, é o crescimento indiscriminado da população. Por outro lado, o director-geral daquele organismo internacional declarou que o maior obstáculo para o aumento da produtividade não é a falta de conhecimentos técnicos básicos, mas sim a lentidão com que as populações assimilam aqueles que lhes são ministrados.

Curiosidades

Em 1961, a economia italiana beneficiou de um rendimento de 18 800 000 contos proporcionado pela exploração do turismo. Segundo cálculos estatísticos visitaram a Itália, no ano findo, mais de 19 milhões de turistas europeus e americanos.

ESPECIAL PARA A

LEITORA

A LUTA DAS MULHERES nas Universidades inglesas

Tanto na Universidade de Oxford como na de Cambridge, a luta das mulheres para alcançarem a igualdade com os homens foi muito lenta. Em 1878, quando a Universidade de Londres já tinha autorizado as mulheres a obter diplomas universitários, fundou-se em Oxford o primeiro colégio feminino chamado «Lady Margaret Hall». Em 1879 fundou-se o Colégio Somerville e seguiram-se mais dois — «St. Hugh's»,

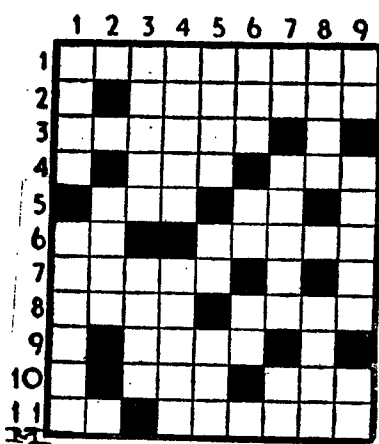
em 1886, e «St. Hildas», em 1893. Havia também um externato «St. Anne», que só veio a ser reconhecido em 1952.

Os preconceitos universitários masculinos não se deixaram derrotar com facilidade. A luta foi longa e renhida. Em 1884, as alunas de Oxford alcançaram o direito de se apresentar a exame, mas só em 1920 conseguiram o direito de alcançar um diploma universitário.

Mas os preconceitos masculinos defendiam o terreno palmo a palmo — e só em 1927 as diplomadas podiam concorrer ao professorado universitário, mas, ainda assim, com um recrutamento muito limitado. Só em 1957 conseguiram abolir este sistema de recrutamento.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIOS)
Problema n.º 2624



HORIZONTAIS: 1 — Rematará. 2 — Ninfas dos bosques e das montanhas. 3 — Dividem em ruas. 4 — Doçura. Cento e cinquenta e cinco em romano. 5 — Semelhante. Preposição. 6 — Piedade. Completo. 7 — Planta americana, da família das amarilidáceas. 8 — Rabino. Jovem. 9 — Prefixo que designa «dentro». 10 — A ele. Assim que. 11 — Ermo. Atenderá.

VERTICAIS: 1 — Filtrar. Lanças de arremesso. 2 — Beca. 3 — Regra. Segundo filho de Adão e Eva. 4 — Bárbaro. Bebida alcoólica. 5 — Fiel. A ti. Ofertou. 6 — Imperfeito (inv.). Luto. Lago. 7 — Idem (abrev.). Bastão real. Nota de música. 8 — Verdadeiro. 1r peios ares. 9 — Campeão. Provento. Ali.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo pas-

satempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 2623

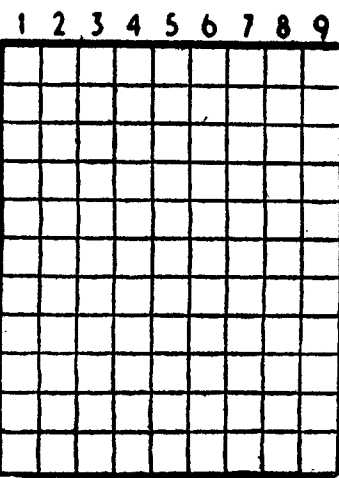
HORIZONTAIS: 1 — Esse. 2 — NÃO. Tábuas. 3 — Cru. Orei. 4 — Há. Órbita. 5 — Ce. Ou. 6 — Minde. 7 — Anfora. Mu. 8 — DOR. 9 — Aqui. Fuga. 10 — Ruído. Ror. 11 — Aerofera.

VERTICAIS: 1 — Enchumacura. 2 — Sara. In. QUE. 3 — Sou. In. fuir. 4 — Dó. Ido. 5 — Torcerá. Os. 6 — Barba. 7 — Bei. DURE. 8 — MUITO. Mogor. 9 — Augurara. (Provérbio: NÃO HÁ DOR QUE DURE MUITO).

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 4669

HORIZONTAIS: 1 — Sarrafo. Rio da China. 2 — Quartz translúcido. 3 — Magoel. Move os remos. 4 —



Prefixo de negação. Satélite da Terra. Nome antigo da nota musical dó. 6 — Brandos. 7 — Árvore com

cuja casca se aromatiza o vinho. Vai para fora. 8 — Asa. Ave de rapina. 9 — Nome próprio de um dos maiores poetas brasileiros. 10 — Grifo. 11 — Interpeição que imita pancada forte. Nome de flor.

VERTICAIS: 1 — Fadista. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. 2 — Preposição. Origem. Caminhar. 3 — Semelhante. Lugar de sofrimento atroz. 4 — Destro. Fileiras do exército. 5 — Artigo indefinido (pl.). O mais. 6 — Negra. Ajustar. 7 — Borra do vinho. Insensatez. 8 — Mulo. Saudável. Artigo definido. 9 — Restabelece. Eiro.

Solução do problema n.º 4668

HORIZONTAIS: 1 — Gnus. Eter. 2 — Ova. Sul. 3 — Abica. 4 — Ir. Riu. Pé. Baco. Mais. 6 — Rias. Alão. 7 — Az. Ais. Rs. 9 — Taça. Arar. 10 — Olavo. 11 — Rira. Eles.

VERTICAIS: 1 — Gibraltar. 2 — No. Raiz. 3 — Uva. Cá. Açor. 4 — Sabrosa. Ala. 5 — II. Io. 6 — Escumas. Ave. 7 — Tua. Al. Prol. 8 — El. Piar. 9 — Sesostris.

Combate relâmpago às constipações!



HOJE

em cada lar contra todas as afecções das vias respiratórias o inalador eléctrico portátil de calor regulável concebido pelo dr. Dobbelstein para a respiração de ar quente e seco

Distribuidores exclusivos para Portugal

HASSE L.D.A.
3, CALÇADA DO GARCIA, 5
Telef. 86 20 40 — LISBOA-2

- Eficaz contra:
- * Catarro nasal
- * Constipações
- Tosse
- * Bronquites
- * Asma ou coriza dos feno
- * Asma bronquica
- * Amigdalite
- * Inflamações da garganta e da faringe
- * Sinusite frontal, nasal e maxilar



Patente mundial

DEPOSITÁRIO NO PORTO

BORAL
R. DA FABRICA, 36
Telef. 3 44 17

TELEVISOR

magnadyne

de 43 cm (17")



- imagem de qualidade insuperável
- fidelidade de som
- grande facilidade de manobra
- modelo de 1962 — a última expressão da técnica moderna
- caixa de madeira polida, de linhas harmoniosas
- perfil estreito tubo de 110°
- equipado com filtro de imagem

- ...e ainda
- para salas de maior amplitude, o modelo de luxo de 59 cm (23")

A VENDA EM TODO O PAÍS NOS AGENTES OFICIAIS DA TELECTRA

TINTAS S. JOÃO—OVAR

A FÁBRICA DE TINTAS E VERNIZES S. JOÃO, de

FERREIRA & MARINHO, LDA.

Estrada de S. João — OVAR

traz ao conhecimento dos Ex.ªs Srs. ENGENHEIROS, ARQUITECTOS, CONSTRUTORES CIVIS, MESTRES DE OBRAS, etc., e ao COMÉRCIO EM GERAL, que o único representante e depositário, em Lisboa, destas conhecidas tintas, é a firma:

ORLANDO FERNANDES

Rua Palmira, 46-A-B-C — Telef. 834879 - 842630

que continua a aguardar as estimadas ordens dos s/ Ex.ªs Clientes, para o fornecimento de tão afamados produtos, nomeadamente a tinta plástica BEL-PLAST, os esmaltes BEL-OVAR e BEIRA-MAR, etc., etc.

MARLO

O HOMEM DO ESPAÇO

Por PHIL EVANS e TOM COOKE

sob a orientação científica do dr. I. M. LEVITT

148



Impossibilidade de ser Grão-Vasco o autor das pinturas provenientes de S. Vicente de Fora (II)

A linguagem da verdade é seca,
precisa, estatística.

BRECHT

ANTES de mais nada: na sua réplica, o sr. José de Bragança errou completamente o alvo. Dirigindo-se aos «vicentistas», e tomando-me como tal, esgriuiu contra um moinho de vento. Iludiu-se decerto com o título da minha crítica, forçadamente abreviada por exigência de paginação. Isto mesmo veio explicado em local da semana passada, neste jornal. Se o articulista houvesse lido com atenção todo o meu artigo publicado no dia 1 verificaria que me refiro repetidamente a painéis provenientes de S. Vicente de Fora e nunca a painéis de S. Vicente, quer dizer: não os identificando como representação de S. Vicente. Não apareço portanto «mais vicentista que nunca, sem dar razões dos seus progressos regressivos!» Eis uma acusação que cai imediatamente pela base. Permaneço na mesma posição céptica quanto ao significado e à identificação das figuras dos nossos Painéis quatrocentistas, dada a carência de razões que nos habilitem a optar por esta ou aquela solução. Salvo, bem entendido, o caso do presumível retrato do Infante D. Henrique. Nada pois alterei ao que escrevi no meu livro «Nuno Gonçalves», da colecção «Saber», que fez o favor de citar.

Por variadíssimas e óbvias razões vou reduzir ao mínimo o meu esclarecimento de hoje, dispensando-me de comentar «palavras» e pontos secundários de mero e ocioso conteúdo polémico. Apenas focarei o que na questão, agora vamente ressurgida, é, sim, essencial e ficou de novo em claro.

1.) Foi aduzida a indispensável prova de que os nossos Painéis, vindos de S. Vicente de Fora, são da mesma autoria da pintura assinada (?) e existente em Espanha? Não. Persiste-se na omissão de um elemento primordial para a sua «teoria». Não se publicou, como seria agora de esperar, a fotografia inteira dessa pintura identificada na região levantina». Dá-se como justificação que a respectiva fotografia já foi oportunamente mostrada a altas personalidades. Por que se transformou uma questão artística num grave «segredo de Estado»? Agora, sim, é que há tabu... Acrescenta-se que por falta de espaço que não se divulga no jornal a mesma fotografia. Quem o pode crer?... Mais se diz que a pintura levantina está a ser estudada por especialistas espanhóis... Então porque se espalhou prematuramente a notícia aos quatro ventos? Não, na verdade, tudo são subterfúgios. A cautela, já se insinua que a pintura está muito «arruinada» e que o seu pintor é «complexo e contraditório» (!) e que, além disso, «sacrificou ao gosto catalão»... Está-se a ver que a aparência não deve ser nenhuma entre a pintura de lá e as de cá.

da arte — não se funda, nem eu o disse, em immanar os de Lamego com os catorze painéis do antigo retábulo da Sé de Viseu, que ainda, com efeito, podem ser matéria controversa. Quando se fala em Grão Vasco subentende-se sempre o autor dos celebrados S. Pedro, Calvário ou Pentecoste, pinturas viseenses unanimemente aceites como



obra do famoso Vasco Fernandes. E, depois dos documentos afortunadamente encontrados e publicados pelo dr. Virgílio Correia, os cinco painéis da série de Lamego incorporam-se, como é natural, nessa mesma obra. A incompatibilidade estilística entre os geniais Painéis do século XV e os de Lamego não reside em estes últimos serem ou não do Grão Vasco da tradição; resulta fundamentalmente de razões internas e evidentiíssimas que afastam entre si os dois grupos de pinturas. O articulista nem sequer esboçou uma justificação de ordem estilística, a definir caracteres que haviam de ser comuns, se

fiz ao texto desse manuscrito. Crêdulo é o «bom loio». Por isso mesmo é «bom», aceitando piamente o lendário milagre. Depois, o manuscrito não é coevo — insisto — da época do bispo do Azul, falecido em 1463, mas coevo sim do redactor do manuscrito seiscentista. O que faz grande e decisiva diferença. Por isso, não prova que se re-

A DIREITA:
Retábulo de Lamego (século XVI)
«Criação dos Anímaes». A ESQUERDA: Por menor da mesma obra.



resta o mais pequeno alicerce. A «teoria Grão Vasco» dos Painéis, já antes esvaziada por nós, volatilizou-se irremissivelmente agora. Não haverá mais que falar dela. Acabou-se. R. I. P.

Como compensação, ofereceu o articulista o engodo de ressuscitar-mos o «autêntico Nuno Gonçalves». Felizmente que não nega a sua existência. Valha-nos isso. Nuno Gonçalves é, na verdade, um pintor seguramente documentado desde 1450 até 1492.

Agradeço, pela minha parte, lembrar (!) que «deve existir algures aquele Cristo atado à coluna que os judeus estão açoitando». No meu livro da colecção «Saber», que agora o articulista consultou, lá viu decerto a referência (p. 122), e bem desenvolvida, acerca dessa perdida pintura, assim citada por Francisco de Holanda, em 1548: «Este foi Nuno Gonçalves pintor del rey dom Afonso, que pintou na Sé de Lixboa o altar de S. Vicente e creio que também é da sua mão um Senhor atado á columna».

que dois homens stão açoitando em uma capella do mosteiro da Trindade».

Ao contrário da afirmação do articulista, esta pintura da Flagelação de Cristo não veio «após 1834 do convento do Carmo para o depósito de S. Francisco». Justamente, uma das listas de pinturas recolhidas após a extinção das ordens religiosas regista que tal quadro do convento da Trindade — e não do Carmo, como agora inexplicavelmente o articulista escreveu — não deu entrada no depósito (Vide «Boletim da Academia Nacional de Belas-Artes: IV, Documentos», p. 108). Enfim, uma espantosa sucessão de inexactidões. E são estas e tudo o mais publicado nos seus artigos o que fundamenta a crítica que lhe fazemos. Não procure razões obscuras e subterfúgios... Está tudo muito às claras. E para finalizar o nosso diferendo, este sábio e oportuno conselho do bom e insuspeito Buda: «Considera aquele que faz ver os teus erros como se ele te mostrasse um tesouro».

ADRIANO DE GUSMÃO

SEMANA DE MADRID

por MANUEL RIUTORT

PARA a vaga aberta, na Real Academia de Belas-Artes, pela morte de Gregório Marañón, está indicado o duque de Alba. O discurso de ingresso versa sobre a pintura e os pintores.

que completou «Atlantida», de Manuel Falla. Ernesto anulou a sua personalidade para melhor se aproximar do pensamento de Falla.

CRISE de Teatro? Não é de supor, pois dos vinte teatros que se encontram a funcionar apenas oito não dão espectáculos do género «declamado».

EDITADO por Espasa Calpe e da autoria de Gaya apareceu o livro «Pintura Española Fuera de España» em que se dá conta das pessoas culpadas da saída, para o estrangeiro, de algumas das melhores obras da pintura nacional.

NOS jardins do Retiro encontra-se patente ao publico um monumento que o escultor Pimentel dedica á «Gaviota Malagueña», com as suas asas de paz e de amor estendidas para o Mundo.

CONTINUA o êxito para Alfonso Paso. Quatro peças suas estão presentemente a ser representadas nos teatros desta cidade. Consta que Paso pensa estreitar-se, como actor, no Teatro Recoletos.

A ACADEMIA Espanhola anuncia a próxima publicação do segundo fascículo do «Diccionario Histórico de la Lengua Española».

NUM pequeno volume intitulado «Elogios Clásicos a Madrid» o escritor José Simón Díaz reuniu todos os «epitafios» que têm sido dedicados á capital espanhola.

UM desenho firme é a principal característica da pintura de Marta Duran que expõe na sala Fernando Fe.

COMEÇOU a recolha de fundos para a construção de um «Teatro Estudios».

ESTE é o maior elogio que se pode fazer a Ernesto Halffter



Decalque do motivo ornamental da bota do Menino (Painel do Infante). O dr. Belard da Fonseca lia nestes traços o nome do pintor J. EANYES precedido das iniciais de NUNO GONÇALVES! O sr. José de Bragança lê agora, nos mesmos desenhos de fantasia, a assinatura de VASCO FERNANDES!!!

Dá o obstinado cuidado em segregar a fotografia em causa.

Mas havendo sido tão peremptório no seu artigo-revelação, não era a mim que tinha, é claro, de dar satisfações; era aos seus leitores, tanto aos especialistas como aos leigos, que devia patentear os elementos de prova. Qualquer investigador responsável e moderno assim procederia. Mas deixemos isso...

2.) Quanto aos painéis de Lamego a sua argumentação afrouxou verticalmente. Dir-se-ia que já não há nenhuma convicção na defesa de tamanha incongruência. Tenta o articulista desviar «solertemente» o leitor mal familiarizado com o problema, invocando o antigo retábulo da Sé de Viseu. Ora a contestação à pretendida identificação do pintor quinhentista do retábulo de Lamego com o dos Painéis de S. Vicente de Fora — o maior absurdo jamais proferido no campo

tivesse um átomo de razão. Cónscio, certamente, do ingrato terreno que pisava, esquivou-se a esse teste de autêntica crítica de arte.

Sugere modestamente o sr. José de Bragança, em artigo anterior, que sejam colocadas lado a lado as próprias obras, «mesmo só para um confronto visual». Ora, quando da grande Exposição dos Primitivos, em 1940, os Painéis de Lamego estiveram no Museu das Janelas Verdes, bem perto da sala onde se expunham os Painéis da Veneração a uma figura santificada, provenientes de S. Vicente de Fora. Então, o sr. José de Bragança, que desde 1926 tinha o nome do pintor «a bailar diante da pena», nada disse de revelador e sensacional. Essa teria sido a melhor oportunidade para uma prova em cheilo...

3.) Manuscrito da Biblioteca de Braga. A longa divagação sobre a figura do «bom loio» mestre Jorge de S. Paulo não altera a crítica que

fira ao Vasco Fernandes, pintor do século XV, antes induz, como escrevi, «tratar-se de mais um depoimento acerca do tradicional Grão Vasco, da época em que crescia a fama do mestre viseense da primeira metade do século XVI». Quem citou a data de 1618 foi o articulista. Se o manuscrito de Braga está afinal datado de 1658 — claro que não conheço o original, um dos salvados da velha polémica de há trinta e tal anos, e por esse motivo fiz fé na sua informação — mais me ajuda, fazendo aproximar tudo do verdadeiro Grão Vasco. Este nosso pintor viseense foi casado duas vezes, uma com Ana Correia, outra com Joana Rodrigues, que ficou sua viúva cerca de 1542. Nesta data, era bem natural que, havendo duas filhas do pintor, fossem já adultas ou muito próximo da maioridade. Faça-lhe pois as contas. Não será de presumir que, no começo — ou meados, se quiser — do século XVII, a Ana Fernandes ouvida acerca dos milagres acontecidos com o corpo do célebre bispo de Viseu seja bisneta do verdadeiro e famoso pintor quinhentista? No século XVII, a existir uma descendente do pintor do século XV, este seria pelo menos seu trisavô.

Mas admitamos mesmo, por liberalíssima hipótese, que o manuscrito da Biblioteca de Braga, do século XVII, se refere a um pintor do século XV. Que relação terá isso afinal com os painéis provenientes de S. Vicente de Fora? Não se distingue qualquer nexo entre uma e outra coisa. Demais, o próprio articulista reconhece agora que esse testemunho é «estranho ao problema da pintura».

PORTINARI

tinha anunciado pouco antes de morrer a publicação do seu livro de poemas

«Sabem porque é que eu pinto tanto menino em gangorra e balanço? Para botá-los no ar, feito anjos».

PORTINARI



A morte do pintor brasileiro Candido Portinari deixou prolongadas repercussões de desgosto e saudade, não só no Brasil como em todo o Mundo, que o considerava um dos maiores artistas do nosso século. Relata a revista «Brasil», editada em Lisboa pelos serviços da embaixada deste país, que poucos dias antes do seu falecimento Portinari tivera alta da intoxicação e presenteara a equipa de médicos e enfermeiras que o assistira com um pequeno quadro: um Menino Jesus, quase do «quatrocento» italiano. O artista ia lançar um livro de poemas. Costumava dizer: «Só tenho medo de duas coisas — de ficar sózinho e de morrer. Quero pintar até aos 99 anos». Morreu aos 59.

O Governo e o povo brasileiro tributaram-lhe as homenagens que costumam prestar aos seus artistas. O Governo Federal decretou luto nacional e tomou a seu cargo o enterro do pintor. O corpo foi transportado para o salão nobre do Ministério da Educação e Cultura. E foi nessa sala, decorada com murais do grande artista, que o povo, desde as 14 horas do dia 7, fez fila para levar o seu adeus e as suas flores ao grande brasileiro. Uma enorme multidão silenciosa concentrou-se nas ruas por onde passou o féretro.

As embaixadas de Israel — país que tanto amou e que retratou num álbum de desenhos admiráveis —, Cuba e Venezuela, o Centro Cultural Brasil-Alemanha, o Governo do Estado da Guanabara, a revista «O Cruzeiro», de que era colaborador e em cujas instalações se encontra uma esplêndida coleção de grandes óleos seus, foram algumas das numerosíssimas entidades que enviaram flores para o grande pintor. O presidente João Goulart declarou, ao saber da morte do artista: «Candido Portinari é uma expressão constante e fiel de nossa cultura, porque traduziu, em sua arte, as dores e a esperança de nosso povo. Por ser autenticamente brasileira, conquistou renome universal».

O primeiro-ministro Tancredo Neves afirmou que Portinari «retratou, como ninguém, a angústia, a revolta e o sofrimento dos oprimidos e espoliados, fazendo de sua arte um dos instrumentos da emancipação social de nosso povo. Ele elevou a cultura do Brasil e perpetuou-a na admiração de todo o Mundo».

O governador Carvalho Pinto, de São Paulo, Estado onde nasceu o artista, associou-se ao pesar do povo brasileiro pela grande perda e determinou fosse dado o nome de Candido Portinari a um dos ginásios vocacionais do Estado. Disse ele: «O menino de Bodóqui fez pelo nome do Brasil e de sua pequena cidade — e por São Paulo, portanto — obra imorredoura que é também símbolo da maturidade da moderna pintura brasileira e a sua afirmação na linguagem universal».

O secretário-geral das Nações Unidas, U Thant, endereçou ao presidente João Goulart um telegrama em que expressa a sua «profunda pena pelo prematuro desaparecimento de Portinari». Em sua mensagem, recorda a contribuição «do mais distinguido artista brasileiro à sede das Nações Unidas» — os dois grandes painéis inspirados respectivamente na paz e na guerra. E observa: «Os murais de Portinari, que ocupam lugar de honra na sede das Nações Unidas, dão sua mensagem inspiradora aos propósitos da organização mundial. A morte privou, não só o Brasil, mas todo o Mundo, de uma figura extraordinária».



Em cima: Um dos últimos retratos de Portinari. Em baixo: «Menino de Bodóqui»

ENTREVISTA COM ANDRÉ CHAMSON

(Continuação da 17.ª página)

a Provença ou os de Ramuz para a região de Vaud — a paisagem natural e humana das Cévennes. Tão provincial como universalista, tão profundamente intelectual como populista, Chamson representa na literatura do nosso tempo a mensagem do perene classicismo francês, aberto a todas as renovações e apelos humanos.

O encontro com o grande escritor é fácil e simples. Uma deambulação em manhã soalheira, o recanto de um café discreto, abrem caminho às imediatas declarações:

— «Estou muito grato à *Alliance Française* por me ter dado a oportunidade de voltar a Portugal. Há oito ou nove anos passei um dia, apenas, em Lisboa, na escala do paquete «Claude Bernard» que me levava ao Rio de Janeiro. Percorri rapidamente a cidade — e ficou-me sempre gravada uma impressão visual colorida, luminosa e clara. O mosteiro de Belém deixou-me também sugestões inapagáveis. E, com essas recordações breves, um desejo vivo de voltar.»

— Apenas para rever Lisboa?

— «Não. Desta vez pude conhecer melhor o país. Évora, Vila Viçosa, Coimbra, Porto... Francês das Cévennes, homem sempre ligado às terras montanhosas que dominam o Mediterrâneo, com raízes provençais profundas, sabia já dos laços comuns de história, das afinidades de cultura que ligam Portugal e o sul da França. Se é lícito remontar tão longe no tempo, posso dizer que sou um descendente dos «troubadours» que nos alimentaram as tradições literárias comuns. E foi com emoção que evoquei no Ribatejo as planuras da Camargue, no Alentejo as distâncias onduladas da Garrigue provençal. Que infelicidade não termos fronteiras comuns...»

— Tem acompanhado, de algum modo, a vida literária portuguesa?

— «A língua é uma barreira difícil, decerto, embora o meu conhecimento do provençal me facilite o acesso ao português. E' através de Ferreira de Castro, sobretudo, que se me representa a vossa literatura de hoje. A vibrante simpatia pessoal, a humanidade comunicativa e imediata do vosso grande escritor, têm sido para mim uma porta sempre aberta sobre o espírito e a cultura de Portugal. De resto, se a minha vida não fosse tão absorvida por obrigações multiformes, gostaria de estudar a influência da poesia dos trovadores provençais no inconsciente colectivo e na poesia popular, espontânea e natural, do vosso país. Portugal é para um provençalista, para um homem do «Midi», como eu sou, um campo de observação extraordinário.»

— E a literatura francesa de hoje? Pensa que os escritores da França contemporânea estão a traduzir em nível e expressão adequados os grandes problemas e inquietações do nosso tempo?

— «Na época em que estamos coincidem, ainda, várias gerações literárias em plena actividade criadora. A idade individual não condiciona o valor da criação literária quando a consideramos colectivamente. Continua em plena vitalidade a geração que precedeu a minha: a de Mauriac, Maurols, Duhamel, Jules Romains. Quando se en-

caram as sucessivas vagas da literatura com perspectiva muito presa ao imediato, há a tendência para crer que os escritores, quando envelhecem, saem do jogo. Ora nem sempre isso sucede. A geração a que pertencei manifestou-se entre 1925 e 1930 com certas intenções e características que são hoje tão válidas como nesse tempo. Malraux, Jean Giono, Jean Guéhenno, Saint Exupéry, Pierre Bost e vários outros, eram valores seguros, desde os seus primeiros livros. Em 1930, qualquer observador literário podia adivinhar o que essa geração seria trinta anos depois, apesar da formidável evolução que se processou nessas décadas. Mas, se compararmos essa geração com as seguintes, já o ponto de vista se afigura muito diferente. Ninguém pode ter a certeza do que vão ser e fazer os escritores das gerações novas, por muito talento que se lhes reconheça. A geração de 1925 manifestou-se por espontânea vontade criadora — e ficou. Os mais novos, por muita riqueza de qualidades que apresentem, parecem-me teóricos da literatura sempre em busca de caminhos. São mais técnicos da criação literária do que criadores.»

— Mas a «nova vaga» manifestou-se, em França, com vigorosa irradiação. Há a «École du REGARD», os neo-existencialistas e até os neo-surrealistas...

— «Certamente. Da geração actual não se saem valores definitivos, mas não pelos caminhos experimentais

que estão a te. Hão-de p a teoria — e entregar-se vocação cri contemporan laboratório, na, a que fa produz perdo tório só t quando se bre a oficina temunho, ppre um esc que fui cap do-me mult preconcebido grandes esc

ESCAPAR

(De 20 a 27 de Março de 1962)

Autores portugueses

Título — «Praia Nova».
Autora — Matilde Rosa Araújo.
Editora — Editora Lux, Lda. — Lisboa.
Numero de páginas — 116.
Preço — 20\$00.

Título — «Um Minuto de Silêncio».
Autor — João da Silva Correia.
Editora — Publicações Europa-América — Lisboa.
Numero de páginas — 330.
Preço — 30\$00.

Título — «João».
Autora — Margarida Zozzi.
Editora — Editora Lux, Lda. — Lisboa.
Numero de páginas — 191.
Preço — 25\$00.

Título — «Bocage, a Sua Vida e a Sua Obra».
Autor — Mário Domingues.
Editora — Livraria Romano Torres — Lisboa.
Numero de páginas — 396.
Preço — 30\$00.

Título — «Talvez Sejam Vagabundos».
Autora — Maria da Graça Freire.
Editora — Portugal Editora — Lisboa.
Colecção — Col. Contemporânea, n.º 30.
Numero de páginas — 273.
Preço — 30\$00.

Título — «Destino: Mucaba».
Autor — Diamantino Faria.
Editora — Companhia Nacional Editora — Lisboa.
Numero de páginas — 246.
Preço — 30\$00.

Título — «Poesia e Tempo».
Autores — Mário Dias Ramos e Dórdio Guimarães.
Editora — Autor — Lisboa.
Colecção — Col. Poesia e Tempo, n.º 1.
Numero de páginas — 61.
Preço — 20\$00.

Título — «O Homem Sentado à Beira da Estrada» e «Acaso?».
Autor — Nascimento Moraes.
Editora — Encrementum — Lisboa.
Colecção — Col. Teatro d'Ensaio, n.º 2.
Numero de páginas — 57.
Preço — 7\$50.

Título — «Consultório» e «O Pescador à Linha».
Autores — Augusto Sobral e Jaime Salazar Sampaio, respectivamente.
Editora — Editora Arcádia — Lisboa.
Colecção — Teatro de Novas.

Autores

Título — Deus.
Autor — Tradutora — Lisboa.
Colecção — Numero — Preço —

Título — Suzanne De.
Autoras — Tradutora — Costa Dias.
Editora — Lisboa.
Colecção — so. n.º 29/
Numero — Preço —

Título — Média.
Autor — Tradutora — Lisboa.
Colecção — HL 4.
Numero — Preço —

2 N
COLECC

ELO
FIL
Um livr
M. M

ERRO
Parte

A.
um fund

GUIM

Publicações Europa América apresenta

IVO ANDRIC — Premio Nobel de 1961

A Ponte sobre o Drina

ACABA DE SAIR:

BOCAGE

A SUA VIDA

E

A SUA ÉPOCA

POR

MARIO DOMINGUES

1 vol. 400 pág. capa ilustrada: 30\$00

EM TODAS AS LIVRARIAS E TABACARIAS

Pedidos a:

EDIÇÕES

ROMANO TORRES

70 — Rua Alexandre Herculano LISBOA

da literatura presen-
tando a presença para
quando en-
Ora nem
geração a
u-se entre
intencções e
hoje tão vá-
Malraux.
Enno, Saint
vários ou-
ros, desde
Em 1930,
ramo podia
ração seria
r da formi-
processou
comparar-
s seguintes.
gura muito
ter a cer-
eazer os es-
novas, por
s reconhe-
nifestou-se
adadora —
por muita
e apresen-
da litera-
e caminha-
ção litera-
manifestar-
torosa irra-
Regard», os
é os neo-
ação actual
tivos, mas
perimentais



Um friso de académicos franceses, da direita para a esquerda: Maurois, Mau-
riau, André Chamson (o nosso entrevistado de hoje) e Jean Guehenno,
por ocasião da eleição do último

que estão a percorrer presentemen-
te. Não de preocupar-se menos com
a teoria — os melhores, é claro —
e entregar-se convictamente á sua
vocação criadora. No panorama
contemporâneo há a literatura de
laboratório e a literatura de ofici-
na, a que faz experiências e a que
produz perduravelmente. O labora-
tório só tem virtude autêntica
quando se abre imediatamente so-
bre a oficina. Pelo meu próprio tes-
temunho, posso dizer que fui sem-
pre um escritor de oficina: criei o
que fui capaz de criar, preocupan-
do-me muito pouco com receitas
preconcebidas. E, de igual modo, os
grandes escritores da minha gera-

ção. Mas os escritores jovens de
agora estão ainda na fase do labo-
ratório. Só quando a sua experiên-
cia da vida for mais rica e profunda
deixarão as limitações laborato-
riais, entregando-se plenamente á
missão criadora de que os melho-
res são capazes.

— Tem confiança, por consequen-
te, nos destinos da literatura fran-
cesa?

— «Inteiramente. Lembro-me, a
propósito, que em certo debate li-
terário recente promovido pelo jornal
Nouvelles Littéraires nos en-
contramos, eu e Butor, em pleno
acordo. A nova vaga e os escritores
das gerações precedentes, quando
se trata de valores fundamentais,
encontram-se necessariamente. De
resto, o debate dos escritores con-
temporâneos de gerações diversas
assemelha-se ao que agita a pintura.
A tentação dos artistas de hoje
para se desviarem da figura e da
condição humanas não pode durar
muito. Talvez seja vantajosa, a pes-
sar de tão negativa, a experiência.
Mas o regresso ao homem e aos
seus valores eternos é inevitável.
Por mim, sei que nunca me cura-
rei do interesse pelo meu seme-
lhante, que nunca esquecerei a cri-
atura humana, centro das preocupa-
ções de tudo o que é válido e pere-
ne em arte. A verdade da arte, como
a verdade da vida, inscreve-se
entre o bérrio e o tumulto. As novas
gerações não de regressar a essa
realidade fundamental, tanto na li-
teratura como nas artes plásticas.

— Entretanto, quais são os pri-
micias interesses da sua activida-
de de escritor, neste momento?

— «O romance continua a ser o
meu dilecto meio de expressão. O
dramático hiato de 1939-45 implicou
para alguns escritores uma vira-
gem acentuada. Malraux passou do
romance para a crítica de arte, ou
melhor, para o inventário monu-
mental da criação artística de to-
dos os tempos. Giono transformou
acentuadamente o seu estilo. Tam-
bém eu mudei em muita coisa, é
certo, mas permaneci fiel á minha
concepção originária do romance.
Este género é ainda, a meu ver, a
melhor possibilidade que se nos
oferece para apreender mais pro-
fundamente e com maior inteligên-
cia a verdade essencial da vida. O
romance é o rochedo de Sísifo, o
trabalho sempre recommençado de
compreensão do homem. Estou a
escrever um romance em que es-
pero comunicar muito da minha
visão actual».

— E o ensaio?

— «O ensaio tem sido para mim
um género circunstancial. Os *Frag-
ments d'un Liber Veritatis* resulta-
ram directamente da guerra. Foi a
ocupação da França e a luta con-
tra o invasor que me levaram á
reflexão ensaística — embora a ex-
periência da guerra e da Resistên-
cia fossem para muitos de nós uma
experiência vivida e não apenas
meditada. Nessa luta morreram
Saint-Exupéry e Jean Prévoist. So-
brevivemos Malraux e eu. De Saint-
Exupéry vulgarizou-se no Mundo
inteiro a obra tão sugestiva e rica.
Mas Jean Prévoist era, talvez, maior
escritor — um desses homens de
letras que estavam fadados para se
realizar em plena maturidade e
que a morte levou prematuramen-
te».

— A sua criação como romancista
continua muito ligada á feição re-
gional, «cévennoles», de quase todos
os romances que escreveu?

— «Creio sempre que um escritor
tem melhores probabilidades de
reagir mais fecundamente ao que
o toca de perto. O que importa é
que no localizado esteja sempre
presente o universal. Eu próprio,
apesar da minha fidelidade ao
«terroir» das Cévennes, sou um re-
gionalista anti-regionalista. É pre-
ciso que a visão local não nos es-
conda nem diminua a compreensão
mais larga do humano. O meu re-
gionalismo compraz-se primacial-

ente em encontrar similitudes uni-
versais. Também foi esse o cami-
nho de Tolstoi — e como ele é eter-
no... Há uma frase de André Gide
que gosto muito de evocar: «Le
natif vaut mieux que l'acquis»;
mas há outra frase, de Balzac, que
me parece completar idealmente a
de Gide: «On ne peut ici-bas que
devenir ce qu'on est». No fundo, é
sempre a fórmula imutável da sa-
bedoria antiga: «Conhece-te a ti
mesmo».

— A sua presença na Academia
Francesa reflecte-se, de algum mo-
do, na actividade literária?

— «Desde a adolescência, sempre
pensei ser escritor. Mas nunca ima-
ginei que viria a pertencer á Aca-
demia. De certo modo, tem havido
tradicionalmente na literatura fran-
cesa dois «partidos»: o de Racine,
Voltaire, Chateaubriand, Victor Hu-
go, Vigny, etc., académicos; e o de
Molière, Rousseau, Beaudelaire e
tantos mais, não académicos. Por
vocação, situo-me entre os dois
«partidos». E vejo com satisfação
profunda que a Academia se abre
agora mais para a vida, para a pro-
blemática vibrante da nossa época
e do futuro. A eleição recente de
Jean Guehenno, para a qual traba-
lhei (e creio que decisivamente)
assinale esse rumo. E é, também,
o rumo de Jean Rostand, de Coc-
teau, de Marcel Achard. Mantenho
uma posição que se me afigura a
mais justa: não exagero o valor da
Academia, mas também não a
subestimo. Demais, neste velho de-
bate de académicos e antiacadé-
micos, vejo a permanência de uma
outra realidade mais vasta: o que
há de terrível no ofício de escritor.
Nada está ganho seguramente, em
nenhum momento, para o homem
de letras. Pode-se vender muitos li-
vros, ser muito traduzido, conqui-
star até o Prémio Nobel — e per-
guntar cada um a si mesmo, no
fundo da consciência, o que ficará
da sua obra passados cinquenta
anos... Só o facto de pertencermos
á família universal dos escritores
representa uma conquista certa so-
bre o destino, no instante em que
vivemos».

Era tempo de fechar a demorada
entrevista. O sol primaveril ilumi-
nava e aquecia as ruas claras. An-
dré Chamson respirou mais funda-
mente, olhou á volta as fachadas
de cores vivas e murmurou num
sorriso pensativo: «Está-se bem,
em Lisboa...». E num passo desem-
barçado, de sexagenário jovem, se-
guiu o seu caminho, lembrando
talvez a luz cristalina da sua ve-
lha pátria provençal.

ANDRÉ CHAMSON

DESTE ILUSTRE
ROMANCISTA
ESTÁ O
INTEGRADOS
NA COLEÇÃO
«MINIATURA»
OS ROMANCES:

- A ÚLTIMA ALDEIA
- ADELINÉ VÉNICIAN
- O CRIME DOS JUSTOS

EDIÇÕES LIVROS DO BRASIL
LISBOA
A VENDA NAS LIVRARIAS

À PORTA DA LIVRARIA

A PRINCESA DO CÉU

A escritora Odette de Saint-Maurice prepara-se para publicar mais uma obra. Continua fiel á literatura infantil. Deverá aparecer, no mês de Dezembro próximo, a «Princesa do Céu», profusamente ilustrada, de modo a tornar ainda mais atraente o conto aos seus pequenos leitores. A edição é da Livraria Atlântida, de Coimbra.

fante do Carmo. A edição é de «Livros do Brasil».

DYLAN THOMAS

Dylan Thomas foi apresentado ao público leitor português através da edição da sua obra mais importante: «Retrato do Artista Quando Jovem Cão». A tradução é da autoria de Alfredo Margarido, publicada na colecção «Dois Mundos» da editorial «Livros do Brasil».

PRÉMIO GONCOURT EM 1961

Após ter publicado o livro «Deus Nasceu no Exílio», de Vintila Horia, Prémio Goncourt de 1960, a Livraria Clássica Editora pôs á venda, com prefácio de João Falcato, e numa magnífica apresentação, a edição portuguesa do Prémio Goncourt de 1961, sob o título «A Misericórdia de Deus», de Jean Cau. Trata-se, sem du-

NOVA POESIA BRASILEIRA

O Serviço de Propaganda e Expansão Comercial da Embaixada do Brasil em Lisboa editou um pequeno caderno com alguns exemplos de «poesia concreta», que será enviada às pessoas que especial-mente o solicitarem. Neste volumezinho dedicado a uma das formas mais discuti-
da de poesia, figu-

sica de Platão, «Fédon», traduzida do grego pelo rev. Dias Palmeira e precedida de uma notícia histórico-filosófica pelo prof. Joaquim de Carvalho.

A obra anteriormente publicada nesta colecção foi o «Utilitarismo», de John Stuart Mill, tradução de Eduardo Rogado Dias e prefácio do prof. Vieira de Almeida.

A edição é da Atlântida.

«FRANCIS BURTON»

É uma figura estranha a de «sir» Richard Francis Burton, que foi militar, explorador e escritor. Disfarçado de mouro esteve no tumulto de Maomé. Á África consagrou anos da sua vida aventureira. Morreu em Trieste, em 1890. Para Portugal, Francis Burton é, sobretudo, um dos tradutores ingleses dos «Lusiadas». Na opinião de muitos, é a melhor tradução do poema de Camões. Sobre «Francis Burton, tradutor dos «Lusiadas», apresentou a sua tese de licenciatura na Faculdade de Letras de Lisboa a dr.ª D. Maria Helena Rodrigues de Carvalho. Esse trabalho de investigação e crítica literária, que mereceu os elogios do jur. revisto pela autora, vai ser em breve publicado.

«INTRODUÇÃO À ARQUEOLOGIA»

Na colecção Saber, das Edições Europa-América, vai aparecer o livro «Introdução à Arqueologia», do prof. V. Gordon Childe, antigo director do Departamento de Arqueologia da Universidade de Londres. Neste livro explica-nos o valor da disciplina científica a que se dedicou e indica as bases essenciais dos estudos arqueológicos, os métodos de investigação, os critérios de interpretação e de classificação adoptados na arqueologia. O leitor fica a saber como a partir de uma descoberta fragmentária ou de dados elementares é possível reconstruir a vida quotidiana dos nossos remotos antepassados. Na mesma colecção já foi publicado o livro do mesmo autor «A Pré-História da Sociedade Europeia».



A capa do livro de Jean Cau

vida, de um romance de alto valor literário, que a tradutora soube respeitar através de um trabalho excepcionalmente cuidado.

ram trabalhos dos irmãos Campos, Dácio Pignatari, Cassiano Ricardo, Manuel Bandeira, José Lino Grünwald, Ronaldo de Azeredo e Pedro Xisto.

«METAMORFOSE»

«Metamorfose», de Franz Kafka, das obras mais importantes deste reputado escritor, foi agora publicada em língua portuguesa, numa edição elegantemente ilustrada com extratextos por In-

BIBLIOTECA FILOSÓFICA

Na «Biblioteca Filosófica», que foi fundada pelo prof. Joaquim de Carvalho e é hoje dirigida pelo prof. Sílvia Lima, vai aparecer em 3.ª edição a obra clás-

APARATE

de 1962] Numero de páginas — 102. Preço — 15\$00.

Autore estrangeiros

Título — «A Misericórdia de Deus».

Autor — Jean Cau.

Tradutora — Angela Martha.

Editora — Livraria Clássica Editora — Lisboa.

Colecção — Col. Orbe. n.º 20.

Numero de páginas — 365.

Preço — 45\$00.

Título — «Cozinha de Urgência».

Autoras — Henriette Chandet e Suzanne Desternes.

Tradutora — Maria Helena da Costa Dias.

Editora — Portugal Editora — Lisboa.

Colecção — Col. O Livro de Bolso. n.º 29/30.

Numero de páginas — 198.

Preço — 25\$00.

Título — «O Declínio da Idade Média».

Autor — Johan Huizinga.

Tradutor — Augusto Abelaira.

Editora — Editora Ulisseia — Lisboa.

Colecção — Col. Livros Pelicano, HL 4.

Numero de páginas — 367.

Preço — 25\$00.

2 NOVIDADES COLEÇÃO IDEIA NOVA

ELOGIO DA FILOSOFIA

Um livro chave do filósofo existencialista

M. MERLEAU-PONTY

17\$50

*

ERRO PRÓPRIO

Parte importante da obra ensaística de

A. MARIA LISBOA

um fundador do surrealismo português

17\$50

GUIMARÃES EDITORES

Novos.

KAFKA

METAMORFOSE

COM ILUSTRAÇÕES DE
INFANTE DO CARMO
EDIÇÃO LIVROS DO BRASIL
30\$00

Foi Filipe IV amigo de Velázquez?

(Continuação da 17.ª página)

escrever, adivinhemos alguns dos fundamentos da dúvida de ter sido Filipe IV amigo de Velázquez. Não concluímos isso daquele despacho, pois nem sabemos se chegou a ser lavrado. Inferimo-lo doutros documentos e factos assaz significativos. Admitida a existência do despacho, interpretámo-lo com lógica e a luz desses factos e documentos. Embora ele não exista, existem estes.

O rei não seria inimigo nem teria antipatia pelo artista; mas seu amigo verdadeiro não o foi. Não o poderia ser. Essa casta de gente não é amiga de quem a serve. Nem sequer foi um amo zeloso em poupar fadigas ao seu servidor. Se o fosse, tê-lo-ia desobrigado das mesquinhas tarefas de funcionário público, embora lhe desse os títulos e as rendas a elas inerentes. Acusava-o de indolente, mas dava-lhe trabalho dobrado: ora a pintá-lo e a família toda, ora a dirigir as obras e até a contar carradas de lenha destinadas aos fogões dos palácios reais.

A pedido do seu valido Olivares, o rei nomeou Velázquez pintor da real camara, em 6 de Outubro de 1623, com vinte ducados por mês. Era pouco, para o artista se manter e a família. Tão pouco que, passados pouco mais de três anos, já provados os seus méritos como pintor, Velázquez requereu, e obteve, o lugar de porteiro de camara, cujos honorários eram de menos de dez ducados por mês. Cargo e vencimento eram modestísimos, mas Velázquez precisava de acumular para poder viver. Se o rei fosse seu amigo, tê-lo-ia libertado das baixas tarefas de «ayuda de camera» — que cumpria com zelo — para poder consagrar-se, totalmente, à sua arte.

O primeiro a estranhar esse procedimento do rei foi o mais antigo biógrafo de Velázquez, Palomino, que lamentou não se ter portado Filipe IV com o seu pintor como Carlos II fez com Luca Giordano a quem concedeu cargos no palácio e a «llave de furriera, pero reservándole de lo oneroso de servirlo».

Acrescentou, embora em tom assaz sibilino, que proceder de outra forma, «en los hombres de profe-

A «Pequena Volta ao Mundo» do tenente Lino de Sousa Dias

O sr. tenente Lino de Sousa Dias, que durante seis anos foi ajudante de campo do diversos generais em Santa Margarida e Tomar, exerce, actualmente, a sua actividade no Lar Académico dos Filhos dos Oficiais do Exército, em Oeiras. Em 1954, deu a volta ao Mundo em 80 dias, viajando de avião. As suas interessantes crónicas foram publicadas, durante o decurso dessa emocionante viagem, no «Diário de Lisboa». Hoje, às 22 e 20, o sr. tenente Sousa Dias é entrevistado pela Emissora Nacional (Lisboa 2) e, na próxima segunda-feira, às 10 e 30 (Lisboa 1), no programa «Horizonte semanal de Artes e Letras», com o título «Pequena Volta ao Mundo».

Linha de CASCAIS

Uma conferência de dr. Burity da Silva

O deputado por Angola Jr. António Burity da Silva, profere hoje, às 22 horas, no salão nobre dos Paços do Concelho de Oeiras, uma conferência, integrada na série de palestras patrocinada por aquele Município, sob o tema «O problema português no mundo actual».

Cinemas

ALGÉS — Stadium — A's 21: «Assim se fazem toureiros» e «Foice em seara verde» (17 anos).

PAREDE — Royal-Cine — A's 21: «A quadrilha do cara cortado» e «A verdade acerca das mulheres» (17 anos).

OEIRAS — Oeiras Cine — As, 21: «Os inocentes» (17 anos).

ESTORIL — Casino — A's 17 e às 21 e 30: «Aqui só cabem os bravos» (12 e 17 anos).

CASCAIS — S. José — A's 21 e

sión, es defraudar con el premio el mérito, porque si este se fundó en el ejercicio de su facultad, mal podrá continuarse quien no tiene ocasión de ejercerla».

Outro biógrafo do pintor, Cruzada Villamil, escreveu: «A verdade é que para a corte de Filipe IV, Diego de Silva y Velázquez não foi mais do que um criado do rei que pintava quadros, e para muito poucos foi, e isto nos últimos dias da sua vida, um grande pintor que era criado do rei». O amo tratava esse «criado» como os maus patrões tratam quem os serve. Além de lhe exigir redobrado trabalho e de lhe pagar pouco, tarde e a más horas, não o salvaguardava das picuinhas da burocracia. Demonstra-o o seguinte episódio, por sinal abundantemente documentado.

A 9 de Junho de 1643, o rei encarregou Velázquez de, sob as ordens do marquês de Malpica, assistir à superintendência das obras particulares que lhe indicaria, com o vencimento de sessenta ducados por mês. Uma dessas obras foi a da Galeria do Sul do paço. O arquitecto, ou «maestro mayor», das obras era Juan Gómez de Mora que, certamente despeitado com tal superintendência, se queixou ao marquês de Malpica, em 13 de Março de 1645, nestes termos: «Juan Gómez de Mora diz acerca da obra da Galeria do Sul, que ficou a cargo de Diego Velázquez, que se achou estar diferente do que se pensou, por cuja causa não ficará tão forte e prejudicará o resto da obra».

O marquês de Malpica interrogou Velázquez a esse respeito e o pintor respondeu que «daria conta» ao rei. O marquês, no dia seguinte, transmitiu ao monarca, por escrito, a queixa de Mora, a sua intervenção, a resposta de Velázquez e o seu próprio pedido de serem dadas instruções acerca do que deveria fazer «en cuanto a Velázquez, pués sabiendolo, excusaré debatir con él, que es lo que siempre he deseado rehusar, y lo conseguiré por este camino, y serviendose V.M. de que él sepa su resolución para que en todo se pueda acudir a su mayor servicio».

O rei, habitualmente lacónico nos seus despachos, exarou este pelo seu punho no papel enviado pelo marquês: «Diego Velázquez os es subdito, y así os obedecerá en todo y en lo que toca a esta orden de la alcoba se podrá hacer en la conformidad que estuviere ajustado con Pedro de la Peña». O marquês de Malpica, apesar de ter Velázquez como «subdito» e de este dever obedecer-lhe em tudo, não conseguia que o artista fosse pago pelas suas tarefas de superintendente de obras, como o demonstra uma queixa do pintor ao rei, datada de 17 de Maio de 1647.

O pintor fora nomeado «contador y vedor» de «la fabrica de la pieza ochavada que he mandado labrar sobre la escalera nueva del Alcázar». Na sua queixa, dizia Velázquez deverem-lhe os seus vencimentos desde «San Juan de 1645 hasta hoy» (cerca de dois anos!) e acrescentava: «y habiendo acudido al marquês de Malpica, que tiene orden de V.M. para hacerle pagar e al Vedor Bartolomé Legasca, no ha podido conseguir justicia». Esta era, aliás, bastante injusta, pois o fisco levava ao pintor cinco sétimos dos seus honorários e assim os ses-

enta ducados mensais nem chegavam a vinte, se lhos pagassem.

Além de amo de más pagas, o rei era exigente com o seu criado. Quando da segunda viagem do pintor a Itália, o rei fez diligências para evitar que prolongasse a visita. Ainda segundo Justi, «Filipe IV insistiu, em cinco cartas ao seu embaixador, o duque do Infantado, entre 17 de Fevereiro de 1650 e 27 do mesmo mês de 1651, para que (Velázquez) apressasse o seu regresso com alusões á notória indolência do pintor». Numa dessas cartas, citada num recente trabalho de Paulino Garagorri, dizia o rei: «He visto vuestra carta de 6 de noviembre del año pasado, en que me dais cuenta de lo que iba obrando Velázquez en lo que tiene a su cuidado, y pues conocéis su pluma, es bien que procuréis no la ejecute en la detención en esa corte, sino que adelante la conclusión de la obra y su pertenencia cuando for posible, y de manera que para ultimos de mayo ó principios de junio pueda hacer su pasaje a estes reinos...».

A «flem» de Velázquez era proverbial na família dos Austrias. O infante Fernando, irmão do rei, escreveu a este, de Bruxelas, a 6 de Maio de 1639, a agradecer-lhe o envio do retrato do príncipe Baltazar-Carlos e acrescentou: «El mio está ya acabado, pero los pintores deste país son más flemáticos que el Sr. Velázquez, y así dudo mucho pueda llevarle este ordinario, porque ha pedido quince dias de término para vestirle». A té o embaixador do duque de Modena em Madrid, Fulvio Testi, se permitia dizer, acerca do trabalho confiado pelo seu amo a Velázquez, que a obra «será mirabil», acrescentando depreciativamente: «Ha pero egli ancor il difetto degli altre valenthuomini, cioè è di non finirla mai...».

Esqueciam, ou ignoravam, esses senhores que viviam na ociosidade, precisar o artista de repouso, duma inactividade aparente, enquanto cria no seu íntimo as obras de génio. Estas só são um trabalho bráçal, às vezes rápido, depois dum longo período de gestação. A «flem» de Velázquez era o pensamento a gerar o que os pincéis depois realizariam quase mecanicamente. Pode, porém, ser exigido a um pobre-diabo de rei, príncipe ou embaixador que saiba como o génio se torna forma, luz, cor? Seria exigir muito a essas medíocres mentalidades, quando outros que não padecem das taras dessas castas se recusam a admitir que a aparente ociosidade do artista é fecunda.

Para terminar, mais um argumento contra a pretensa amizade de Filipe IV pelo pintor da sua camara: Velázquez pretendeu efectuar terceira viagem á Itália. Foi em 1657. Já tinha dado á Espanha e á arte as obras-primas que são o orgulho duma e a glória da outra. Depois da obra assombrosa de «Las Meninas», executara «Las hilanderas» nesse ano. Não havia de pintar mais nada do mesmo vulto. Tinha 58 anos. Só viveria mais dois: Merecia umas férias, se não a reforma com todas as honras e o máximo de proventos. O rei, porém, o tal seu «amigo», não o autorizou a partir.

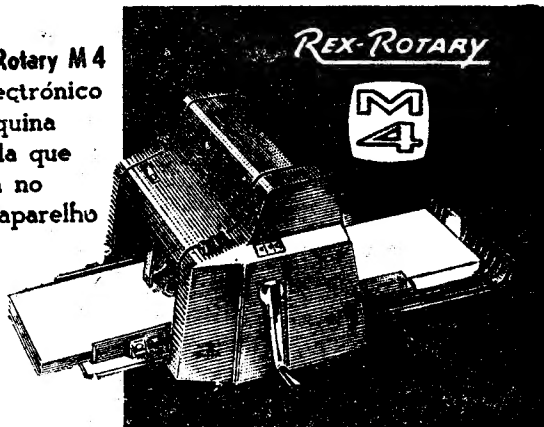
Poucos biógrafos do artista mencionam isso; mas o já citado Palomino anotou-o nos seguintes termos: «No ano de 1657, quis Diego Velázquez voltar a Itália, e o rei não lho permitiu pela demora da vez passada». Mais nada; mas é o bastante. A demora da vez passada não esquecera ao patrão exigente. Tinham boa memória os Austrias, mas não a deixaram. E' sabido em que fontes foi Palomino colher dados para a biografia de Velázquez. Uma dessas fontes foi o relato feito por um dos discípulos do pintor. Só poderia ter recebido a revelação do próprio mestre. A nota, sem comentários, seria o eco da queixa do artista. Mais: seria o desmentido da pretensa amizade do rei, feito por aquele que fora, além de criado, seu amigo verdadeiro.

Cremos estes dados bastantes para basear a nossa dúvida. O prof. Varêla Aldemira dirá se são suficientes. Não a formulámos só com fundamento no pretenso despacho que Justi disse ter visto no Arquivo de Simancas. A história não é feita só com documentos, mas também com ilacções. De todo o procedimento do rei com o seu pintor deduzimos que não era seu amigo verdadeiro. Os textos citados reforçam essa convicção. Não pretendemos, no enalço doutros biógrafos de Velázquez, fazer o panegírico de Filipe IV. Nem sequer tentámos fazer o do pintor. Limitámo-nos a apontar obras e feitos. Estes falam por si e ante a sua eloquência não há lendas nem cortesanias que valham.

JAIME BRASIL

Uma Nova Técnica de impressão para escritórios

O duplicador Rex-Rotary M4 usando stencil electrónico representa a máquina mais aperfeiçoada que hoje se encontra no mercado. É um aparelho indispensável em qualquer escritório moderno de movimento



O stencil electrónico gravado no aparelho Electro-Rex revolucionou a técnica do duplicador.

PEÇA-NOS UMA DEMONSTRAÇÃO SEM QUALQUER COMPROMISSO NO SEU PRÓPRIO ESCRITÓRIO

ELECTRO-REX

TEMOS AO VOSSO DISPÔR ESTAÇÕES DE SERVIÇO PARA STENCIL ELECTRÓNICO EM LISBOA E PORTO QUE RÁPIDAMENTE EXECUTARÃO O STENCIL DESEJADO

Distribuidoras:

Sociedade de Representações M. Simões Jr. Lda.

Rua da Prata 68, Telef. 31545-LISBOA

Rua de Santo António, 208-Telef. 25582-PORTO

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

Autos de aluguer s/ condutor

AUTOMÓVEIS AMOREIRAS

Ricos carros a ópt. preços. Volkswagen, Taunus 17 M Super, Rekord, Kapitán, Chevrolet, etc. Avenida João Crisóstomo, 89-A. Telefones 50060 e 51047 (Junto á antiga Feira Popular).



Peligom COLA TUDO

Como: madeira, tecido, cartão, couro, celoloides, metal, porcelana, plásticos, vidro, papel e fotografias.

À VENDA EM TODAS AS PAPELARIAS

JOGADA MORTAL

por CARL G. HODGES



FOLHETIM SEMANAL DO
Diário de Lisboa

16

RESUMO DOS CAPITULOS ANTERIORES — O dr. Guthrie é sovado por Slater, um tirano que impera, pela força e crime, numa pequena cidade mineira americana. Chega ali um homem, Haymaker, que tenta opor-se-lhe e é, também, agredido selvaticamente. A filha do dr. Guthrie conta ao forasteiro o que se passa na terra. Haymaker descobre as trapagens de Slater e resolve iniciar uma luta de morte contra o «duro» da cidade. Resolve deitar fogo ao seu armazém, para o provocar.

CAPÍTULO IV

Shad Haymaker recuou para a sombra e puxou do revólver. Encostou-se à parede dos fundos da loja de Slater. Ainda pensou em arrombar a porta de serviço, mas lembrou-se que isso trairia a sua presença, deixando-o encurralado dentro do edifício e fazendo de si um alvo fácil para a população irritada.

Deslizou ao longo da parede e atingiu uma viela estreita entre a loja e o edifício contíguo. Nesse momento, ouviu alguém pronunciar baixinho o seu nome.

— «Mr.» Haymaker!

Meteu pela viela que tinha a largura suficiente para dar passagem a uma pessoa. A voz murmurou:

— Sou eu, Mary Jane! Depressa! Os homens de Slater matam-no se lhe põem a vista em cima. Shad segurou a mão estendida para si e deixou-se levar pela viela, em direcção à rua. Chegaram às traseiras de uma tenda, entraram e Haymaker pôde ver que ela trazia um casaco comprido de lã sobre a camisa de dormir. Uma vez

17

dentro da tenda, a rapariga subiu a mecha de uma lanterna colocada sobre um caixote. Apon-
tando, então, para um catre.

— Depressa! Meta-se ali debaixo.

O rapaz voltou a guardar o revólver.

— Obrigado por me ter salvo a vida. Saberei defender-me — e sorriu para Mary.

A jovem apanhou a espingarda de uma prateleira e, depois, pareceu pensar melhor.

— Acho que o melhor será você sair daqui. Aquela gente acabará por compreender que não saiu por qualquer das bocas da travessa e que esta viela é o único caminho possível para a rua.

Nesse momento, a voz de um homem gritou a confirmação dos seus receios.

— Ele deve ter fugido por aqui!

O tropel de passos foi-se aproximando. De revólver em punho, Shad atirou-se ao chão e rebolou para debaixo do catre.

Homens surgiram à entrada da tenda e um deles gritou:

— Vamos revistar isto aqui. É a tenda de Guthrie.

E logo um indivíduo de barbas negras e a cabeça coberta por um barrete de pele sorriu abertamente ao pousar os olhos na figura de Mary Jane.

— Temos de revistar a tenda, menina. Temos que procurar um tipo incendiário.

A jovem aproximou-se da espingarda.

— Acaba de passar por aqui um homem. Foi ele quem me acordou.

— Quando?

— Há coisa de um minuto. Por isso acendi a lanterna.

— Sim? — Semicerrou os olhos e esboçou um sorriso escarninho. — Pois peixe-o ir, minha menina. E se bebêssemos um trago? Você e eu bem podíamos festejar juntos a passagem do ano.

Em resposta, Mary Jane ergueu a espingarda e apontou-lha à barriga.

— Está bem. E eu fornecerei o fogo de artifício.

— Escute uma coisa, menina... — gaguejou o mineiro.

18

Mary Jane fez um gesto ameaçador, com a espingarda.

— Contarei até três, já sabe.

— Não atire, menina! — exclamou o homem barbudo, recuando precipitadamente. Depois, virou costas e apressou-se a esgueirar-se da tenda para fora. Mary Jane baixou o cano da arma e, nesse momento, o mineiro virou-se para trás e saltou sobre a rapariga, agarrou-a pela cintura com as duas mãos. A jovem procurou resistir-lhe e deixou cair a espingarda, soltando um grito agudo.

Ainda sob o catre, Haymaker estendeu o braço e desferiu a coronha do revólver sobre um pé do mineiro. O intruso soltou um uivo de surpresa e de dor e largou a rapariga. Ergueu o pé para esfregar a parte dorida e Haymaker aproveitou a oportunidade para lhe segurar o outro pé e puxar-lho com força. Perdido o equilíbrio, o mineiro esparramou-se no chão e, atabalhoadamente, tentou sacar do revólver. Mas antes que o tirasse do coldre, Haymaker desferiu a coronha do seu no crânio do homem. O mineiro soltou um gemido surdo e ficou imóvel.

Haymaker emergiu do catre, rasgou um lençol em tiras e ligou e amordaçou o homem desmaiado. Seguidamente, empurrou-o para debaixo do catre.

— Mantenha-o aí, Mary Jane.

A jovem sorriu.

— Está bem. Tenha cuidado consigo.

Haymaker retribuiu-lhe o sorriso e saiu da tenda.

Na selvagem e arruaceira cidade de Kingston, ainda não havia igreja de Deus para fazer repicar os sinos anunciando o advento do Novo Ano. Mas no momento em que o antigo relógio por trás do balcão do «bar» de «Kingston Saloon» bateu as doze badaladas, mineiros aos berros e aos tiros saíram para a rua. Era este o sinal aguardado pelas almas mais tímidas que se encontravam nas tendas miseráveis que se alinhavam ao longo da rua principal. Vozes enrouquecidas encheram a rua de berros e uivos, enquanto os revólveres

19

de seis tiros cuspiam chumbo inofensivo para o céu.

— Feliz Ano Novo! Feliz Ano Novo!

Imóvel nas sombras, um quarteirão abaixo do vozeiro agrupado à entrada do «Kingston Saloon», Shad Haymaker vigiava a Repartição de Registo de Propriedades e quando o agente da noite saiu a correr, de revólver em punho, para se reunir à população que dava largas ao seu entusiasmo, Haymaker atravessou a rua e entrou sorrateiro no escritório. Abriu o livro de registos, colocado sobre o balcão e folheou-o rapidamente até encontrar a página onde fora feita a última entrada. Na linha seguinte, inscreveu o nome de «Águia Azul» e a sua localização aproximada. Nas costas da linha inscreveu o seu nome completo, Shad Harvey Haymaker. De um bloco de impressos, preencheu um certificado de título de propriedade e, com um carimbo da assinatura de Buck Slater, legalizou-o.

Saiu da Repartição e aguardou na sombra uns minutos. Depois, esgueirou-se ao longo do passeio ao encontro dos mineiros barulhentos, que se dirigiam novamente para o «Kingston Saloon». Parou em frente a uma das janelas e espreitou para o interior do «bar». Desabotoou o capote; afagou os dois revólveres que lhe pendiam nos coldres surrados, empurrou a porta com o braço e entrou.

Avançou por entre a horda de mineiros que se alinhavam ao balcão, onde Pretty Sam e mais cinco ajudantes faziam deslizar os copos ao longo do tempo encerado. Insinuou-se por entre as mesas que pejavam o salão.

Viu, então, o rosto demoníaco de Buck Slater e ocorreu-lhe o aviso que recebera de se pôr a mexer de Kingston. Como um rei a receber a corte, assim se sentava Slater á enorme mesa do «poker». Greg Patton, o distraído empregado que deixara a porta da Repartição aberta, estava sentado á sua direita, e o dr. Guthrie á sua esquerda. Dois homens, também sentados á mesa, não pôde ele reconhecer porque estavam de costas voltadas para si. Avançou lentamente em direcção á mesa.

20

De subito, parou e virou-se para a porta, pois um grito agudo cortara subitamente a noite e o vozeiro da sala.

Passos soaram no passeio lá fora e a porta abriu-se de rompante. Um homem a cambalear, ofegante e sem chapéu mergulhou no «bar». Era Danny McGuire.

Haymaker avançou na sua direcção, com as mãos nas coronhas dos dois revólveres.

— McGuire! Que aconteceu?

McGuire fitou o rapaz e, compreendendo que todos os olhares estavam voltados para si, tentou dominar-se.

— É o demo que vem aí atrás de mim. Cornos e tudo!

Uma risada geral acolheu aquelas palavras. Haymaker segurou o homem pela gola e sacudiu-o com violência.

— Está bêbedo!

McGuire estivera talvez embriagado, mas encontrava-se sóbrio.

— O demo! Cornos e tudo! Perseguiu-me todo o caminho desde as terras da «Águia Azul». Preenchi o aviso de concessão como você me disse. Depois sentei-me a descansar um ou dois minutos, para fazer uma soneca. Ao levantar-me, tropecei nas rochas e quando levantei a cabeça, dei de cara com o rosto do demónio!

Desenvencilhou-se das mãos de Haymaker, quando passos leves correram no passeio lá fora e de novo o pavor se apossou dele.

— Aí vem ele atrás de mim!

A porta do salão abriu-se e pela fresta surgiu uma cara demoníaca de orelhas enormes e um brilho sinistro nos olhos raiados de sangue.

McGuire escancarou a boca e tombou sem sentidos.

(Continua)

TEM CARRO?
TEM PRÉDIO?

ENTÃO TEM DINHEIRO!

Visite a

ORCOSI

R. 1.º Dez. 45, 3.º — T. 367444
A FIRMA QUE RESOLVE OS
SEUS PROBLEMAS FINAN-
CEIROS NAS MELHORES
CONDIÇÕES, RAPIDEZ
E SIGILO

COVILHÃ

E A

SERRA DA ESTRELA

em qualquer época do ano, quer neve,
quer faça sol, utilizando o bilhete tu-
rístico «FÉRIAS SOLNEVE».

Informe-se e compre o seu bilhete,
em Lisboa, nos Despachos Centrais do
Caminho de Ferro e nas Agências de
Viagens autorizadas.

— PEÇA FOLHETO DESCRITIVO —

MONRO-MATIC
UM PRODUCTO
MONROE

O único
AMORTECEDOR
com ajustamento
automático para todos os
tipos de estradas e cargas

REPRESENTANTE EXCLUSIVO:
AUTO-LUSITANIA
AVENIDA DA LIBerdade, 73-75
LISBOA

PARA PROTEGER A VELHICE
HYPERSEX
COMPLEXO FOSFO-GLANDULAR HIPERTÓNICO

Esgotamentos nervosos, inapetência e astenias da idade senil, etc.

Propaganda (grátis) da FAL — Apartado 2.142 — LISBOA

Não vá de foguete
ó seu diabrete
se medo lhe meta
montar tal foguete.
Porque não reflecte
como lhe compete?
Verá que promete
dar-lhe mais saínete
comprar um bilhete
e ir no "Foguete".

**TRANSPORTE DE MERCADO-
RIAS ENTRE LISBOA E PARIS
EM VAGÕES DE EIXOS IN-
TERMUDÁVEIS**

Estão a chegar a Lisboa e ao Por-
to vagões de eixos intermutáveis
expedidos de Paris com mercado-
rias despachadas em regime de gru-
pagens.

Este serviço, do maior interesse
para o comércio e indústria, entrou
em execução regular no sentido
França-Portugal, e vai agora reali-
zar-se também no sentido inverso,
abrindo novas perspectivas á nossa
exportação de pequenas remessas
para a quele país.

LIVROS E AUTORES

COMENTÁRIOS DE ALVARO SALEMA

«Matai-vos uns aos outros»

por Jorge Reis

Há sempre algo de sensacional na revelação súbita de um novelista de garra, não apenas virtual nas suas promessas, mas logo afirmado como criador de mérito evidente no primeiro livro dado a público. Não é a ficção em prosa um género que dispense a demorada incubação e que consista os milagres do génio repentista. Ante o romance, ou alongada novela, que Jorge Reis acaba de publicar, sob o lábaro de uma «apresentação» cativante de Mestre Aquilino Ribeiro a justificação que logo se impõe é a de uma enérgica inteligência de autor. Ainda jovem, mas vivendo há largos e forçados anos em Paris, Jorge Reis não quis ser um estreante de tentativas medíocres mas de obra amadurecida pela experiência e pela cultura. Conseguiu-o quase integralmente. «Matai-vos uns aos outros» é um livro de realismo sólido, traçando ambientes e caracteres, paisagem e diálogo com a trabalhada naturalidade da observação bem construída e com o estilo cheio e nítido que enfileira na melhor tradição dos nossos prosadores modernos.

Em torno da hipótese de um crime em pequeno burgo provinciano, embrenhado de almas mesquinhas, de ambições e invejas triviais, de intrigas e pecadilhos, e também de alguns bons sentimentos e de justas mas recalcadas indignações, levantou o autor uma história magistralmente articulada que se lê de ponta a ponta com interesse incessante e até com certo sabor de *suspense* que alicia. As figuras são muito sóbrias e firmemente desenhadas; a cadência do diálogo alimenta-se de expressividade pronta que ressaltava os temperamentos e os ocultos motivos interiores; e um gosto cáldo e saboroso da forma, com permanentemente unidades, elegância e medida exacta, envolve toda a narrativa num emoldurado de autêntica literatura. Há o vivo ressaibo do estilo aquilinoiano, sem tão acentuado personalismo vocabular, nesta prosa quente, matizada, por vezes de populismo depurado, com que Jorge Reis conduz o leitor através da sua crónica provinciana de tão forte pitoresco. É curioso, entre tantas coisas mais, como o autor, vivendo exilado há alguns anos, preservou na sua arte literária um portuguêsismo profundo que o associa como narrador à melhor tradição nacional no género.

Nem tudo é exemplar, decerto, no livro inicial de uma carreira que se anuncia tão promissora. São frequentes e até insólitos certos desequilíbrios de composição (monólogos interiores que não se ajustam à estrutura narrativa, excessos de exploração literária de circunstâncias marginais, cenas ou diálogos que não interessam, por forma demasiado flagrante, ao andamento novelístico); mas o conjunto resulta de excepcional riqueza e maturidade e, como assinala Mestre Aquilino, «poesia, ansia, simpatia humana, revolta, horizonte movediço, visão apreensiva do real, expressão nervosa, enflora como um jardim as trezentas páginas do livro». Um bom novelista, deixando antever um romancista poderoso, acaba de nascer para as letras portuguesas.

Na «apresentação», traçou Aquilino Ribeiro mais um dos seus soberbos frescos de prosador sem paralelo. A evocação da juventude parisiense é cintilante, calorosa, sugestiva, como as mais belas criações da sua pena. E é com justiça de inspirador percuciente que aponta a Jorge Reis o futuro, «essa estrelada riqueza em potência que vai até ao fim deste mau século e princípio dum mundo ruidoso».

(Editorial Prelo, distribuidores Livros Horizonte, Lisboa).

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto.

ANIBAL - Gravador

Rua Nova do Almada, 64 - LISBOA
A casa que melhor trabalha



Faure da Rosa

«Escalada»

por Faure da Rosa

Com trinta anos de experiência ficcionista na novela e no conto e cinco romances publicados em que a crítica reconheceu justamente o analista dos sentimentos que as situações sociais determinam, Faure da Rosa está no inteiro domínio do seu processo de escritor. Em «Escalada», romance de conflito moral e de contrastes tipológicos, estão logo evidentes desde as primeiras páginas a experiência e a mestria do construtor romanesco. O livro assinala um adensamento na análise dos motivos psico-sociais que conduziu o autor bastante além das suas obras precedentes e o situa num plano muito pessoal entre os seus contemporâneos, embora na linha de uma geração que deu à literatura portuguesa figuras como as de Branquinho da Fonseca e de José Régio e Vitorino Nemésio romancistas.

Não é rico nem de estuante brilho o estilo de Faure da Rosa. O que o caracteriza é antes a densidade expressiva, na persistência com que insere a análise dos sentimentos e das reacções íntimas, traduzidas em comportamento, na cadeia das situações. E todas estas são deliberadamente significativas, provocadas — com frequência até ao excesso intencional. A introspecção é tão minuciosa e precisa que chega a confundir o diálogo com a análise voluntária do autor sobre as suas personagens. Assim edifica trabalhadamente o romancista um mundo inquieto, vibrátil, refinadamente sensível, em que os membros de uma família desvendam os seus antagonismos, atracções e repulsas, recalcamentos e recordações até desencadearem dramas pela sua simples aproximação. As diversidades temperamentais, ainda mais do que o dinheiro — e embora este desempenhe, balzaquianamente, papel fundamental na narrativa e nos conflitos que por ela se encadeiam — são a força galvanizadora de um longo debate familiar em que se sucedem as situações tensas sem desfecho.

O processo é complexo e acentua, sobretudo, um laborioso e sempre insatisfeito intelectualismo na sua feição analítica. Por isso mesmo a teia da narrativa é demasiado enredada, algumas vezes espessa. As paixões desenrolam-se no livro em teia de aranha de miúdos fios, bem sustentados reciprocamente mas deixando no leitor um sentido de geometrização fatigante. Faure da Rosa ganharia muito, como romancista que se dirige a um público, se empenhasse no seu trabalho criador maior esforço de limpidez, de clareza e de simplicidade. Porque, manifestamente, é a clarificação que aspira no seu delineamento exaustivo de personagens — mas através de uma complexidade de processo que vem a dominar decisivamente a narração. A monotonia roça de perto, muitas vezes, esta manipulação ficcionista inteligente. Em «Escalada» deixa Faure da Rosa o testemunho de um genuíno romancista que não deixará de construir-se

progressivamente — até por ser uma personagem essencial e nunca desligada na sua criação. (Coleção contemporânea, Portugália Editora, Lisboa).

«Sal»

poemas por António Luís Moita

Discreto poeta com três livros publicados — «Rumor» em 1951, «Teoria do Girassol», em 1956, e «Sal», agora vindo a lume — António Luís Moita não deixou de ser, por isso, uma das vozes mais expressivas do lirismo português contemporâneo. Surgiu para o inquieto mundo literário juvenil com a revista «Távola Redonda» e o movimento renovador que se revelou com ela. Reapareceu na revista «Árvore», assinalando uma tendência mais europeizante e menos especulativamente formalista do que a maioria dos seus companheiros de jornada. Com o livro agora editado define o poeta a continuidade da sua evolução para um testemunho lírico de comunicação humana sempre mais larga e compartilhada. É com sugestionadora maturidade formal que esse caminho plenamente atualizado se afirma, não só em belos ritmos como em clara e tónica aliança de inteligência e de sensibilidade.

Os motivos determinantes da poesia de António Luís Moita são agora bem precisos. Não é já o incerto «rumor» de há dez anos, em que não queria ouvir falar, sequer, da «fonte da torrente» na sua lúcida localização. É «junto da terra verde», onde «o respirar do mundo é mais intenso» e se ouve quem sofre, que o poeta se situa, agitando «como um archoote um vivo fogo ao vento». E nesse varonil estado de consciência que poetiza a dor, a amargura dos malogros, a estreiteza das vidas uniformes, a ironia das convenções, a força torpe do dinhei-



António Luís Moita

ro — e também a missão perene dos poetas: «Foi para resistir que fomos feitos / para dizer que não ao desespero / da hora em que nascemos, imperfeitos».

Liberto da «jonglerie», da insinceridade e do espectrismo formal que a influência avassaladora de Fernando Pessoa exerceu em tantos dos seus contemporâneos, António Luís Moita encaminha-se francamente para uma poesia vibrante e dramática. É o aceno de José Régio (veja-se o poema «Ícaro» ou «Epitáfios»), mas de um Régio que mais corajosamente saísse de si próprio para se projectar no mundo de todos, o que parece palpitar em muitos poemas deste livro. E talvez nos melhores poemas: «E só baixar. Feliz, flui. Perder-me / na multidão, na angústia que circula / humilde pela praça. Tomar parte / na dor comum, não tatuar-me dela». Deliberadamente partilhada ou em «solidária solidão», a mensagem deste tão límpido e requintado lírico é já a inicial anunciação do «futuro suspense», a nossa espera — a espera da «íntima modernidade».

É um livro pleno e augural o que António Luís Moita acaba de publicar. Entre os iludidos jogos, as fátuas escamoteações e os logros de fictícia originalidade em que outros ainda se comprazem — e, infelizmente, muitos dos mais jovens — este poeta aponta e realiza um fecundo caminho. (Portugália Editora, Lisboa).

Registo

• Narrativa fantástica, entre a literatura infantil e a penetrante poesia das coisas simples para toda a gente que saiba entendê-la, o livro «Joanica-Puff», de A. A. Milne, com líricos desenhos de E. Shepard, que a Editorial Minotauro acaba de publicar, é das criações mais originais que têm surgido ultimamente na nossa língua. Nos diálogos e nas ligeiras aventuras de animais com sentimentos humanos representa Milne, maravilhosamente, a ternura, a ironia, a curiosidade pelo finito e infinito, a descoberta paulatina do sentido da vida. Desde as crianças aos mais áridos adultos, ninguém ficará insensível ao encanto subtil deste livro — até pelo que há nele de irónico mistério.

• Problemas da Fenomenologia de Husserl, pelo professor da Faculdade de Filosofia de Braga, Julio Fragata S. J., é mais um volume da Coleção Filosofia que vem sendo editada pela Livraria Cruz, daquela cidade. O que há de doutrina sempre inacabada, mais virtual do que estrutural, na Fenomenologia, tem neste denso estudo crítico-especulativo uma interessante representação. A argúcia e sólido conhecimento doutrinal do autor abrem-lhe caminho a uma sugestiva análise em que estão subjacentes os seus inamovíveis dogmas, mas que deixa caminho aberto a outras interpretações. É, em qualquer caso, um tónico exercício intelectual a leitura desta obra.

• Azinha! Abelho publicou o volume de poemas «Os Anjos Cantam o Fado», heterogêneo amalgama de invocações patrióticas, apelos sebasticos, confissões líricas, visões exóticas de mau gosto (v. g. «Fado de José Régio»), poemas descritivos e satíricos, coisas em verso que não dizem coisa alguma — e até, por vezes, alguns versos sugestivos. O livro, no conjunto, é um enigma. Porquê e para quê foi escrito? E, sobretudo, para que foi publicado? A edição, naturalmente, é do autor.

• Horácio Nogueira é o autor de mais uma breve novela incluída na Coleção Imbondeiro, de Sá da Bandeira (Angola) e que se

intitula «Natal em S. Tomé». O pitoresco de tipos populares, brancos e negros, e das suas aventurosas peripécias de desenraizados, alimenta o interesse maior desta narrativa irregular, desordenada, mas de incontestável verve.

• Duas esplêndidas iniciativas editoriais vieram consagrar a corajosa missão de cultura que continua a exercer-se através de Publicações Europa-América: a reedição da novela «Engrenagem», de Soeiro Pereira Gomes, o malogrado escritor que mal pôde esboçar uma contribuição decisiva para o neo-realismo literário em Portugal — e que, mesmo assim, foi realmente decisiva; e a tradução portuguesa do grande romance de Ivo Andrić «A Ponte sobre o Drina», prémio Nobel de 1961, que a mais séria crítica estrangeira considera uma nova «Guerra e Paz», de ambiente balcânico e problemática humana atualizada. São dois livros de grande significação literária, cada um à sua escala e propósito, que Publicações Europa-América traz aos leitores portugueses de hoje.

Pela mesma editorial foram publicados mais dois volumes valiosos da Coleção Saber: «As grandes doutrinas económicas», por Arthur Taylor, síntese modelar e guia excelente para iniciação no mais vasto âmbito da especialidade; e «Introdução à Arqueologia», por V. Gordon Childe, um autor de divulgação em alto nível que não precisa de apresentação ante o público culto português e que traz nesta obra uma ótima contribuição formativa para o conhecimento da pré-história.

• A «Biblioteca dos Rapazes», seleccionada e criteriosa colecção da Portugália Editora, foi valorizada com mais dois volumes de muito diverso estilo mas igualmente empolgantes para os leitores juvenis: «Robin dos Bosques», a conhecida e sempre vivaz criação de Alexandre Dumas; e «Aventuras de um rapaz nas florestas do Amazonas», por Ballantyne, que mantém a quase um século de distância, o título bem merecido de grande mestre da literatura para a juventude. Mantendo em constante renovação a Biblioteca dos Rapazes, a Portugália Editora presta um serviço de boa e estimuladora pedagogia.

POETA CARLOS DRUMOND DE ANDRADE

Após uns trinta anos de zeloso exercício de funções públicas no Ministério da Educação e Cultura do Brasil, o insigne cronista Carlos Drummond de Andrade aposentou-se. O ministro dr. Oliveira Brito, no ofício que lhe dirigiu por esse motivo, escreveu: «Ao assinar o decreto de sua aposentadoria, como funcionário deste Ministério, transmito-lhe em nome do Governo da República, e no meu próprio, o reconhecimento da excepcionalidade dos seus méritos, na carreira exemplar em que se aplicaram a exactidão, a competência, a dedicação e a renúncia».

Em trinta e um anos de existência, esta Secretaria de Estado não contou entre seus servidores quem lhe excedesse no rigor do cumprimento do dever, na identificação com os seus mais altos objectivos, no desempenho exímio que deu à função pública.

Tendo ocupado por tantos anos, a chefia do gabinete do ministro, a modestia do cargo em que ora é aposentado, representa seu maior galardão, modelo dos que servem à causa pública sem dela servir-se.

Tudo isso, senhor Carlos Drummond de Andrade, se acrescenta à mensagem de grande poeta, de mestre de bem escrever, inseparáveis de sua personalidade e privilégio da inteligência brasileira.

Saiu o 3.º tomo da
**ENCICLOPÉDIA
DIAGRAMAS**

**AS PARTÍCULAS
FUNDAMENTAIS
DA MATÉRIA**
por R. Semon

OS SEGREDOS
DA CONSTITUIÇÃO DA MATÉRIA
DESVENDADOS PELA CIÊNCIA

1 volume de 100 páginas,
ilustrado 20\$00

PEÇA CONDIÇÕES
ESPECIAIS DE ASSINATURA A

ESTÚDIOS COR
Calçada dos Cucullinos, 20-A
Lisboa, 2